ALBERTO de OLIVEIRA

da Academia Brazileira

POESIAS

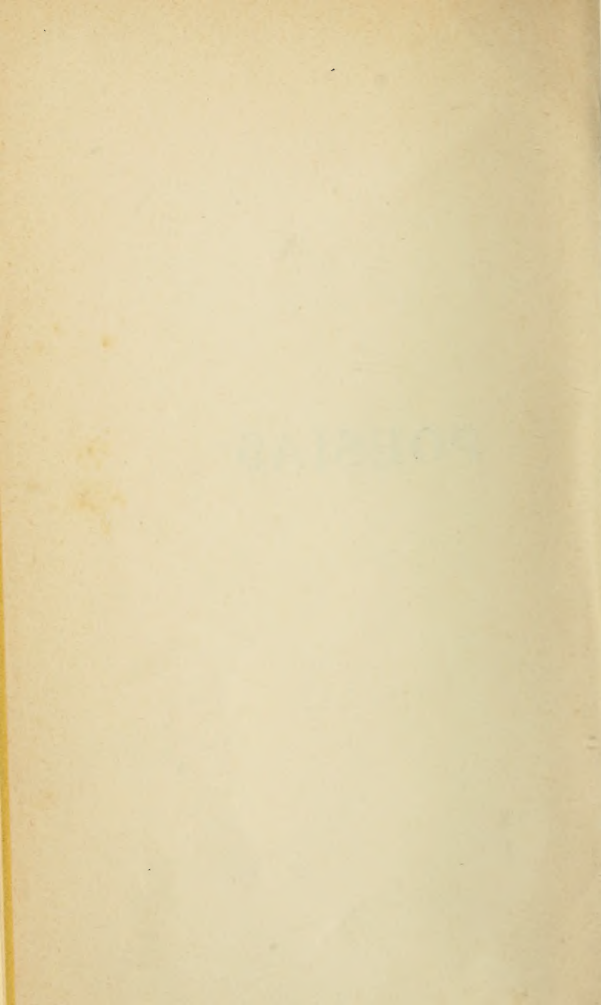
SEGUNDA SERIE

1892-1903

LIVRARIA GARNIER

109, rua do Ouvidor, RIO DE JANEIRO

-:- 6, rue des Saints-Pères, PARIS -:-

POESIAS

ALBERTO DE OLIVEIRA

POESIAS

Edição melhorada

(1892-1903)

SEGUNDA SERIE

LIVRO DE EMMA — ALMA LIVRE
TERRA NATAL — ALMA EM FLOR — FLORES
DA SERRA — VERSOS DE SAUDADE

LIVRARIA GARNIER

109, RUA DO OUVIDOR, 109 | 6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
RIO DE JANEIRO | PARIS

1912

LIVRO DE EMMA

(1892-1897)

Vou dizer, nas palavras mais breves, claras e sinceras que me sejam possiveis, as impressões em mim produzidas pela meditada leitura deste novo volume de Alberto de Oliveira.

Chamarei assim, leitor, a tua attenção para certos pontos. Combinarás com os meus os teus juizos. Resultará dahi poderes saborear de modo mais completo a obra do poeta.

Começo declarando que reputo o *Livro de Emma* o melhor dos até hoje publicados pelo autor.

Porque? Attende e verás.

Notam-se neste as mesmas qualidades dos quatro anteriores, *Canções*, *Romanticas*, *Meridionaes*, *Sonetos e Poemas*, *Versos e Rimas*. Consistem, em resumo, taes qualidades, — que a critica idonea assignalou em tempo e conferiram a Alberto de Oliveira eminente logar na litteratura patria, — no seguinte, quanto ao fundo: fidalguia e delicadeza de sentimentos; doçura e melancolia na maneira de considerar as cousas; amor á natureza e verdade em descrevel-a; original engenho em tirar effeitos poeticos de scenas e objectos vulgares. Enthusiasmo erotico e ternura, — eis os traços dominantes, no opinar de Araripe Junior.

No tocante á forma : correcção extrema de linguagem e de metrificação : riqueza de vocabulario : sobriedade, graça, colorido.

No *Livro de Emma* ha tudo isto, em subido gráo, menos enthusiasmo erotico, pois, é casto e puro da primeira á ultima linha. Accrescem, porém, valiosos predicados, que passo a enumerar.

— *Unidade de concepção.* Não é uma collecção de poesias avulsas, fragmentada em assumptos multiplos, reunida á lei da phantasia. Pertence ao genero do *Intermezzo* de Heine, ou, melhor, ao da *Vita Nuova* de Dante.

As quarenta e tres composições de que se forma obedecem a uma ideia commum, subordinam-se a um plano predeterminado, constituem um todo homogeneo, sendo cada uma dellas um episodio, concatenado aos mais do entrecho geral, — entrecho vago e subtil, mas facilmente apprehensivel. E' simples esse entrecho, como todas as cousas verdadeiramente bellas e grandes. Trata-se de uma visão de amor, joven, meiga e linda mulher, idealmente adorada, que a morte de subito arrebatou.

A sorpreza, a saudade, o desconforto, as desillusões, os mil sentimentos e sensações oriundos da desgraça, os aspectos que assumem os céus e a terra encarados através esses prismas, fornecem, em habil gradação, o assumpto de cada poesia. Paira sobre tudo a imagem suavemente triste da morta, para a qual cada verso desfere um suspiro ou emitte tenue espiral de perfume.

No *Corvo* de Edgar Pöe, a ave sinistra pousa sobre o busto de Pallas, proferindo incessante o fatidico : *never more*.

Aqui uma rôla alvissima, emblematica, magoada,

deslisa, em vôos remontados e lentos, de blandicia infinita, melancolia indizivel e commovedor encanto, sobre o marmore das estrophes, projectando sempre nellas a leve sombra mysteriosa. E' um delicioso *leitmotiv*, carinhosa e magistralmente desenvolvido.

Por conseguinte, o *Livro de Emma* sobreleva as antecedentes publicações de Alberto de Oliveira, pois é un genuino poema, na accepção elevada e hodierna da designação, um trabalho de folego, synthetico, sábia e inspiradamente concebido e executado, — filho, em summa, de um artista chegado á plenitude da sua força creadora.

— *Sentimento*. Nas poesias precedentes de Alberto observa-se muita emoção, sem o que elle não seria o poeta consagrado que é. Mas uma emoção concentrada, reservada, contida. Nunca uma explosão, — a violencia, o desespero. Recordavam ás vezes taes poesias as camelias brancas, soberbamente formosas, impeccaveis, de uma symetria absoluta nas petalas, mas frias e sem odor. Influencia talvez da escola parnasiana.

No *Livro de Emma*, não. Nada de penumbra, ou meia tinta. O sentimento vibra e transborda. O coração não murmura phrases veladas, escolhidas e discretas. Fala alto, brada, expande-se livre, porque soffre. Dahi tornarem-se os versos palpitantes, serem mais communicativos, inspirarem maior sympathia. Quem os percorre não se limita a admiral-os. Solta de momento a momento a exclamação de Desdemona, ouvindo os labores e infortunios de Othelo : *T' was pitiful 't was wondrous pitiful*!

E termina a leitura dando a penas tão tocantes o

world of sighs de que falava o mouro perante Brabantio e o Duque de Veneza.

— *Espontaneidade*. Queixavam-se alguns de que Alberto de Oliveira ia ficando um tanto amaneirado. Já no emprego constante de expressões archaicas, já na calculada construcção quinhentista das phrases, já nos frequentes *enjambements*, já nas assiduas mostras de erudição, e no luxo de referencias mytholohicas, de ordinario só accessiveis aos mandarins das lettras, parecia Alberto pender para o rebuscamento. Apenas uma tendencia, proveniente — quem sabe? — do demasiado esmero em limar o que escrevia. Tendencia infeliz, entretanto, com a qual se affligiam os seus amigos e admiradores. Vão elles agora regozijar-se, tranquillizar-se de todo. No *Livro de Emma* não se lhes deparará o minimo artificio ou affectação. A dor não anda á cata de formulas á moda, não segue os preceitos desta ou daquella escola, não se demora a talhar periodos em mirabolantes facetas.. Saltam, fluem indepententes e francas as suas manisfestações. Impressiona no *Livro de Emma* uma naturalidade, uma singeleza, uma frescura sem par, e, consequentemente, nobre eloquencia e calor. Muitas das actuaes poesias hão de ficar populares, repetidas de cór pelas almas simples. Encontra-se aqui o Alberto de Oliveira das *Canções Romanticas*, com os sonhos, as chimeras, a candura da adolescencia, apurados pela experiencia da vida. E privilegiados aquelles que podem na idade madura sentir e falar como na juventude!

Conheço Alberto dessa epoca, ha uns 22 annos. Através as vicissitudes de tão longo e agitado periodo, sempre o estimei, tributando ininterrupta

homenagem ao seu estro. Sempre me distinguiu elle com sympathica benevolencia.

Trouxe-me, ha dias, o manuscripto do *Livro de Emma*. Leu-m'o. A leitura commoveu-me. Achei o poema digno do maior encomio. Pediu-me então algumas linhas de prefacio. Recusei-me, allegando, sem falsa modestia, obvias razões. Acquiesci, emfim, ante gentilissima e generosa insistencia.

Julgas que fiz mal, leitor? Pois concordo comtigo. Seria bem dispensavel esta pratica, embora adrede curta, no limiar do *Livro de Emma*. Mas que queres? Cedi ao movimento instinctivo de quem grava rapidamente o seu nome na face de um monumento.

AFFONSO CELSO.

Villa Petiote — Petropolis, 18 de Maio de 1898

INTRODUCÇÃO

OBERON

Fetch me that flower; the herb I show'd thee once
The juice of it on sleeping eye-lids laid,
Will make or man or woman madly dote
Upon the next live creature that it sees.
Fetch me this herb : and be thou here again,
Ere the leviathan can swim a league.

PUCK

I'll put a girdle round about the earth
In forty minutes.

(W. SHAKSPERE. — *Midsummer night's dream.* Act II).

ALVORADA

No espaço. Oberon, de um throno de nuvens olha o Oriente.

OS GENIOS DO ORVALHO

São horas de descer ao calice das flores!
Gottas de orvalho, do ar, diamantes multicores,
Cahi!
A madrugada ahi vem! As petalas, formosas,
Dos puniceos botões, enamoradas rosas,
Abri!

OBERON

Robim! Robim!

ROBIM

Que ordena o meu senhor?

OBERON

O espaço
Olha, branquêa além... Como um reflexo de aço

Em polida armadura, o Oriente, ao longe, inteiro,
Num vago estremecer, abre o clarão primeiro.
Meia hora, se tanto,e o sol terá mostrado
A' ourela da montanha o disco avermelhado:
Antes, porém, que o faça,isto é, com a brevidade
Maxima, partirás.

ROBIM

Serena magestade,
Bello e altivo Oberon, mandae, que eu vos prometto
Nada me egualará no rapido trajecto;
Num abrir e fechar de olhos, esteja ao fundo
Do mar, transponha mesmo os terminos do mundo
O que ordenardes traga, aqui trarei.

OBERON

Escuta!

A ESTRELLA D'ALVA

Lá vem o dia! Ao sol que me deseja
Em vão me esquivo! já me alcança e beija,
Já mecega com o vivido esplendor
De seu olhar a luz formosa e pura,
E eu desmaio na altura,
Morta de amor!

ROBIM

É Venus! partes são com o amante, a mesma lucta
De sempre.

OBERON

A estrella canta, é que não tarda o dia.
Escuta! Sôa ao longe immensa gritaria!

Pios de aves, rugir de feras, farfalhadas
De folhagens com o vento, e roncos e chilradas...
É o universo que accorda, é a bulha das florestas
Saudando o sol, saudando a vida, echoando em festas,
Desmanchando-se á luz em canticos, subindo
Entre nuvens de aroma ao firmamento infindo!
Inda um momento, e aqui, além, por toda parte
Pompeará desfraldado o lucidoestandarte
Da manhan, terra e céus cobrindo... Ma sdepressa
Ao que é preciso : Vês alli, curva a cabeça,
A lyra de ouro ao lado, entre as ramagens, onde
Tardo a fugaz lanterna um vagalume esconde,
Aquelle vulto que dorme tranquillamente?
É um poeta, um sonhador ou louco — é indifferente;
Veiu talvez da noite ás ultimas estrellas
O rebanho contar, todo enlevado nellas;
Vibrou a lyra, encheu de harmonioso accento
Ao campo a solidão com o magico instrumento,
E adormeceu... Robim, se a rapidez de outrora
Inda possues, é voar e trazer sem demora
Aquella flor que a mim me serviu na vingança
Que tomei de Titania, um dia. Á semelhança
De então procederás, aqui mal chegues; pousa
Subtilmente na alfombra, onde feliz repousa
Este mortal e a geito embebe-lhe a pupilla
Do sumo que, esmagada, aquella planta estilla.
Quero que elle, accordando, arrebatado affecto
Sinta em seu coração pelo primeiro objecto
Que vir... Ah! que visão de um pouco de neblina
Vou tecer-lhe! que fórma aerea e peregrina!
Enganado ha de amar o que depois me apraza
Num gesto desfazer... E, vamos, solta essa aza!
Partir e já! Clarêa a luz no firmamento
E a alva estrella do amor desmaia...

ROBIM

É num momento!

A ESTRELLA D'ALVA (*apagando-se*)

Lá vem o dia! Ao sol que me deseja
Em vão me esquivo! já me alcança e beija,
Já me cega com o vivido esplendor
De seu olhar a luz formosa e pura,
E eu desmaio na altura,
Morta de amor!

PRIMEIRA PARTE

ACCORDANDO

Quero-te, vem! se acaso da neblina
Do sonho as fórmas desatar te é dado,
Se não és sonho tu, se ora accordado,
Posso tocar-te, sombra peregrina!

Com o mesmo rosto pallido e maguado,
Triste o sorriso á bocca purpurina,
Com o todo, emfim, de apparição divina,
Rompe da nevoa, meigo vulto amado!

Encarna-te! apparece! exsurge! acode!
E em minha fronte a coma ondeante e escura,
Cheia de orvalhos, humida, sacode;

Mas se te doe pisar este medonho
Chão de abrolhos que eu piso, imagem pura,
Torna outra vez a apparecer-me em sonho.

NEBLINA

Veiu, e fugiu-me... Alta, delgada, fria ...
Fria, talvez, da bruma, da humidade;
Do andar aquella estranha magestade.
Só se andasse uma estatua, é que 'a teria.

Solto o farto cabello, na sombria
Onda, ás plantas lhe vem. De uma piedade,
De uma ternura extrema e suavidade
O olhar nos doces raios se alumia.

E fugiu-me. Não foge, se o sol nasce,
A nevoa assim, não foge a nuvem leve
Tão leve! nem tão leve a sombra no ar!

Oh! se a visse outra vez! Se a tua face
Visse eu de novo, apparição de neve,
Gosando todo o bem de teu olhar!

Voltei de tua casa
Cheio de amor. A minha fronte abrasa.
Meus olhos, se os derramo
Em tôrno, em tòrno só te vêm, querida!
Teu nome está gravado em minha bocca!
Todo o meu pensamento em ti se esconde,
E se minh'alma escuto, escuto á louca :
Eu te amo! eu te amo!

Meu amor! minha vida!
Já não sei que fazer; a cada instante
Chamo-te delirante,
Chamo-te! E á voz de amor com que te chamo,
O coração responde :
Eu te amo! eu te amo!

DOLORA

Dizia-me a razão, antes de vêl-a :
— Não vás lá, se não queres ser sujeito
Ao seu olhar, que é como o olhar da estrella...
Fui. E agora a razão me diz : Bem feito!

E ardo e chóro. E ebriado de ventura,
Na propria pena que o lacera e rala,
O coração applaude-me a loucura...
— Fizeste bem! o coração me fala.

PENNA ABANDONADA

Penna que ao vento vaes, penna isolada,
Penna sem vida, que te quer o vento?
Onde irás tu cahir? terás da estrada
O pó? terás a luz do firmamento?

É como tu meu vário pensamento :
Amor o leva e, penna abandonada,
Vae onde vae a idéa desejada,
Vae á mercê do amor, que é seu tormento.

A ti, talvez, passando, uma ave leve
No róseo bico, e irás formar seu ninho
E entre pennas dormir, penna de neve ;

A elle, o pensamento — penna escura,
Quem ha de erguer em meio do caminho,
Quando o repelle a minha desventura?

GOLPE MORTAL

Quando o indio, no golpe ousado,
Acommette a arvore annosa,
Sob o fio do machado
Flue a resina cheirosa.

Tambem de Emma o olhar, um dia,
Feriu-me, e todo o thesouro
De minh'alma na poesia
Brilhou fóra em versos de ouro.

E eu, como a arvore ferida
Do indio ousado ao golpe adverso,
Senti que era a propria vida
Que estillava a verso e verso.

E quando ante os olhos de Emma,
A vida que me escapava
Eu, sob a fórma de um poema,
Em prantos apresentava,

Como o indio que nada sente
Vendo a arvore derrubada,
Ella olhou-me indifferente,
Olhou-me e... não disse nada.

CANÇÃO DE ARIEL

Em nuvem leve, ainda mais leve
Que o fugitivo flócco
De espuma ou neve,
Passa Ariel a cantar : — « Genios, eu v
Vinde do bosque ou das collinas,
Com festões ou grinaldas
De alvas boninas ;
Deixae do alpestre monte as verdejantes faldas
E as vertentes silenciosas !
Os vossos instrumentos,
— Almas maviosas,
Lyras e harpas trazei, genios que erraes aos vento

A ilha ideal que se recame
Toda de rosas ! Eia,
Pistillo e estame
Deixae, abelhas de ouro, e de canções enchei-a !
Vinde, libellulas de prata,
Que ides banhar-vos lestas
Lá na cascata,

bailar por campos e florestas!
le, vós todos, e cercae-a,
lla, que a cabeça
nde e desmaia;
a voz afinar e uma canção depressa!

e do somno entre os vapores,
o pela espessura
A alma das flores,
a alma gentil que esta soidão procura.
le! Porém, que vos não veja
elle genio alado
e leve adeja
passa aqui com a aljava de ouro ao lado!
Que vos não veja e vos não siga
Elle, que á fina e clara
inimiga
tem sempre e é morte a flecha que dispara

Guardae-a bem, ficae-me a postos,
Genios! E arda a alegria
Nos vossos rostos,
um bailado dansae, antes que rompa o dia!»
Emma, assim, no ar ouvindo
Este canto, adormece,
Entre-sorrindo
Sonhando, á manhan que pallida apparece;
Assim, a lyra de ouro e neve
Presa do leve braço,
Em nuvem leve
Passa Ariel a cantar, embalado no espaço.

FALANDO Á PENNA

Penna, embebida em lagrimas, confia
Ao verso e á rima a dor que me devora,
Minora o meu soffrer, a ancia minora
Em que hei passado este afflictivo dia.

Julgue, lendo-me, aquella que á poesia
Na aza do sonho me arrebata agora,
Esta viva paixão que de hora em hora
Todo me abala e por meu rosto espia.

Pinta... Mas não, partir-te ás mãos eu devo!
Mal traduzes o mal que á dor me eleva!
Nem com o fogo que choro a angustia pinto...

Que eu não saiba dizer-lhe isto que escrevo,
E que, inda assim, pesar do que me leva,
É menos de metade do que sinto!

ESCADA PHANTASTICA

Ao deitar-se uma vez, do toucador no marmore
Emma um frasco de essencia aberto, casualmente,
Esquece, e, emquanto, após breve oração, risonha
A bocca se lhe cerra, e ella tranquilla sonha
O que póde sonhar-lhe o espirito innocente:

Ao seu lado — talvez magia dessa lampada,
Cuja luz derramava um vasquejar de occaso
No calado aposento, em torno, a cada objecto
Emprestando não sei que singular aspecto, —
Passava-se áquella hora este inaudito caso:

Do vidro de perfume, em frouxa nevoa diaphana,
Ao tecto extensa escada em espiral subia,
Em cujas voltas, sôlta a cabelleira ondeante,
Nuas carnes á mostra, o seio palpitante,
Reclinada, a scismar, uma mulher se via.

Esta, que acima está, que vaporosa e mystica
Tem a figura! o olhar que languidez o invade!
Aquella a imagem viva é em tudo da luxuria;
Desta no labio em flor, na carnação purpurea
Como se sente o ardor febril da mocidade!

E ia aos balouços no ar a torsa escada tremula,
Para cá, para lá, quando um subtil queixume
Se ouviu, como a lembrar esse sussurro vago
Das libellulas sobre o quieto azul de um lago;
Soluçavam no espaço as filhas do perfume :

— A alma eu sou de uma rosa. Os meus cabellos de ebano
Dizem bem com o coral que a minha bocca encerra;
Amo : estremeço toda á sensação que, infinda,
Me deu um dia o sol quando eu, botão ainda,
Elle veiu e um jardim me viu florir na terra.

— Magnolina é meu nome. A minha tez é pallida,
A um desejo de fogo os seios meus palpitam;
Oh ! que saudade immensa ao me lembrar dess'hora
Em que o bosque desperta, em que o pallor da aurora
Mal começa, e na serra os pinheiraes se agitam !

Outra : — De natural simples, modesto e timido,
Eu sou. Nasci á luz de uma gotta de orvalho.
É violeta o meu nome; um canto escuso, a alfombra
Da verdura, o silencio, a solidão e a sombra
Eis tudo quanto aspiro, eu que bem pouco valho.

Outra : — Nasci ouvindo a abelhas de ouro o cantico;
Á larangeira em flor devo o meu ser franzino;
Sou casta, amo vagar com os niveos pés nos ares,
Taes como outrora vi sobre a campina, aos pares,
Borboletas que á luz corriam sem destino...

E ia aos balouços no ar a torsa escada tremula,
Para cá, para lá, com as filhas do perfume;
E uma especie de occaso, em tôrno, a cada objecto
Emprestava não sei que singular aspecto,
Da lampada de prata ao mysterioso lume.

Mas, a mau sonho, inquieta, Emma no leito move-se,
Grita... De cima abaixo a escada arfa e estremece...
Estremece... estremece... e de repente, sôlta,
Sem equilibrio mais, fragmenta-se revolta,
E em leve nuvem no ar tudo desapparece.

VOLUBILIS

Crês que me tens captivo?
Não! nesta hora, mulher, meu genio pensativo.
Minh' alma apaixonada
É livre, anda no céu com as aves da alvorada,
Com a aragem vôa e corre o valle e a selva, brilha
Com o sol, ou baixa além — alcyone cançada,
Á sombra de uma ilha...

Oh! que poesia estranha
Derrama a luz do luar nas abas da montanha!
Lá muita vez minh'alma
Vae buscar de um coqueiro a movediça palma:
Ahi pousa e ouve enlevada as estrophes soturnas
Com que o vento a gemer quebra a nocturna calma.
Enlapado nas furnas.

Outra vez (e imaginas
Que captivo me tens!) acompanha as neblinas;
Aos pincaros se atreve,
Sobe e, aerea, a girar, phantastica, descreve

Ronda lasciva ao luar; roda um momento, vôa.
E vem bordar de orvalho um véu de rendas, leve.
Aos juncos da lagoa.

Alli, quieto, sombrio,
Ha um bosque e dentro delle a agua de um grande rio;
Sobre ella o matto denso
Tece um caramanchel, do cipoal suspenso;
No barreiro amarello, abrindo em cada fragua,
Brotam flores e alastra uma espiral de incenso
Á superficie d'agua.

Ao pôr do sol, a essa hora
Em que um toque de luz o occaso aviva e côra,
E infinita tristeza
Véla como de crepe a toda a natureza,
Alli scisma minh'alma : as arvores a viram!
Olha o rio e acompanha á flor da correnteza
As folhas que cahíram.

Oh! bem haja o momento
Em que ao puro ideal volvi meu pensamento,
Em que a poesia casta,
Nuvem me deu de luz, que para além me afasta!
Bem haja, porque em mim, quando se desenrola
A tristeza da vida, a sua imagem basta,
Ella é que me consola!

Bem haja o amor ignoto
Que á grande natureza eu de toda alma voto,
E que me arrasta a vêl-a,
A estudal-a, a sentil-a, a amal-a, a comprehendel-a:
Amor que faz até que a ti, piedosa e pura,
Eu esqueça, abysmado em seu clarão de estrella,
Em sua formosura!

Bem haja! porque, fundo,
Se um dia me amargar o tedio deste mundo
E eu sem remedio achar-me
Entre os homens, por certo elle virá curar-me,
E ha de o seio me abrir, dando-me paz inteira,
Quando em seu puro altar eu tiver de ajoelhar me
Na oração derradeira.

UM ATOMO

É um atomo de ferro. A sua edade a edade
É do mundo. A existir por toda a eternidade,
Do ignoto vem e para o infinito caminha.
Que era em antes de ser o que é? que fórma tinha?
Onde foi que surgiu e como? Desconhece.
Quando é longa a existencia, o seu começo esquece,
E a do atomo transpõe os tempos. Todavia,
Elle que, nova, em flor, inda ao principio, um dia
Do seio o desentranha a terra, se recorda;
E se recorda mais que de uma gruta á borda
Se viu remotamente em fórma avermelhada
De oxydo, a colorir-lhe o verde limo á entrada.
Varias combinações que o que é materia soffre,
Allianças em que entrou com o chloro, o iodo, o enxofre
E varios corpos, saes de toda a côr formando,
Dias que, lento e surdo, esteve elaborando
Das pyrites a massa e a massa dos pesados
Imans que jazem sob a terra sepultados,
Tudo á sua memoria acode, mas incerto;
Lembra-se haver descido á fonte de um deserto
Numa pedra brutal desgalgada de um monte;

Lembra-se haver ouvido o chôro áquelle fonte
E ter ido a rolar com as suas crystallinas
Aguas e seixos por vallados e campinas;
Lembra-se que um volcão explodira mais tarde;
Entre o espesso betume e a lava e o sulphur que arde,
Entre a deflagração de corpos mil que troam,
Elle, o atomo, se viu. Os seculos se escoam.
É um dia de batalha: ao sol, um do outro em frente,
Dois exercitos vêm-se e atropeladamente
Chocam-se. Um general em ardego ginete
Cruza. Lampeja no ar, rapido, um capacete.
Nelle, lembra-se ainda o atomo, se achava.
Passou dahi mais tarde a existir numa aljava,
Parte de um pique foi, de uma couraça parte;
Régia espada a pender de rico talabarte
Teve o ao gume. Entre as mãos de Cesar victorioso
Fulgiu num gladio; entrou no oceano magestoso
De uma quilha no tope, em nau de largas velas;
Depois se enferrujou, ao clarão das estrellas,
Dormindo á noite sobre as ondas que de rastros
O levavam, levando os destroços dos mastros;
De solitaria costa ás praias impellido
Foi com o rôto madeiro a que estivera unido.
Dahi, lembra-se mais, arvore annosa o toma,
Fal-o em seiva subir á sua esparsa coma,
E, assim, ás virações que vêm do mar, suspira,
Toda verde, a cantar, como uma grande lyra...
Oh! do atomo na terra a trajectoria excede
A' da estrella que o céu de pólo a pólo mede;
— Sol obscuro, elle vae, preso a um systema ignoto,
Do universo através, em seu continuo moto;
Todas as creações, todas as cousas, tudo
Perlustra, explora, anima e, sempre activo e mudo,
Sempre indestructo, eterno, o que hoje cae desfeito

Recompõe amanhan em outro ser perfeito;
Ao que sem fórma jaz, nova estructura tece;
Principio a tudo, em tudo o atomo apparece!
Este, depois que a vida em seu mais rude aspecto
Animara — e á lembrança agora esse trajecto
Longo lhe vem — lhe apraz ora em teu corpo ardente,
Ó Emma, circular do sangue na corrente;
Ouve-o! é elle que, ao sol da mocidade, o poema
Da saude e do amor canta em teus labios, Emma!
Ouve-o! é elle que ao rosto essas vermelhas rosas,
Tão vermelhas assim, te pôz e tão formosas!
Ouve-o! é elle que pede, é elle que murmura :
— « Deixa-me aqui viver, carne cheirosa e pura,
Deixa-me aqui viver perpetuamente! a vida
Só agora a comprehendo aqui, carne querida!
Ah! que fogo, ao correr-te os musculos, me inflamma,
Desta rêde arterial embalado na trama!
Que ancia no collo teu, no candido regaço,
Que suave desmaiar, que amoroso cançaço!
Que desejo, ao roçar dos seios teus pudicos
Os marfineos botões, os levantados bicos!
Ah! que doce existir, carne piedosa, agora!
Deste sangue em raudaes na diluida aurora
Afoga-me, abafando a queixa que tamanha
De tão longe e por tudo ha tanto me acompanha!
Deixa-me aqui viver, guarda-me aqui! Bemdicta
A alma seja e feliz que neste corpo habita!
Bemdicta esta em quem vivo, em cujo sangue corre
O atomo vil, bemdicta! Ella é que me soccorre,
Ella é que me consola em meu destino vario!
Ella unica foi a abrir-me do santuario
De um gôso não sabido as portas! E eu me inflammo,
Eu ardo. Um 'alma eu sou que pede outra alma. Eu amo! »

IMMORTAL

Não ser eterna a tua formosura!
Essa marmorea tez, essa marmorea
Presença tua, teu olhar tão doce,
Teus rubros labios, tua coma escura,
Tudo o que em ti traduz a pompa, a gloria
Da mocidade, tudo eterno fôsse!

Do tempo a mão sacrilega poupasse
De teus contornos o supremo encanto,
A linha ideal, que me arrebata agora;
Ficasse a mesma tua eburnea face,
Tu ficasses a mesma e, á espadua o manto,
Voasses, rainha, pelos sec'los fóra;

E quando a fronte me alvejasse inteira,
Velho, trôpego já, me fosse dado
Vêr-te ainda uma vez, uma sómente;
Mas vêr-te e inda sentir esta cegueira
Douda por ti, mas vêr-te e, alvoroçado,
Tornar-me ás veias o meu sangue ardente;

Vêr-te, como através de espessa bruma,
Em clima frio, o sol que por momento
Rubido assoma, brilha e tudo invade;
E por momento eu crer que de uma em uma
Tornam as illusões, e o firmamento
Reapparece da extincta mocidade;

Vêr-te, e a febre que as temporas me incende,
Arder de novo, e novamente o peito
Bater-me, do desejo á sêde infinda;
E o céu que amo, o ar que aspiro, a luz que esplende,
Tudo ouvir que num cantico desfeito
Me diz : — « Alegra-te! estás moço ainda!

Gosa! estás moço! mas um dia apenas!
Gosa! resuscitamos para dar-te
m dia apenas quanto tens vivido. »
— E as mãos erguendo, eu tactear as pennas
Dos sonhos que espalhei por toda a parte,
— Aves de um dia que julguei perdido;

Vêr-te e morrer cantando, em voz anciosa,
As syllabas de luz do poema de ouro
Que todos, moços, tanta vez cantamos,
Como ao nascer de uma manhan formosa
Se unem aos raios do Levante louro
Na mesma trova os sabiás nos ramos:

Vêr-te e morrer depois! que mais quizera!?
Meu doudo sonho! mas morrer, vibrante,
Tremulo ainda de paixões, de zelos!
Inda o cheiro a beber da primavera
Nos teus vestidos, inda palpitante
Minha bocca a sumir nos teus cabellos!

E tu, sobre meu peito reclinada,
Com a mão nervosa me apertando a cinta,
A contar-me os teus ultimos segredos...
Assim num'harpa antiga e abandonada
Alguem, saudoso de harmonia extincta,
Lembra-se um dia de correr os dedos;

E corda a corda, como na sombria
Face de um lago um fremito perpassa,
Um fremito de sons por ella corre;
Mas afinal ao somno em que jazia
Torna o instrumento. E o fremito esvoaça,
Esvoaça ainda e vagaroso morre...

FIO D'AGUA

É um tenue fio d'agua : mal bastara
A reflectir o vôo á abelha errante,
Ou, como espelho de crystal brilhante,
De um lirio a face avelludada e clara.

Dentre as taliscas de uma pedra brota
E salta, onde espinhoso o cardo medra,
E, vivissima prata, gotta a gotta,
Escorre, como a lagrima da pedra.

Por um leito de musgos róla e passa,
E, como de um collar, perolas sôltas
Esparze; douda, a acompanhal-o ás voltas,
A borboleta celere esvoaça.

E ella não só, mas das gramineas rentes,
Das raizes, das folhas e das flores
Seguem-lhe o curso, azas phosphorescentes
Vibrando, insectos varios de mil cores.

E' que, como entre os homens, a uma pura
Affeição muitas vezes se nos prende
A vida, e o mundo e tudo mais depende
Para nós de uma mesma creatura :

Têm elles a existencia presa áquella
Agua escassa, e por isso entre selvagem
Musica, todos acercados della,
Lhe festejam felizes a passagem.

Mas quando o sol na incandescente fragua
Tudo abrasar, — como a affeição querida
Quando nos foge — ai! delles nesta vida
Se lhes faltar aquelle fio d'agua!

FALSOS RECEIOS

Porque a idéa da morte,
Hoje, que nos amamos?
Tarde chega a manhan que em sonhos viamos,
Mas chega, e embora o céu de quando em quando
Nuvens sombrias cortem, dentro n'alma,
Como os passaros dentro do arvoredo,
Estremecemos de intimo alvoroço,
E os corações ouvimos que nos dizem
Palpitantes : — É dia!

Já se casaram rindo
Em seu primeiro beijo
Os labios nossos... É a manhan que nasce!
Desejamol-a tanto, desejamol-a
Por entre tantas lagrimas, tão quente
Foi nossa prece que, piedosa e meiga,
Ella accordou emfim, desceu no Oriente
A clara escadaria de seus paços
E appareceu sorrindo.

Á sua luz — embora
Um bulcão se lhe opponha —

Juntámos nossas mãos, num longo amplexo
Nossos corpos juntámos... Que mais queres?
Pois tu, que mais do que eu, sabes que raras
São da existencia as horas de ventura,
Não pensas que entre os poucos figuramos
A quem sorriram de felicidade
Uns rapidos momentos?

Motivo é para bençãos
O que da sorte houvemos!
Porque desesperar pela demora
Em que vem, pesadissimos vapores
Rasgando, o sol, que a todo o firmamento
Ha de entrajar de luz, quando alto seja,
Livre emfim dessas nuvens que o sepultam
Mas que se hão de afastar, para que esplenda
O mais bello dos dias?

Porque a idéa da morte
Hoje, que nos amamos?
Sabe que — acreditando-te propheta,
Se morte quer dizer — afastamento,
— Separação — se morte significa,
Eu não a temo, não, porque a certeza
Tenho que, aqui, alli, de qualquer modo,
A ti, que me não crês, por laço eterno
Serei unido sempre.

Se o turbilhão medonho,
Que as existencias leva,
Me arrebatar primeiro, se primeiro
Eu tiver de cahir, sabe que, cheio
Como trago de ti meu pensamento,
Seja o que fôr, divida-se a minh' alma

Por mil vidas : cada uma dessas vidas
Lá, no ignoto, num cantico perenne
Murmurará teu nome.

Porque a idéa da morte
Hoje, que nos amamos?
O amor, como o sentimos, nada teme;
As azas com que outrora o figuravam,
Sobre tudo se elevam, sobre tudo
Pairam serenas, e chegado o instante
Em que os corpos por terra desfallecem,
Desfecham-se num vôo soberano
Desta para outra vida...

CORAÇÃO MORIBUNDO

Esta em quem morro, a cujo peito um dia,
Como um dote de lagrimas, fui dado,
Na angustia d'alma, o erro chorosa expia
De tanto haver inutilmente amado;

Solitaria, nos transes da agonia
Vae-se e, expirando, vê com olhar maguado
Que nem lhe vem tomar da mão já fria,
No adeus extremo, o seu ideal sonhado.

Os homens... Nenhum soube que doçura
Em mim guardava! amor demais, explica
Minha ventura, e minha desventura;

Prestes, — pendulo inutil — neste seio
Serei sem vida... E tudo o que me fica
É a saudade de um bem... que nunca veio.

MORTA

Emquanto ao pé do leito em que Emma adormecida
Jaz no somno final, a mãe que se desvaira
Palpa do coração a angustiosa ferida, —
A alma, a força que ha pouco a animara na vida,
De azas abertas no ar sobre o cadaver paira.

Enche-a, fal-a vibrar num secreto arrepio
O assombro que lhe causa o ter de, só, talvez,
Ir bater do mysterio ao penetral sombrio;
E antes de remontar, lança a esse corpo frio
O seu saudoso olhar pela ultima vez.

— « Carne que tanto amei, doce prisão! — murmura,
Adeus! sósinha vou deixar-te em abandono.
Vinda é a hora fatal em que á serena altura
Sobe o espirito, e desce o corpo á sepultura,
Onde ha de apodrecer no derradeiro somno.

Inda um momento, e em seu subterraneo escondrijo,
Onde a espreitar quem vem ha seculos estão,
Os vermes sentirás, no insano regosijo,
Aos cardumes ferver sobre teu peito rijo,
Da materia operando a decomposição.

E ness'hora, talvez, de minha eternidade,
(Console-te isto) a voar no turbilhão fecundo
Dos seres, eu terei uma vaga saudade,
Lembrando que feliz a tua mocidade!
Que ancia de rir ao sol em teu olhar profundo!

De lá, repetirei, — como a canção maguada
Com que alguem se distrae, longe de seu paiz,
Este echo de mim mesma — a voz! que, apaixonada,
Como um sopro, agitava a rosa ensanguentada
De teus labios, que abrir a um movimento eu fiz.

De lá, como é de crer a delicada essencia,
Que do espaço através leva a aragem comsigo,
Anda a flor a lembrar onde teve a existencia :
Eu me recordarei, em minha eterna ausencia,
Dos momentos da terra em que vivi comtigo.

Era eu que ao pôr do sol, pelas tardes saudosas,
Fazia de teu seio a curva palpitar,
Eu te esculpi do flanco as linhas flexuosas
E ás faces te accendi aquellas duas rosas,
Que ora ao frio da morte acabam de esmaiar.

Como vae pouco a pouco as fibras de uma planta
Seiva amiga estendendo, e vinga a planta e cresce,
E arvore, um dia emfim, de todo se alevanta,
Onde as aves juntando, a madrugada canta,
E os raios esparzindo, o dia resplandece :

Eu te fiz, palmo a palmo, ir crescendo... crescendo,
Té á edade chegar onde começa o amor;
E então que doce ouvir — a alvorada prevendo
Em que ias despertar — teu coração batendo,
Como o apresssado ruflo inquieto de um tambor!

Quinze annos era um dia a tua edade apenas,
Quando estremeces toda e sem que o saibas como!
Razam-se os olhos d'agua, arfam-te as mãos pequenas,
Corre-te um frio suor pelas curvas morenas
E o seio virginal incha á feição de um pomo...

Era eu! Vinha dizer-te : — Ama! começa agora
A vida! ama e padece! a alma t'o ordena — e quer!
E amaste! E no teu sangue eu palpitei sonora,
Eu cantei, eu rugi! E foste desde ess'hora
A belleza sem par, a esplendida mulher!

Como, depois que entrou no largo firmamento,
A' nuvem que ficára um minuto em repouso,
Apraz subir mais alto, impellida do vento :
Tal, chegando a essa edade, um desejo violento
Tiveste de attingir toda a altura do gôso.

Se então, da luz do Oriente á agonia da tarde,
Tu te estorceste em vão entre angustias mortaes,
Se eu não te satisfiz a ancia rebelde que arde,
É que por uma lei, — que eu respeitei covarde
E é contra a natureza, — era impossivel mais!.

E assim vieste a morrer, virgem de humano tacto,
Em arrancos de dor abafando o teu hymno...
— Tal nasce ao pé da noite e á noite mesmo, intacto,
Murcha, unindo num feixe as petalas, o cacto,
E a essencia virginal entrega ao seu destino.

E ora... Mas com que fim dar a este corpo inerte
Tanto apreço?! Demais, ó carne, onde vivi,
Vaes tomando outra cor, entras a desfazer-te,
E dóe-me a confissão — já me repugna vêr-te,
Cheiras mal, e é mister que eu me afaste daqui. »

. . . .

Mãe, angustiada mãe! foi ness'hora suprema
Que, a prece interrompendo onde o soffrer transvazas,
Ouviste em tua dor — como a harmonia extrema
De uma extincta canção — sobre o cadaver de Emma,
Nas cortinas do leito, um movimento de azas...

SEGUNDA PARTE

Qué es la vida? Una ilusion,
Una sombra, una ficcion,
Y el mayor bien es pequeño
Que toda la vida es sueño,
Y los sueños sueños son.

(Calderon de la Barca. — *La vida es sueño*)

ALVORADA

Accorda! á ave na selva,
Ás flôres no agasalho
Da relva;
Á aranha em cuja corda
Treme a gotta de orvalho :
Accorda!

Do canniçal ás flechas,
Do matagal ás ramas
Implexas;
A' serra em cuja altura
Um diadema de chammas
Fulgura :

Accorda! aos azulados
Lagos, eternamente
Deitados;
Ao nenuphar que borda
O espelho da corrente :
Accorda!

Accorda! a luz do dia,
Vivida, a tudo em roda
Dizia,
E toda a natureza
Accorda, ouvindo-a, toda
Surpresa.

As aves, uma a uma,
A flor, o insecto, o vento,
A espuma,
O rio que transborda,
Tudo num movimento
Accorda.

Mas lá no fim da estrada
Uma casinha vê-se
Fechada...
— Que é da gentil senhora
Que de accordar se esquece
Agora?

Luz da manhan brilhante,
Ella está morta, morta...
Adeante!
Ella alli está sem vida,
Por trás daquella porta,
Cahida!

Ella alli está... No emtanto,
Livre, afinal, su' alma,
Num canto,
Como de um ninho á borda,
A uma outra luz, mais calma
Accorda.

ESPIRAL DE FUMO

Dentre os labios sahi deste que alli se embala,
Preso á bocca o cachimbo e, olhando o tecto, fuma;
Vaga essencia immortal, captiva nesta sala,
Eis-me suspensa, a voar, como ligeira bruma.
O ar é leve, alonguemo-nos, subamos,
E se uma frincha tem lá em cima aquella
Porta ou janella
Vejamos!

Tudo fechado! tudo um carcere medonho!.
Ora, subamos inda. O tecto desta casa
Deixa passar do poeta o pensamento, o sonho...
Tenue, em tenue espiral, como uma ponta de aza,
Por elle fóra romperei tambem
E irei sonhar no lucido regaço
Do alto espaço,
Além!

Nem uma fresta, horror! tudo fechado, tudo!
Té quando aqui ficar, na ancia que me devora?!
Mas se a fórma que tenho eu de repente mudo?
Se em formosa visão eu me transformo agora?

Mãos á obra! sejamos vingativa
Para com quem, sem me attender á queixa,
Aqui me deixa
Captiva.

Vou tomar a figura esbelta e voluptuosa
Da mais bella mulher que haja encantado a mente
De um poeta; e ao ver-me assim, — alma febril e anciosa,
Elle, os braços, convulso, erguendo de repente,
Ha de chamar-me... E eu sempre errante, a voar,
Fugindo irei, té me perder cançada,
Espiralada
No ar...

(M. FLORES)

Sonhava que te via.
Triste e só me encerrara no aposento
E escrevia... não sei o que escrevia!
Escrevia de amor e sentimento,
Porque pensava em ti; talvez buscava
Expressar no papel, scismando attento,
A infinita paixão com que te amava.

De prompto, silenciosa,
Uma figura branca e vaporosa
Apparece-me, um braço palpitante
Toca-me o hombro, e nesse mesmo instante
Sinto contra o meu rosto, de élo em élo,
Desatar-se uma trança de cabello...
Sobre meus labios, como o afflar de um beijo,
Um offêgo perpassa olente e brando;
Ergo os meus olhos e os teus olhos vejo
Que me estavam dulcissimos olhando,
Mas tão perto se achavam que me tinha
Preso um extase e, assim como em desmaio,
Via na luz serena de seu raio

Descer tu'alma e se abraçar com a minha.
Depois, leve, em meu rosto
Um beijo, melancolica, imprimiste,
E o teu olhar celeste
No meu suave e novamente posto,
Em voz baixa, mui baixa, me disseste:
— « Escreves-me e estás triste,
Porque ausente me julgas, pobre amigo;
Porém, não sabes tu que, eternamente,
Longe embora de ti, vivo comtigo? »

. . . .

Deste sonho acompanha-me a saudade,
Mas agora a razão tenho-a mais calma,
E entre mim triste penso: — Esta é a verdade:
Como póde jamais estar ausente
Quem existe immortal dentro em noss'alma?

SOBRE A NUVEM

Como a chamasse, approximou-se a nuvem.
« — Queres viajar, então? no desespero
De que te queixas, queres da que habitas
Negra região passar ás infinitas
Regiões da luz e das estrellas? » — Quero.

— « Vem! » E ao seio tomou-me a nuvem rapida,
Tomou-me e ergueu-se. Nada ao que ficava,
Olhos enxutos, peito aberto e ancioso,
Nada, nem um adeus! eu dessaudoso,
Nada, nem uma lagrima! deixava!

Livre de tudo, emfim, contente ergui-me!
Livre! Como minh'alma sobranceira,
Subindo mais e mais, a cada passo,
Olhava desdenhosa, do alto espaço,
A terra embaixo a negrejar em poeira!

Livre! Com que prazer meus pulmões avidos
Enchi de ar! livre emfim! livre! Podia
Agora, como o vento, em liberdade,
Expandir-me naquella immensidade,
Dizer alto num grito o que sentia.

Livre! E a nuvem rompeu a altura immensa.
Entranhou-se no azul. Volvendo abaixo
De quando em quando os olhos, entretanto,
Da escuridão das sombras entre o manto,
Eu via arder como um vermelho facho.

— É ella ainda, essa terra! ao longe e rapido!
Mais longe! — E onde ninguem com o pensamento
Sequer chegou, me foi levando aquella
Nuvem, já por debaixo de uma estrella,
Já por cima, aos sem-fins do firmamento.

Mas agora um pesar me invade aos poucos.
Pesar? Não sei se exprimo bem essa ancia,
Essa vertigem não sentida e estranha,
Tedio ou magua maior, que me acompanha,
E que era como o enfaro da distancia.

Já me aborrece o lucido espectaculo
De astros e astros... Meu Deus, por que loucura
Vim até este vasto sorvedouro,
Onde monstros errantes, de olhos de ouro,
Passam chispando pela noite escura!

E a mais e mais ia subindo a nuvem,
E era já com saudade, com um profundo
Desejo ardente, que eu achar tentava
A terra, e a procurava, procurava...
Nem sequer um vestigio desse mundo!

Tudo escuro aos meus pés, cavado e tetrico!
— Oh! se um momento, um só (commigo scismo)
Se um momento aos meus olhos fôsse dado
Vêr lá embaixo uma luz, um desmaiado
Clarão embora, nesse torvo abysmo!.

E sobre a nuvem me debruço afflicto
E ólho : o mesmo negrume espesso e horrendo!
E a nuvem sobe... Mas aos meus ouvidos
Estes sons me chegaram, desferidos
Ignoro donde e que escutei tremendo :

« Homem, que um cego ideal traz a estes páramos,
Soffre do erro em que estás o atroz castigo,
E ás dores que continuo te consomem,
Falar não faças... Nada sabe do homem,
Nada aqui póde abrir-lhe um seio amigo. »

E eu, ouvindo estas vozes, entre o assombro
Que ellas deixavam na minh'alma insana,
Alli fiquei, attonito, surpreso,
Sentindo agora, como um grande peso,
Toda a saudade da miseria humana.

FLOR MORIBUNDA

Chamo-me flor do baile. A linda estrella Vesper
Viu-me ao desabrochar
E disse-me : — « Feliz, tu vaes viver e amar! — »
Mas meu leito é uma rocha, o sol me queima as petalas..
Estrella do pastor,
Morro de tanta luz, morro de sêde e amor!

Nascer hoje, espreitar sómente a vida ephemera,
Mal o horizonte ver,
Mal ver o que me cerca, e hoje mesmo morrer!
Cabe destino egual a tudo o mais? Ignoro-o!
Se a vida é um sonho vão,
Não me fôra melhor nunca sahir do chão?

Um só momento vi alma, como eu, miserrima,
Condoer-se de meu mal
E acercar-se de mim na scena universal;
Era um'ave irisada, um beija-flor... fugiu-me!
Estrella do pastor,
Sabes dizer-me acaso onde anda o meu amor?

A impiedade do sol, a arder em fogo, mata-me.
Alma que eu tinha aqui,
Pobre essencia de flor, ah! que vae ser de ti!
Vaes deixar a maciez de minhas folhas niveas,
Vaes, erradia e só,
Macular-te, talvez, neste ambiente de pó!

Mas se a um desejo meu attendes meiga, escuta-me:
A' terra de ouro e anil
Onde os astros estão, sóbe, essencia gentil!
Sóbe! e se acaso é lei que vivas inda, encarna-te
Na estrella do pastor...
Ella éa estrella do orvalho, ella é a estrella do amor!

COUSAS MORTAS

— « Levanta-te, pobre amiga! »
Tão grande é o sol que á menor
Das plantas talvez que diga,
Vendo-a sem folha nem flor.

Folha e flor, tanta guardava!
Mas o vento eis senão quando
As despenca e vae levando,
Com a vida que lhes levava.

E ficou só, simplesmente
Um talo de herva! E ha de assim
Erguer-se, bom sol nascente,
Voltar á existencia, emfim?!.

Em vão! — « Mas em cada raio,
Torna o sol — mando-te vida;
Levanta-te, alma abatida,
De passageiro desmaio. »

Em vão! — « Sol, radiante chamma,
Fulgores celestiaes.
Obrigada! a planta exclama,
Não posso, não vivo mais! »

. . . .

Obrigado! alma serena
Que até minh'alma ora desces,
E um pouco de tuas preces
Misturas com a minha pena:

Obrigado! olhar affeito
Aos raios santos do bem;
Vens tarde: dentro em meu peito
Tudo está morto tambem!

FOLHAS SÊCCAS

Vão-se desfolhando as arvores;
E ao sol que esfria e descae,
Folha a folha as amarellas
Folhas que vão contam ellas :
— « Lá vae uma! outra lá vae! »

Conversam : « Vêde, irmans, se fundamento
Tem nossa queixa, se nos lastimamos :
Como dormir sob o cortante vento,
Quasi despidas, com estes seccos ramos?

Irmans, falae áquellas serras, onde
Repousa o céu a abobada sem fim,
Sabei dos cedros de arrogante fronde
Se a natureza lá procede assim.

Que a leva, quando o firmamento escampo,
Ó primavera, levemente anilas,
A vir as pobres arvores do campo
Cobrir de folhas, p'ra depois despil-as?

Pois já não basta, como atroz castigo,
Que, quando um passo imaginamos dar.
Nossas raizes, grilhão duro e antigo,
Nos digam sempre : Não podeis andar!

Irmans, sabei que é um val de pranto e lucto
Nossa existencia —provação medonha;
Antes o homem nós fossemos, o bruto
Antes, que a vida gosa, entende, e sonha... »

Mas a quem anda seu pesar carpindo
Nunca é demais uma consolação :
Um rio, aquellas arvores ouvindo,
Respondeu-lhes assim nesta canção :

— « A vida, desde o lenho duro ao vime,
Do vime á flor, da borboleta á lesma,
Do bicho ao homem — vegetaes, ouvi-me!
Do homem á estrella, em toda parte é a mesma.

Eu que impellido vou do monte aos valles,
Que as paragens mais longes percorri,
Com os beneficios combinando os males,
Risos com prantos, sempre a mesma a vi

Porque perdeis as vossas folhas, quando
Tambem meu leito um pouco d'agua perde,
Vós vos queixaes: nem sempre o sol é brando!
Plantas do chão, nem sempre o campo é verde!

É lei florir como ficar sem flores,
Ora propicio, ora contrario, o céu
Faz que haja sombras, faz que haja esplendores,
Morra o que nasce, exsurja o que morreu,

Na natureza a dor conhece todos.
Do homem falastes : um, que este caminho
Por vezes toma, e que a julgar dos modos
Em que anda, á tôa, a conversar sósinho,

É poeta, vêde : á triste luz do Occaso
Comvosco mesmas consolar-se vem ;
E inda hontem, quando aqui passava acaso,
Lhe ouvi dizer que as illusões que tem,

São como as folhas das arvores :
Da vida ao sol que descae,
Como as folhas amarellas,
Tambem se despencam ellas...
— Lá vae uma! outra lá vae!

NO PARAHYBA

Um pouco além da villa que, indolente,
Ao sol de Minas, se reflecte e banha
Na agua do rio, a turbida corrente
O Parahyba alarga, se expraiando
Pelo pé da montanha;
Mudo phantasma absorto,
A sombra desta, á flor das aguas presa,
Se alonga, escurecendo-as. Oscillando,
Dalli, remada contra a correnteza,
Sae a canôa com o menino morto.

Em tosco taboleiro mãos piedosas
Deitaram-n'o; — um punhado em cada canto
De roxas margaridas e de rosas;
Leva postas as mãos; de anjo vestido,
Como que sonha; emquanto
Ascendendo, ascendendo
Vae a canôa, emquanto pouco a pouco
A tarde expira e, como um vão gemido,
O unico som que se ouve é o chôro rouco
Do rio, em que entra o remo a agua fendendo.

Inda está longe a pensativa egreja
Que, com o seu branco e esguio campanario,
Paredes nuas, se destaca e alveja;
Inda o signal não deu da alma que espera,
O sino solitario...
Costeando o rio enorme,
A canôa lá vae. Sereno e lindo,
Bôcca a sorrir, postas as mãos de cêra,
Na leve embarcação que vae fugindo,
Que puro somno o morto infante dorme!

Sobre elle agoraos bastos ingazeiros
Se inclinam com as ramagens, onde a espaços
Brilham do Occaso os raios derradeiros;
A annosa gamelleira, em pé na riba,
Sobre elle estende os braços.
Do sol que já não arde
Á dubia luz, destaca-se o contôrno
Das margens, á distancia. E o Parahyba,
Longo e monotono, arquejando em tôrno,
Geme com rouco accento o hymno da tarde.

A canôa lá vae... Quem neste instante,
Vendo-a, não se recorda haver outrora
Já vistoum quadro áquelle semelhante?.
Esta mesma tristeza, a mesma calma,
O mesmo céu de agora,
Um rio — pouco importa
O sitio — um rio como aquelle rio,
Um esquife sobre elle... e dentro d'alma
Uma voz que nos diz, no murmurio
De surdo pranto — É uma esperança morta!

PALMEIRA DA SERRA

O palmeira da serra
Que eu vejo todo o dia
A batalhar em guerra
Com a ventania,
O' palmeira da serra,
A mim tambem me agita o seio esta agonia!

A minha vida inteira
É continua anciedade;
É como tu, palmeira,
Na tempestade,
A minha vida inteira,
Aspiração, amor, e tristeza, e saudade!

O' palmeira da serra,
Quando repouso um dia
Has de ter nessa guerra
Com a ventania?
O' palmeira da serra,
Quando verei tambem findar esta agonia?

INTERIOR

É de alguns o coração
Como espaçoso salão,
Por onde confusamente
Passeia a rir muita gente.

O meu, fechado, sem luz,
Lembra um quarto, onde uma cruz
Negra se levanta ao centro...
Jaz um cadaver lá dentro.

O ADEUS DOS MASTROS

Longe os mastros lá vão — flammulas multicores
Içadas sobre o azul undoso plano, ao manso
Mover d'agua, bailando em pausado balanço.
Casas da beira-mar, mar cheio de esplendores,

Longe os mastros lá vão! Adeus! adeus! vapores
Da tarde, alto e profundo olhar do céo, remanso
De Guanabara, adeus! Com o linho aberto e expanso,
Longe os mastros lá vão! Cêrros encantadores,

Praias curvas e iguaes, arrabaldes florentes,
Fortalezas da barra eternamente assentes
Em pedra, agulhas mil de tôrres, hirtas no ar,

Adeus! Leva-os de novo o seu fadario insano,
Vão de novo arrostar os temporaes do oceano,
De novo arcar com o vento e com as ondas do mar.

O SOMNO DAS VÉLAS

Fria tarde de Outono.
Na abrigada bahia
As vélas, que no mar viajaram todo o dia,
Caem cheias de somno.

Já não as incha e tufa
O vendaval que, entre alas
De nuvens, a correr, no alto oceano bufa
E vem despedaçal-as.

Nenhum vento. « Louvemos
O repouso dest'hora!
Mas não vá despertar a mão que dorme agora,
Esquecida dos remos!

Que ella impellir não possa
Nosso barco tão cedo,
A cuja prôa espuma a agua e a marèta grossa
Bate, como a um penedo.

Nem tão cedo desperte
Este, de bronzeo rosto,
Homem tosco e brutal que ahi dorme no seu posto
E é como um fardo inerte.

Calmo assim se conserve
O ar que aqui nos bafeja,
E o mar, que além da barra amplo e cavado ferve,
Aqui sereno seja.

Nada o adormecimento,
O profundo lethargo
Nosso quebre. Agasalha as vélas do mar largo,
Tranquillo firmamento!

Possamos nós, — se é dado
A uns pedaços de panno
Tal descanço — esquecer todo o soffrer passado
No barulhento oceano. »

Assim falam as vélas
Pela tarde de Outono,
Quando o vento não sopra, e de seus mastros, ellas
Caem cheias de somno.

A VISÃO DA TORRE

Descamba o sol. Scisma a isolada torre,
Scisma... E alongando o olhar de pedra fria,
Parece ver desse final de dia
No raio extremo a antiga fé que morre.

Menos que aquelle fumo, que arrebata
Lá embaixo o vento e vae traçando o rumo
Do céu na espira, viu durar o fumo
Dos sagrados thuribulos de prata.

Como na areia, ao tempo, a tenda erguida
Que o abrigara das chuvas, o viajante
Esquece e vae buscar um pouzo adeante,
Os corações deixaram-n'a esquecida.

Não vibra mais! Seja manhan de inverno
Ou verão, brilhe ardente o sol a pino
Ou caia o sol — jaz-lhe pendido o sino,
Com a corolla de bronze, em somno eterno.

E, tempo extincto! delle ouviu sonoras,
Noutra quadra melhor — como de um calix
Sae um bando de abelhas pelos valles, —
Sahir cantando pelo espaço as horas.

E agora muda! abandonada ao vento!
Muda! entregue ao deserto arido, infindo!
Como pesa, meu Deus, mesmo cahindo
Sobre uns hombros de pedra, o esquecimento!

Estar só! viver só! transe tremendo!
Só! e inutil sentir passar a vida!
Só, com uma sombra aos pés!... Torre esquecida.
Entendo-te a alma, tua dor entendo.

Só! que angustia indizivel! só! que magua!
— De quando em quando uma andorinha apenas
Busca-a e beber-lhe vem, riçando as pennas,
Na rôta claraboia um pingo d'agua.

Alma dos homens, não vos move inveja
A ave do céu que, erguendo-se em procura
De um pouco d'agua á sède que a tortura,
A terra deixa e vem buscar a egreja?

Tendes em que matar a sède vossa,
Alma dos homens! a serena fonte
Já não é necessario vol-a aponte
Torre brutal de cantaria grossa.

Crença, culto, dever, tudo esquecestes!
Varra agora, passando, a ventania
Dos vidros desta cupola sombria
O pó das azas das visões celestes.

Varra, leve-lhe tudo!... — A torre scisma.
Como um phantasma na planicie posto,
Alta, de pé, bate-lhe o sol no rosto
E ella no sol o olhar de pedra abysma.

E olha, alonga-se, espia, e lhe parece
Ver, de costas, além, — sombra apagada
Quasi de todo, lá no fim da estrada
O ultimo crente que desapparece.

?..

OS CANNIÇOS

Sopra mais forte, leva-nos comtigo,
Vento da tarde! parte-nos ao meio,
E os canniços do brejo, vento amigo,
Leva em teu seio!

Porque existimos? porque assim vivemos,
Assim — curvos de dor, de tanta magua,
E a sombra nossa desolados vemos
No espelho d'agua?

Sopra mais forte, vento, que nos valles
Harpa invisivel tanges dolorida;
Sopra, e leva comtigo os nossos males,
Levando a vida...

O VENTO

Ouvi! para estes lados se dirige,
Do sol no Occaso ao derradeiro raio,
Um homem. No pesar que vos afflige,
Interrogae-o.

O HOMEM

... E a terra, o sol, o espaço, o firmamento
E Deus, em longo, meditado estudo,
Misero vérme — interroguei sedento...
Debalde tudo!

OS CANNIÇOS

Homem, de cuja bocca, á luz do Occaso,
Estranhas vozes pavidos ouvimos,
Saberás nos dizer, homem, acaso,
Porque existimos?

O HOMEM

... Debalde! E o enygma atroz que me enlouquece,
A negra esphinge em toda parte avisto!
Se algum destes canniços me dissesse
Porque é que existo...

SOLIDÃO ESTRELLADA

Eu sou da plaga infinita
A solidão estrellada.
Homem, cuja alma se agita
Sempre inquieta e attribulada.

Que tens? que dôres consomem
O teu coração que, assim,
Estacas os olhos, homem,
Prendendo-os, attento, em mim?

Invejas-me acaso? ouviste
Que posso, alma desditosa,
Tornar-te feliz, eu, triste!
Eu, solidão mysteriosa!

Vem até mim! vem commigo
Estupidamente olhar
Este quadro gasto e antigo
De nuvens, de estrellas, de ar...

Vem compartir o cançaço
Que abeterno, sem remedio,
Me faz no enfadonho espaço
Bocejar todo o meu tedio.

Como enfara o comprimento
Desta extensão que produz
Os astros no firmamento,
Nos astros a mesma luz!

E hei de até quando estender-me,
Triste, monotona e vasta,
Sem que em mim se agite o vérme
Do tempo, que tudo gasta?

Solidão, silencio enorme,
Eis tudo o que sou. Porém,
Se amas a dor que não dorme,
A dor sem limites, — vem!

ULTIMA PHRASE

No mesmo tom de voz, inda me fere o ouvido
A phrase que lhe ouvi, antes della morrer,
E que vezes commigo a tenho repetido!
— « Pensa que nunca mais nos havemos de ver! »

Levaram-m'a. Eu fiquei e ouvia a cada instante,
Como um dobre de morte, este verso tristonho:
Vi-lhe o rosto uma vez, o pallido semblante,
Sob mortuario véu, apparecer-me em sonho.

— És tu? bradei suspenso. E ella calada e fria.
Olho-a : fechados tinha os olhos. A tremer,
Ouço, emtanto, uma voz; de seus labios partia :
— « Pensa que nunca mais nos havemos de ver! »

E a minha dor jamais eu a senti tão forte
Como então, porque vi na maior anciedade
Que o sonho ao meu olhar reproduzia a morte,
Repetindo o estribilho amargo da saudade.

E na mesma toada, inda me fere o ouvido
A phrase que lhe ouvi, antes della morrer,
Phrase que o coração guardou como um gemido :
— « Pensa que nunca mais nos havemos de ver! »

15 DE AGOSTO

Quando esta lua, assim, no mez de Agosto,
Ha um anno, a mesma nos apparecia,
Um batel nos levava, a agua se abria,
Talhada a remo em braço herculeo posto.

Cantavas, o cabello á ventania
Do mar largado em ondas por teu rosto:
Nem sequer uma sombra de desgosto
Toldava aquella noite de poesia.

De algas e musgos coroadas, rindo,
Saltavam, por nos ver, da prôa adeante
Do mar as filhas. E o batel, seguindo,

Voava, — lembras-te? voava, errante voava,
Voava... E tudo morreu naquelle instante
Com a esteira de ouro que elle atrás deixava.

PAREDES NUAS

Da meia noite (a lua brilha) adeja
A alma sobre o arraial. Que triste a lua
Quando, noite alta já, se vê da egreja
A destacar-se a alva parede nua!

E eu vou passados sonhos recordando,
Extinctos sonhos... Pela noite fria
Uma saudade a sós me acompanhando,
Entre sombras, alli meus passos guia.

Que noite! Dorme a luz do luar gelado,
Dormem as casas da deserta rua...
E aquem, além, de um lado, de outro lado,
— Fórma espectral — uma parede nua!

Lá, mais longe, a campina — a massa informe
Das arvores compondo um véu sombrio;
E o rio que as estrellas olha, e dorme,
E as estrellas banhando-se no rio.

Lá, cercada de ramos, o tapete
Flóreo deixando, que visão fluctua!
É uma estatua de neve? É um palacete;
Sae dentre as folhas com a parede nua.

A alguns passos da estrada, o cemiterio
Eis surge agora... Mas que fórma estranha
Tenho ante os olhos! mas que vulto aereo
Este que a lua de um reflexo banha!

É ella! é o todo seu, claro e perfeito!
É o seu phantasma! é a doce imagem sua...
— Não! é um corpo de cal que encósto ao peito,
É um corpo frio — é uma parede nua!

O ESPELHO

No espaçoso salão, suspenso de alto muro,
Brilha inutil agora o espelho, que no escuro
Lança um reflexo frio. Apagou-se o clarão,
Foi-se o esplendor do baile. Ermo é o vasto salão.
Fórmas esculpturaes, sedas de varias côres
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes,
Prismas de ouro e rubins radiando entre crystaes
Á luz, tudo passou! 'Stá vasio o scenario
E inutil brilha agora o espelho solitario.
Sombra uniforme, egual, como pesado véu,
Sobre tudo cahiu, por tudo se estendeu.
Nem da mobilia esparsa, em seu verniz sombrio,
Lampeja acaso a furto o mogno luzidio,
Nem desse lustre ahi suspenso, aureo e subtil
Pyrilampêa um só dentre os pingentes mil.
Completa escuridão! E no seu throno alteado
Olha o espelho em redor, como um luar gelado.
— « Parede alta, onde estás? Onde vos escondeis,
Crespos florões de fogo, esplendidos paineis,
Estatuetas de bronze? Onde, encoberta agora,

Dormes, porta, que a entrada ampla, a gyrar sonora,
Estendias a um passo aereo de mulher?
Oh! se accordasses! oh! se um momento sequer
Tu te abrisses! se os teus gonzos brutaes rangessem!
Se de novo essa luz brilhasse e se ellas viessem!
Se ellas viessem! e aqui, da noite á languidez,
Neste vasto salão eu as visse outra vez!
Se, as mãos dando-se, o seio a arfar, largada a trança,
Eu as visse outra vez no vortice da dansa!
Se as visse após, o olhar febril, pallida a côr,
Exhaustas de cançaço, anhelantes de amor!
Mas contra o somno e a sombra investe o meu desejo:
É tudo escuro! é tudo escuro! eu nada vejo! »
E olha de novo o espelho. Olha debalde. Só!
Só! — E no chão, do tecto ouve cahir o pó.
Que isolamento! que tristeza! que anciedade!
Só! e em seu rosto a sombra! e em su'alma a saudade!
Só! e a lembrança eterna, immensa do que viu,
Do que evocou, do que sonhou, do que sentiu!
— Fórmas esculpturaes, sedas de varias côres
Arrastando em tropel, jarras cheias de flores,
Leques no ar desdobrando as azas triumphaes...
Tudo! e tudo se foi! tudo! e tudo — jamais!
Jamais naquella noite elle, como esse enorme
Salão sem luzes que, triste e soturno dorme,
Verá passar! verá sorrir! verá brilhar!
E o espelho, estremo esforço, abre, escancara o olhar:
Nada! o negrume espesso! a escuridão! O ouvido
Aguça: nada! nem o minimo ruido,
A não ser esse, o eterno! o do incessante pó,
Sempre a cahir do tecto! — « Estou só! estou só!
Porque deixei passar tanta imagem formosa,
Tanta visão gentil em minh'alma ambiciosa,
E uma só não guardei, deixando-as todas ir?

Porque, leviano, á face um mundo a reflectir,
Deixei que desse mundo o clarão se apagasse,
Sem um raio sequer guardar em minha face?
Vário, que existe agora em meu semblante vário?
E olha o espelho, olha ainda...

— Espelho solitario.

Consola-te na tua anciedade sem fim,
No abandono em que estás... Ha corações assim.

ESTRADA DESERTA

Só, sem ninguem que a atravesse
A'quella hora, erma e tristonha,
Boceja a estrada e adormece...
A lua brilha. A estrada sonha.

Sonha que ouve um som distante,
Um como dorido arpejo;
É o terno, o doce descante
Da viola de um sertanejo :

— « Viola, em meus dedos quero arrebentar-te,
E nos teus echos ha de a minha vida,
Gemendo, a rastos, ir por toda a parte,
Qual vae gemendo a jurity ferida. »

Porém, da viola á toada,
A estrada accorda. Sómente
Brilha a lua. E dorme a estrada,
Dorme, e sonha novamente.

Sonha que a percorre agora
Um cavalleiro embuçado,
Bota escura, clara espora;
Vem uma dama ao seu lado.

E o cavalleiro diz — « Emfim, te aperto
Nos braços, louco de ventura infinda!
Fujamos! tudo é em de redor deserto!
Fujamos! Olha como a noite é linda! »

E a dama diz : — Supponho te estar vendo
Inda ao sahir das sombras da alameda :
Oh! com que susto puz meu pé, tremendo,
Na molle escada de degraus de seda!

Mas dos corceis á passada,
A estrada accorda. Sómente
Brilha a lua. E dorme a estrada,
Dorme, e sonha novamente.

Sonha que, entre murmurio
Confuso, uns vultos assomam;
Uns de feretro sombrio
As aureas argolas tomam.

Outros á mão, tardo o passo,
Longos cirios alevantam;
E em monotono compasso
Todos tristemente cantam :

— « Para as estrellas, para o eterno poema,
Longe dos homens, longe dos enganos,
Voou da terra a alma formosa de Emma,
Morta na flor de seus primeiros annos.

No cemiterio, que alli está, cavou-se
Estreita cova para sepultal-a;
O seu olhar e o seu sorrir tão doce
Vão dar dois lirios p'ra enfeitar-lhe a valla.

Vae morta, vae no seu caixão de pinho
Deitada, sob as rosas da capella...
Lampyros de ouro, archotes do caminho,
Vinde comnosco, approximae-vos della! »

Mas da prece á voz maguada,
A estrada accorda. Sómente
Brilha a lua. E dorme a estrada.
Dorme, e sonha novamente.

Sonha que essa mesma prece
Ouve; a procissão tristonha
Apparece, reapparece...
A lua brilha. A estrada sonha.

SERENATA NO RIO

Desce a corrente do rio
O barco sem remadores.
Que secreto murmurio
Da ribanceira entre as flores!

O barco sem remadores
Oscilla á tôa, fluctua,
Da ribanceira entre as flores,
Aos frios raios da lua.

Oscilla á tôa, fluctua...
Que figura inteiriçada,
Aos frios raios da lua,
Vae nesse caixão deitada!

Que figura inteiriçada!
— Vêde-lhe os olhos sem vida!
Vae nesse caixão deitada,
Toda de branco vestida.

Vêde-lhe os olhos sem vida!
Que visão! que fórma estranha!
Toda de branco vestida,
É um marmor que a lua banha.

Que visão! que fórma estranha!
Que neve esmaiada aquella!
É um marmor que a lua banha...
Soluça alguem junto della:

(Que neve esmaiada aquella!)
— « Minha pallida neblina,
(Soluça alguem junto della)
Dorme, que a noite é divina!

Minha pallida neblina,
A morte ao seio te estreita;
Dorme, que a noite é divina,
E em breve estarás desfeita.

A morte ao seio te estreita,
Tua essencia se evapora;
Em breve estarás desfeita,
Como as neblinas da aurora.

Tua essencia se evapora... »
Cala-se a voz de repente.
Como as neblinas da aurora
Roxêa o clarão do Oriente!

Cala-se a voz... De repente
Surge o dia esplendoroso;
Roxêa o clarão do Oriente
O barco silencioso.

Surge o dia esplendoroso...
— Como um phantasma sombrio,
O barco silencioso
Desce a corrente do rio.

NOCTURNO

Como a noite está fria! A quando e quando
Dobram-se fóra as arvores com o vento;
Crescentes nuvens, em compacto bando,
Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia.
Os meus livros me esperam... mas que importa!
Quero sonhar, ouvindo a ventania,
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amor! meu amor! em que abandono
Dormes! que pedra esmagadora em cima
Te puzeram, que em vão no eterno somno
A minha voz te anima?!

Levaram-te : um caixão com tachas de ouro,
Um carro de ouro e lucto... horror infindo!
E no caixão deitado um vulto louro,
Postas as mãos, dormindo.

— Accorda! accorda! A noite está tão fria!
Mas escuto uma voz... é a voz da morta...
É a voz da noite! é a voz da ventania,
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

BARULHO DE VENTOS

Rugi, ventos da selva! Amo a estridente musica
Que aos cedros corpulentos
Ides, alta, arrancar, desenfreados ventos!

Amo nest'hora amarga a furia com que as arvores,
Vós, ventos rugidores,
Desornadas deixaes de folhas e de flores.

Rugi, ventos! Do céu pela soturna abobada,
Como enormes vampiros,
Voae! gemei vossa dor, uivae vossos suspiros!

Rugi, ventos! E o ouvido enchendo-me colericos,
Na tropelia insana,
Abafae dentro delle o echo da voz humana.

ATTRACÇÃO

Bate contra uma pedra a agua do mar. E ella,
A pedra : Agua do mar, quem é que te encapella?
Quem é que no brutal movimento sem fim,
Agua iracunda e má, te impelle contra mim?

E a agua do mar : — Oceano immenso e procelloso,
Porque não me deixar um momento em repouso,
Porque me sacudir, porque me levantar
Num perpetuo vae-vem, negro e sombrio mar?

E o mar : — Que quer de mim a tua luz, serena,
Meiga lua, que lá, dessa amplidão, me acena.
E a alma que em mim captiva existe, ao seu fulgor,
Faz erguer-se e cantar, como a um raio de amor?

E a lua : — O que me leva pelo espaço
É o que a ti, bruto mar, prende tambem,
É o mesmo forte indissoluvel laço
Que os astros prende e os encadeia além.

Pelo meio da noite, errante e nua,
Vês-me, e ignoras a lei que me governa...
Ah! monstro d'aguas, a serena lua
Ama-te, amando a tua dor eterna.

Ama-te desse amor de que se anima
Todo o universo — mysterioso amor,
Amor que as dores todas approxima,
Porque a lei da attracção é a lei da dor.

APPARIÇÃO

Horas já mortas, como andasse — em falta
De um coração qualquer para entendêl-as,
A contar minhas maguas em voz alta
A's arvores das ruas e ás estrellas,

Ligeiros passos ouço de repente
Por trás de mim. Olho e não vejo nada.
Ah! murmurei, é o vento, certamente,
Que varre as folhas sêccas da calçada.

Nascia a lua. O argenteo globo enorme
Sae dentre os morros, pelo céu fluctua.
Brilha a ardosia dos tectos, a agua dorme,
Abrem-se as dahlias, palpitando á lua.

E ás estrellas, e ás arvores, em pranto,
Eu, como um ebrio, a minha dor contava;
Quando ouvi novos passos e, com espanto,
Vi uma sombra que me acompanhava.

E tão perto de mim vinha ou tão junto,
Que, apesar do terror, pude encaral-a...
Era em seu todo assim como um defunto:
Olhos fundos, sem luz, bocca sem fala;

Alta, a mortalha aos pés em dobras desce
E faz, movendo-se, um rumor sombrio,
Que das auras o fremito parece
Nas folhas mortas que despenca o Estio

E como em cheio désse a lua calma
Em seu rosto de marmore impassivel,
Vi... Mas soffre esta dor, cala, minh'alma,
Cala o que eu vi naquella noite horrivel!

Aos que nos lêm digamos nós: por certo
Não passou de visão, crias-as ness'hora
A sombra, as ruas mortas, o deserto
E o coração, onde a saudade mora!

A sós, porém, como um punhal de gelo,
Sintamos novamente o calafrio
Que na medulla aquelle pesadelo
Me fez correr sob o luar sombrio;

E murmuremos: — Que a oração te valha!
E, ó phantasma de dor, se Deus existe,
Que elle te arranque ás pregas da mortalha
E ao contacto do vérme a fórma triste.

E cingindo dos martyres a palma,
Ascende á clara estancia indefinivel
E... Mas soffre esta dor, cala, minh'alma,
Cala o que eu vi naquella noite horrivel!.

CANÇÃO DE INVERNO

Como o inverno entristece!
Este tamborilar
Continuo na vidraça,
Este vento que assim como um phantasma passa,
A chorar, a chorar...

E estas horas sem termo,
Lentas! e a inquietação
Do pensamento enfermo,
E o coração sósinho a pulsar em seu ermo,
Saudoso, o coração!

E a chuva recrudesce...
Tento os olhos cerrar,
Em vão! que me parece
Sentida voz ouvir, tremula, a soluçar...
Como o inverno entristece!

Esta voz dolorida
Será tua? Talvez,
Pobre morta, a ferida
De um desgraçado amor tu na minh'alma vês,
E desces de outra vida...

Sim, é um anjo que desce...
Ouço-o perto falar...
Mas o vento amortece
E em plangente gemido esvae-se agora no ar...
Como o inverno entristece!

28 DE ABRIL

Tempo feliz! tempo de amor, desfeito!
Não vae mui longe tão formosa edade
E como um rio, já me enchendo o peito,
Róla grossa a corrente da saudade.

Lembra-me ainda aquelle modo suave
Como accordara no meu sangue o amor.
Mais satisfeita não desperta uma ave,
Ruflando as azas no arvoredo em flor.

Accordara. E através da natureza
Poz-se a cantar. Que lhe dizia o canto?
Tinha tristeza, singular tristeza,
E ao pranto d'alva misturava o pranto.

Primeiro as flores vieram para ouvil-o
E acercaram-se languidas de mim,
E se era noite, pelo céu tranquillo
Falava a estrella: — Quem suspira assim?...

Vieram depois os passaros das côres
Mais bellas, todos por lhe ouvir as vozes;
E juntando-se aos passaros e ás flores,
Vieram do matto os animaes ferozes;

E ajoelhados : Trazes na garganta
Um' harpa acaso? — cheios de terror,
Os animaes me perguntavam, tanta
Era a harmonia do primeiro amor!

Depois... (O coração nos dias de hoje
E' differente. A natureza, escrava
De outras idéas, sente o amor e foge,
Pois já não se ama como então se amava)

Depois, um dia, todo palpitante
Como eu me achasse a contemplar o céu,
Disse uma nuvem: — Vou ser tua amante! —
E subito em mulher se converteu.

E vaporosa, tendo-me ao seu lado,
Pairou commigo, já na luz do dia,
Por entre orvalhos, já no pó dourado
Da tarde cheia de melancolia.

Então é que entendi como formosa
É a nossa vida! que divino ardor!
Ah! num momento quanto vive e gosa
Quem num momento cede á voz do amor!

Os astros, soltos na cerulea esphera,
Bailavam ebrios de contentamento;
Parabens nos mandava a primavera
Nas folhas verdes que trazia o vento.

E os bosques sacudiam-se agitados
D'um grande sôpro, e num tufão febril
De rosas, derramava-se nos prados
A cornucopia das manhans de Abril.

E eu lá voava a cantar pelos outeiros,
Subia aos troncos, aos floridos ramos...
Traduziam-me os versos os colleiros,
Plagiavam-me a rir os gaturamos.

Bellos tempos! E agora esta saudade
— Magico espelho que m'os reproduz,
E em cujo fundo passa aquella edade,
Como um phantasma deante de uma luz!

Por nossa causa quando se juntavam,
Como as creanças, no vernal brinquedo,
As borboletas saracoteavam,
Dando saráus por cima do arvoredo.

Num concerto uma vez, e sol a pino!
Um grillo, que ella amava com paixão,
Fez ouvir o seu magico violino
E expirou no soluço da canção.

Outra vez... Mas porque volver saudoso
O olhar atrás a esse paiz querido?
Terra em que amei! Terra de amor e gôso!
Eden de estrellas de que fui banido!

Um dia, como, alva e isolada, visse
Nuvem ligeira a passeiar no céu,
A minha amante : — Vou ser nuvem! — disse,
E nuvem sendo, desappareceu.

E o que então me ficou, para enluctar-me
Todo o resto da vida, é este tormento :
É a saudade fatal que ha de matar-me,
— Cárcer dos sonhos e do pensamento.

É o desespero do que em vão suspira,
Tentando a pedra a um tumulo quebrar,
E péga, olhos em lagrimas, da lyra
E umas cousas sem nexo anda a cantar;

E é este enfaro de inda errar no mundo,
Prêso apenas das azas da poesia,
Sentindo n'alma, num desdem profundo,
Que é tudo o mais uma semsaboria.

ALMA LIVRE

(1898-1901)

TAÇA DE CORAL

Lycias, pastor — emquanto o sol recebe,
Mugindo, o manso armento e ao largo espraia,
Em sède abrasa, qual de amor por Phebe,
— Sêde tambem, sède maior, desmaia.

Mas aplacar-lhe vem piedosa Naia
A sède d'agua : entre vinhedo e sébe
Corre uma lympha, e elle no seu de faia
De ao pé do Alpheu tarro esculptado bebe.

Bebe, e a golpe e mais golpe : — « Quer ventura
(Suspira e diz) que eu mate uma ancia louca,
E outra fique a penar, zagala ingrata!

Outra que mais me afflige e me tortura,
E não em vaso assim, mas de uma bocca
Na taça de coral é que se mata. »

FLOR SANTA

Entre as ruinas de um convento,
De uma columna quebrada
Sobre os destroços, ao vento
Vive uma flor isolada.

Através de ferrea grade
Espiando ao longe e em redor,
Que olhar de amor e saudade
No calix daquella flor!

Diz uma lenda que outrora
Dentre as freiras a mais bella,
Morta ao despontar da aurora,
Fôra achada em sua cella.

Ao irem em terra fria
O frio corpo depôr,
Sobre columna que havia
A um lado, nascêra a flor.

E a lenda refere ainda :
Assim que o luar apparece,
Da flor animada e linda
No calix se ouve uma prece.

Reza... E medrosa, e encolhida
A um canto, pallida a côr,
Toda no céo embebida,
Vendo-o, talvez, pobre flor !

Parece, tão branca e pura,
Tão franzina e desmaiada,
Uma freira em miniatura
Nas pedras ajoelhada.

LUCILIA CŒSAR

> Des microbes de différentes espèces se suivent d'une manière régulière dans les phénomènes complexes de la putréfaction et leur action est accompagnée chaque fois d'une émission de gaz odorants ; ce sont ces gaz, perçus par les insectes, souvent a des distances prodigieuses, tant leur sens olfactif est, comme on sait, puissant, qui leur indiquent le degré auquel la putréfaction est arrivée et leur permettent de choisir celui qui est le plus convenable a leur progéniture.
>
> P. MEGNIN — *La Faune des cadavres.*

Nota, ao morno clarão desta camara ardente,
Revoando ora no tecto, ora ao pé da vidraça,
E achegando-se áquelle esquife reluzente
De galões e alcas de ouro, esta mosca que passa.

Como a « triste noticia » em quatro linhas tristes,
Te deu da que alli dorme um amigo, um irmão,
Denunciou-lhe ao olfacto a scena a que ora assistes
Um leve, um tenue odor de decomposição.

E veio. Entrou. E agora, em seus vòos pausados,
Este ar infecto e máo, zumbindo inquieta, corta;
Passa por entre a luz dos castiçaes dourados,
E vae pousar emfim sobre o rosto da morta.

Que lhe quer? Se lhe dás, piedoso amigo, ouvido,
Has de ouvir-lhe, meselando ás vozes funeraes
Seu roufenho zumbir, este, como um gemido,
Cantico de saudade entremeado de ais :

« — Morta belleza amada! eu, lucilia auri-negra,
Não vim espanejar as minhas azas toscas
Em teus restos mortaes, para, consoante á regra
Desde que o sol é sol, seguida pelas moscas,

A' flor de neve e luz dessa face marmorea,
Como postuma affronta, os ovulos depor,
Cujas larvas depois — triste epilogo á historia
De tua formosura! ir-te-iam decompor!

Operaria da morte, é mister que eu deforme
E arruine o que é sem vida — eterna lei m'o ordena :
Mas teu longo dormir tranquillamente dorme!
Nem uma ponta de aza ha de offender-te, Helena!

Vim, não porque, ao sentir-te o cruor que se coagula,
Minha progenie vil sonhe perpetuar,
Dando-lhe vida a haurir que lhe sacie a gula,
Dos mortos membros teus na sanie a palpitar:

Vim, porque te venero, hirta estatua adorada,
E era dever sagrar-te o ultimo preito ardente.
Lembra-te, Helena, a mosca aborrecida e ousada
Que te seguia em vida impertinentemente?

Lembra-te? E' que eu te amava, e a razão por que amava
Desconheço... attracção, força transcendental...
Que alma roçou jamais o ether, como eu roçava
Num zumbido de amor teu narizinho ideal?

De seu cimo escarpado, em dois coraes partido
Vi-te o valle da bocca, e acima, amplos e vagos,
Aquecendo-me á luz de um sol desconhecido,
Os teus olhos azues como dois grandes lagos.

Certo é que muita vez, num colerico assomo,
Me repelliste, alçando a mãozinha cruel;
Mas eu voltava logo a andar-te em tôrno, como
A aeronave Dumont em tôrno á Torre-Eiffel.

Da baixa condição de minha raça abjecta
Ergui-me, outra me fiz, tornei-me aceiada e pura,
Tanto é o influxo moral, tanta a força secreta
Que até no ser mais vil exerce a formosura.

De um verde de campina e do dourado suave
Do sol do amanhecer minhas azas vesti;
Tornei o meu zumbir quasi um gorgeio de ave,
Quasi um hymno de amor, por ser digna de ti.

Tão vistosa fiquei que, estando de teu seio
A mirar-te uma vez com os olhinhos de brasas,
Disse um poeta — talvez por mero galanteio :
— « Não é mosca, meu Deus, é uma joia com azas! »

Ai! amava-te, Helena! e a razão porque amava
Desconheço... attracção, força transcendental...
Que alma roçou jamais o ether, como eu roçava
Num zumbido de amor teu narizinho ideal?

E hei de polluir agora essa alvura de neve,
E em meu officio infame apressar o momento
Subterraneo, em que em pó tudo solver-se deve,
Como um archote em fumo ao lhe soprar o vento?

Não! Pése embora á lei que a toda creatura
Manda se altere a fórma, ao desapparecer,
Virgem de qualquer verme, a tua formosura
Ao hypogeu da morte ha-de intacta descer.

Não! Se bem que na terra é força que eu deforme
E arruine o que é sem vida — alto poder m'o ordena,
O teu longo dormir tranquillamente dorme!
Nem uma ponta de aza ha-de offender-te, Helena! »

NOCTIVAGO

Este nocturno insecto entrou, revôou-me inquieto,
Doudejou, veio ao chão. Matei-o. Pobre insecto!
Matei-o, sem querer, esmagando-o, ao passar.
Que queria elle aqui? A luz que viu brilhar?
Mas melhor que esta luz brilha a do céo de Estio
Lá fóra, sob o olhar das estrellas. O frio,
Foi o frio que o trouxe? um canto aqui sonhou
Tépido, aberta viu esta janella, e entrou...
Mas melhor que este quarto, a bom dormir convida
O ramo unido ao ramo, a folha á folha unida
E no enlace nupcial a flor unida á flor.
Foi o amor? Foi, talvez, porque o não tinha, o amor.
Sim, veio por amor, e por amor, baldado
Gyro, e voltas que deu, cahiu, foi esmagado.
Pobresinho! E fui eu que desastrado o pé
Te puz em cima! eu fui que abstracto, sem dar fé
Do que fazia, a vida, o vôo teu afflicto
Atalhei! E morreste, inerme, sem um grito,
Sem um protesto, como um sonho alado e vão,
Como cançado ideal ou cançada illusão!

Tambem, e como tu, que a noite ardente e vasta
Alma e insectos comsigo a espairecer arrasta,
Livros deixando e o mais que ha neste quarto, além
Em outro, onde ao deitar-se ora e sorri-se alguem,
Em carreira veloz, precipitado e louco,
Todo sofreguidão, sêde e ousadia, ha pouco
Entrava, como entraste, o pensamento meu.
Zumbiu á amada fórma o seu zumbir : Sou teu!
Revôou-lhe em derredor, graças, belleza admira,
Conta-lhe o que padece, o que lhe quer suspira;
Vae-lhe pousar ao hombro, o seio livre e nú
Roçar-lhe... Foi então (Que mais feliz és tu,
Pobre insecto!) então foi que a sua bocca pura
Nome que não o meu, nome de outrem murmura...
Ah! por melhor houvera ao pensamento alli
Vêl-a em cheio esmagar, qual te esmaguei a ti!

ALVITRE

Ai! amámo-nos tanto! ai! tanto nos quizemos!
E num só dia, um só! dedicações, extremos
Que a ti me uniam tanto e te uniam a mim,
Acabaram por fim!
Parecemo-nos hoje, os dois, dois infelizes!
Maldigo o que se deu, o que se deu maldizes,
Volto o olhar ao passado e ponho-me a chorar;
Voltes tambem o olhar.
Choras. Tudo desfeito! Oh! sonho breve e alado!
Breve e alada illusão! Tudo, tudo acabado!
Mas pouco envelheceste e eu pouco envelheci,
Pulsa em mim, pulsa em ti
O mesmo coração da extincta mocidade;
Ha, pois, remedio a pena, ha remedio a saudade:
Amemo-nos de novo, e esqueçamos a dôr
Desse passado amor.

VERSOS DO CORAÇÃO

Sabes dos versos meus quaes os versos melhores?
São os que noutro dia eu fiz, pensando em ti;
Amassados em fel, misturados com flores.
Trago-os no coração e nunca os escrevi.

Sinto-os ora em canções, ora em soberbas odes,
Como nunca as sonhou musa pagan, cantar;
Quando commigo estás, tu surprehender-me podes
Nos olhos, como um sol, a estrophe lampejar.

Do peito que a gerou, como de incandescente
Ninho, ella sae; e alli, de meu pranto através,
Transformada ao passar numa lagrima ardente,
Vae cahir silenciosa e extatica aos teus pés.

Suas irmans, no emtanto, ou languidas ou vivas,
Ficam lá dentro e em côro alternam queixas e ais;
Prisioneiras de amor, pobres mouras captivas!
Ninguem o élo que as prende ha-de quebrar jamais!

Ninguem as ha-de ouvir! abafadas nasceram
Em sua propria dòr, dentro do coração,
Abafadas, assim como os sonhos morreram
E a esperança morreu, lá dentro morrerão.

Se me sorrís, não sei que força lhes emprestas,
Que almo alento e vigor, meu lirio virginal!
Freme, retine a rima, e todo fogo e festas
Vibra cada hemistichio um cantico nupcial.

Se me falas, porém, com a altivez costumada,
Ah! que musica triste e que infeliz sou eu!
Tudo o que ha pouco ouvia em festival toada,
Se foi a lento e lento e desappareceu.

E pelo coração róla um vasto lamento
Elegiaco e rouco, assim como um tambor,
Rufando em cada verso a ária do desalento
Do meu profundo amor, meu desgraçado amor.

O MURO

E' um velho paredão, todo gretado,
Roto e negro, a que o tempo uma offerenda
Deixou num cacto em flor ensanguentado
E num pouco de musgo em cada fenda.

Serve ha muito de encêrro a uma vivenda;
Protegêl-a e guardal-a é seu cuidado;
Talvez comsigo esta missão comprehenda,
Sempre em seu posto, firme e alevantado.

Horas mortas, a lua o véo desata,
E em cheio brilha; a solidão se estrélla
Toda de um vago scintillar de prata;

E o velho muro, alta a parêde nua,
Olha em redor, espreita a sombra, e véla,
Entre os beijos e lagrimas da lua.

M. G. R. O.

Como a abelha do valle entre os lirios de neve,
Pousa aqui, pousa alli, vae com o pésinho leve
Sequestrando ao passar o pó delgado e louro
Com que leda e feliz torna á colméa de ouro :
Minh' alma, por servir á divina Poesia,
Assim avida ha pouco a inspiração bebia
Ora em formoso olhar de morno fluido cheio,
Ora no oppresso anciar de provocante seio,
No lubrico sorrir de appetecida bocca,
Em tudo o que a trazia embriagada e louca,
E no intimo a pulsar-lhe apaixonadamente,
— Qual subterranea estua e arfa thermal corrente,
Fazia fluir-lhe o verso e a rima peregrina,
Como escôa de um tronco um fio de resina.
Hoje fonte melhor, mais remansada e pura,
Tenho á sêde de ideal que eterna me tortura ;
Já não ha que cançar — trefega borboleta,
A alma de clima em clima, em meu sonhar de poeta ;
Hoje no teu olhar, hoje no teu sorriso
Transluz-me a irradiação clara do Paraizo ;
E feliz, quanto ainda a antiga lyra accorda

E a faz estremecer, resoando corda a corda,
Sinto que vem de ti, Musa do sentimento,
Nova Musa a quem vae todo o meu pensamento,
E a minha inspiração, em canticos dispersos...

Mãe de meu filho! mãe dos meus melhores versos!

O QUE EU LHE DIZIA

Não sei se é certo ou não o que eu li outro dia,
Onde, já não me lembra, ó minha noiva amada :
— « A posse faz perder metade da valia
A' cousa desejada ».

Não sei se após haver saciado no meu peito,
Quando houver de possuir-te, esta ardente paixão,
Eu sentirei em mim, de goso satisfeito,
Menor o coração.

Sei que te amo, e aos teus pés a minh'alma abatida
Beija humilde e feliz o grilhão que a tortura :
Sei que te amo, e este amor é toda a minha vida,
Toda a minha ventura.

Talvez haja entre mim que os passos te acompanho,
E a abelha que a zumbir vae procurar a flor,
— Alma ou azas movendo, o mesmo fluido estranho,
Seja instincto ou amor ;

Talvez o que eu presumo irradiação divina,
Minha nobre paixão, meu fervoroso affecto,
Por sua vez o sinta o verme da campina,
O insecto ao pé do insecto...

Talvez essa attracção com que me envolve e prende,
Como em teia subtil, o teu formoso olhar,
Seja um modo de ser da força que suspende
Os vagalhões do mar:

Ou a mesma attracção eterna e mysteriosa
Seja que numa flor pistillo e estame casa,
E aos pombos nos pombaes os bicos côr de rosa
Une, e une um'aza a outra aza.

Talvez... Que importa a mim essa analyse fria
Das cousas? Sei que ao vêr-te os olhos celestiaes
Estremeço, a alma salta e canta e se alumia...
Amo-te! Ignoro o mais.

Amo-te! e só de amar me satisfaz a sciencia,
E a toda a inspiração o fogo em que me inflammo...
Amo-te! Dentro em mim, no fundo da consciencia
O que sei é que te amo!

Que te amo, e teu olhar meu destino reflecte!
Que te amo, e em teu sorriso a gloria me sorri!
Que te amo, e o coração só teu nome repete,
Cheio, cheio de ti!

Póde esta hora passar e uma outra vir mais calma?
Póde a chamma voraz, póde este fogo ardente
Resolver-se em fumaça? Ai! póde o vulcão d'alma
Cinzas ficar sómente?

Talvez... Mas quanto em mim alcança o entendimento,
Impossivel supponho em dias que hão de vir,
Que tão profundo amor, tão grande sentimento
Se tenha de extinguir.

Ah! se assim fôr, embora o mesmo se conserve
Meu todo de homem, sabe, ó minha flor querida,
Que então ao pé de ti, no calor em que ferve,
Já não está minha vida.

No Ether, no Ignoto azul, de eternas leis escrava,
Paira a força immortal que um dia em mim guardei:
Evolou-se de mim o espirito que amava,
Para onde... não sei.

PREITO

O que eu sinto por ti de dia em dia
(Tu mesma o vês porque tu mesma o sentes)
E' mais que amor :é cega idolatria.

Fiz de teu nome um culto, e em terra o joelho,
Olhos cheios de lagrimas ardentes,
Rezo-te a ti, meu unico evangelho.

Teu amor me protege, escuda e salva,
Guiando-me, como outrora aos reis pastores
Guiava a limpida luz da estrella d'alva.

Graças a ti, desbravam-se os caminhos,
Debaixo de meus pés rebentam flores,
Nasce a manhan, ouço noivar os ninhos.

Tu é que me tiraste do profundo
Cavado abysmo onde eu me despenhava,
Ao claro dia que alvorece ao mundo;

Pois novo alento n'alma me infundiste,
Pois do torpor ergueste em que se achava
O coração que ora rebate, e existe;

Pois contrapondo aos quadros horrorosos
Que em minha noite, cégo ao mais, contemplo.
Me vens do Ideal os prismas luminosos;

E como se enche de seu deus um templo,
Me encho de ti; e á mente ha pouco insana,
Surge em todo o seu esplendor, como um exemplo.

O lado bom da natureza humana.

DEPOIS DA MORTE

> Esta nossa chamada vida não é mais que um circulo que fazemos de pó a pó: do pó que fomos ao pó que havemos de ser
>
> Pe Antonio Vieira — *Sermões*

Inda uns annos, querida,
E ambos nós tendo feito
O circulo da vida,
Que imaginas? em pó tudo será desfeito?
Iremos, como vão pela cheia levados,
Da corrente ao sabor, dois troncos enlaçados,
Por subterraneo rio ás praias onde ao vento
Róla o oceano da morte e do aniquilamento?
E ha-de ahi, como luz esmorecida e vaga
Que em solitaria torre uma rajada apaga,
Na voragem sem nome, escura, hiante, infinita,
Sumir-se e para sempre a alma que em nós habita
Nada de ti que és bella e de mim que sou forte,
Terá de subsistir, com o sinistro da morte?

O que mais amo em ti, me encanta e me fascina,
A belleza moral que te enche e te illumina,
— Joias do coração : ternura, amor, piedade;
O que a mim mais te prende, a febre que me invade
De alevantado ideal, luctas que me consomem,
Minha paixão do Bello e meu orgulho de homem:
Tudo o que vibra em nós mais entranhado e puro,
Ha-de ahi se extinguir, como por bosque escuro
Onde com o facho errante a divagar se interna,
Extingue o seu clarão noctivaga luzerna?

Não, não creias, querida,
Que ambos havendo feito
O circulo da vida,
Num punhado de pó tudo será desfeito.
Olha acima este céo de mundos constellado;
Fala-lhe qual lhe falo, e o segredo ignorado
Lhe ouve da vida; alonga os olhos ás estrellas :
Na scismativa luz e alto silencio dellas
Tu' alma educa. O passo ás nuvens acompanha,
Quer se banhem no mar, quer troem na montanha,
Resolvendo-se em agua e relampagos; desce
Como essas filhas do ar, ao campo que floresce,
A' varzea toda sol, á selva toda sombra;
O que augusto lhe vês e ouves, e enleia e assombra,
Silencio ou borborinho, aspectos, fórmas vagas,
Tumulto, confusão, se mais de perto indagas,
Algo dirá da Vida. O oceano azul e enorme,
Sei te apraz, manso e bom, quando em bonança dorme
E vaes vêl-o e eu comtigo em floccos de alva espuma
Na praia a espreguiçar as ondas uma a uma.
Mas é preciso ouvir-lhe a borrascoso açoite
A alma heroica gemer, triste em meio da noite,

Triste deante do céo, triste ao clamor dos ventos,
Triste da triste voz de todos os lamentos.
Vem commigo aprender em seus soturnos brados,
Roucos como um bramar de trovões abafados,
A sciencia da vida. Ah! mas que peço, amiga!
Far-te-ia espanto ouvir aquella voz antiga,
Nem olhos como os teus, feitos á luz e flores,
Pousaram sem tremer em quadro tal de horrores.

Inda uns annos, querida,
E ambos havendo feito
O circulo da vida,
Não creias possa em pó tudo ficar desfeito.
Tu da tua cidade em proximo recanto,
Onde com os salgueiraes se estende o campo santo,
Junto aos teus — rosa a abrir com as rosas que lá nascem,
Ave entre as aves mil que lá, talvez, esvoacem,
Tu dormirás. Alli a viração tardia
Ir-te-á levar á noite os echos da harmonia
De um piano ou de uma flauta ou, quem sabe? os rumores
Frescos da agua a cahir, dos canteiros de flores,
Da pequena alameda ensombrada de ramos,
E o mais que ha no jardim da casa onde moramos.
Quanto a mim, dêm-me sombra e farta os arvoredos
Que ha nas selvas da patria, e ensinem-me os segredos
Da soidão. Rude sou, e amo a floresta rude.
Para longe daqui nunca alongar-me pude,
Mas em morto, desejo em meio da espessura
Ter em virgem torrão aberta a sepultura,
Entre um pouco de barro e pedras da montanha.
Lá, em nova existencia, alma ventura estranha
Será sentir-me voar em folhas pelos ares,
Em perfume evolar-me, ou rugir nos palmares,

Insecto — phosphorear pelas trevas nocturnas,
Pedra — encher-me de limo, echo — reboar nas furnas,
Ou por noitesde luar, em declive sombrio,
Espuma — ir onde vae colleando incerto o rio...

A QUE SE FOI

I

Foi para melhores climas,
Que o medico em voz austera :
— « E' já leval-a, dissera,
Para as montanhas de Minas. »

II

Ficou deserta a casinha,
Inda a lembrar tristemente
O vulto esguio da doente
E o longo adeus que lhe ouvira.

III

O noivo, que mal sabia
Da noiva a sorte funesta,
Com o coração todo em festa,
De longe a abraçal-a vinha.

IV

Dão-lhe a nova da partida,
E ao verem que lhe rebentam
As lagrimas, accrescentam :
— Foi para melhores climas!

V

Lá vae ás serras de Minas,
Lá vae da noiva em procura ;
Ora achal-a conjectura
Morta, e ora risonha e viva

VI

Depois de horas de afflictiva
Impaciencia e pena estranha,
Vê, montanha por montanha,
Longe as montanhas de Minas.

VII

A's palmeiras que lá em cima
Segredam com a immensidade,
Pergunta em louca anciedade :
— « Ella está morta ou está viva ? »

VIII

E as palmeiras no alto erguidas
Respondem-lhe, balouçando,
E o azul do céo apontando :
— « Foi para melhores climas ! »

A HISTORIA DE CARMEN

I

Carmen, como a inspiral-a o mar em frente
Visse, e a noite a cahír calma e estrellada,
Tangeu nervosa e apaixonadamente
No dourado salão a harpa dourada.
E aos pausados soluços do instrumento
Ia-lhe a alma de moça (como ao vento,
Sem saber onde vae, folha perdida)
Ia-lhe a alma num cantico áquella hora
Fóra pela janella, espaço fóra,
Longe da casa, longe desta vida.

Mas alguem de repente entra na sala,
E em rude voz que lhe feriu o ouvido:
— « Para que musica? » (é o marido) fala.
Não gostava de musica o marido.

II

Sem a harpa, a amiga fiel a quem contava
As suas penas e os seus dissabores,
Carmen : — « Não me permittem — suspirava —
Amar a musica : amarei as flores. »
Desce ao jardim. Borboletêa, esvoaça,
E violetas e cravos quando passa,
Rosas, jasmins, rindo, com as mãos nervosas
Colhe. Volta, e ante o espelho ás tranças pretas
Prende os jasmins, os cravos e as violetas
Prende á cintura, prende ao seio as rosas.

E olha, vê-se, revê-se. Quando, ai della!
O mesmo tom de voz aborrecido :
— « Para que flores? » a surprehende e géla.
Não gostava de flores o marido.

III

Sem musica, sem flores, que seria,
Carmen, de ti, se em seu poder que é tanto,
Como as flores e a musica, a poesia
Não viesse as horas te vestir de encanto?
Para Carmen agora a vida é um sonho :

Do verso ás azas, o paiz risonho
Vê da Illusão, entra os dourados climas;
Lá vae! Que azul de eternos sóes coberto!
Tanto é o influxo que tem um livro aberto,
Um punhado de estrophes e de rimas!

Range, porém, da alcova, a um lado, a porta,
E o tom de sempre, austero e desabrido:
— « Para que versos? » o extasi lhe corta.
Não gostava de versos o marido.

IV

Sem poesia, sem musica, sem flores,
Só e aos vinte annos, quem viver pudera?
Misera Carmen! já do rosto as côres
Com o pranto esmaiam, já se desespera.
Quando uma vez... Não foi um cavalleiro
(Como se diz) em seu corcel ligeiro...
Foi das cousas que amava o amor vencido,
Vencedor afinal, que num perfume,
Num som, num verso, como outrora um nume,
A arrebatou dos braços do marido.

E onde hoje vive, ri, doudeja, salta
Carmen, ditosa Carmen, de alegria,
Pois para ser feliz nada lhe falta,
Nem musica, nem flores, nem poesia

NUM TREM DE SUBURBIO

No trem de ferro vimo-nos um dia,
E amarmo-nos foi obra de um momento,
Tudo rapido, como a ventania,
Como a locomotiva ou o pensamento.

— Amo-te!
— Adoro-te!
A estação primeira
Surge. Saltamos nella ao som de um berro.

Nosso amor, numa nuvem de poeira,
Tinha passado, como o trem de ferro.

O PEIOR DOS MALES

Baixando á Terra, o cofre em que guardados
Vinham os Males, indiscreta abria
Pandora. E eis delles desencadeados
A' luz, o negro bando apparecia.

O Odio, a Inveja, a Vingança, a Hypocrisia,
Todos os Vicios, todos os Peccados
Dalli voaram. E desde aquelle dia
Os homens se fizeram desgraçados.

Mas a Esperança, do maldicto cofre
Deixara-se ficar prêsa no fundo,
Que é ultima a ficar na angustia humana...

Porque não vôou tambem? Para quem soffre
Ella é o peior dos males que ha no mundo,
Pois dentre os males é o que mais engana.

VISIO

I

Ahi vem o fim dos meus melhores dias.
Já do claro zenith em que ardeu tanto,
Descae meu sol; e na maior saudade,
Eu, como um deus vencido, saio em pranto
Da floresta de fogo e de harmonias
Da minha mocidade.

Que importa ainda em minhas veias arda
Sangue, febre, enthusiasmo? Ah! sonho extincto!
O que inda resta mal traduz a vida!
Sinto aos meus pés crescer-me a sombra, sinto
Que a manhan lá se foi, e a hora não tarda
Da grande despedida.

Oh! se te demorares, dentro em breve
Será tarde, talvez! Inda alguns passos,

E em vez dos ceos de agora altos e bellos,
Hei de ver céos de inverno, d'onde a espaços
Na alma começa de cahir a neve
Que cahíu nos cabellos.

Vem! Dá-me a ver a tua formosura
Ao fim de um dia esplendido. Apparece,
A' occidua extrema irradiação solar,
Como á luz de cem velas resplandece
Ao fundo de uma igreja a alva esculptura
De uma santa no altar.

II

Vem! Esperei-te uma existencia inteira!
Sôa da mocidade o ultimo instante.
Ao meu desejo compassiva céde!
Eu te reclamo, como o agonisante
Com a bocca em febre á hora derradeira
Um crucifixo pede.

Com o fervor da oração que a alma do justo
Exalça a Deus, supplico-te me valhas!
Dá-me a clara visão do céo aberto,
Vida, ventura que com um riso espalhas
Dá-me. Eu sinto por ti no peito adusto
A sêde do deserto.

Vem! Em redor de mim desparze em festa
Canções e flores; a illusão ardente

Dá-me de que é manhan, que lhe ouço os hymnos;
Ao meu sol prestes a morrer no Poente,
Tu, no esplendor de tua aurora, empresta
Teus raios matutinos.

Prolonga o dia meu de uma hora, e basta!
Mas nessa hora sê minha, mas a essa hora
Faze que valha os annos que eu vivi!
Escureça depois... ir-me-ei embora,
Como a estrella, do céo de que se afasta
Cheia — cheio de ti!

III

Vem! Namorando a varzea que entre a bruma
Vê se alisar ao sol, verde e infinita,
Por alcançal-a um dia, de repente
Em grande impeto sôlta, o espaço afuma,
Atrôa os antros e se precipita
Do alto a caudal torrente.

Lá vae! chegou, cingiu quem via e amava!
Aqui se encrespa como de desejos,
Alli, como saciada, entra em repouso;
Roja, amorosa e humilde, como escrava,
Ainda do beijar de tantos beijos
Tendo a espuma do gôso.

Não de outro modo, assim, com o mesmo pêso,
Cedendo á aspiração que me tortura,

Affland de prazer e de cançaço,
O' meu valle florido mas defeso
Ao meu amor, num grito de loucura,
Cahirei no teu regaço.

Suma-se o sol então com os seus dourados
Raios das nuvens entre os leves fólhos,
Venham as sombras, baixe a noite, emfim...
Eu só verei, olhos semi-cerrados
De volupia, que existo nos teus olhos,
E estás ao pé de mim.

IV

Mas vem! Os hymnos meus, as canções minhas,
Toda a minh'alma em versos te festeja,
Seguindo-te, no vôo solitario,
Como no espaço um bando de andorinhas,
Clamando pelo céo, vae de uma igreja
Buscar o campanario.

Cheio de ti, como, com os seus rumores,
Frondeando á luz, o bosque aberto em galas
Se enche do sol que aos dardos o atravessa,
— Arvore festival, cobri de flores
Minha ramagem para desfolhal-as
Sobre a tua cabeça.

A minha vida é um cantico ao teu nome,
Uma oração como ninguem a reza,

Nem a ouviu nunca altar na terra erguido;
Um extasi e um penar que me consome,
Delicia e tratos, jubilo e tristeza,
Um sorriso... e um gemido!

Amo-te! Estás em quanto os olhos ponho,
Em quanto me percebe o ouvido, em quanto
Côa em meu sangue, o coração me vibra;
Dentro em minha consciencia e no meu sonho,
Dentro no meu sorriso e no meu pranto,
No intimo, em cada fibra...

No intimo, em versos que a palavra humana
Não dirá nunca, e em surda voz convulsa,
Palpitando-me, eternos cantarão,
Como da terra dentro offega insana
E em fogo e enxofre estertorosa pulsa
A essencia de um vulcão.

V

Mas ah! que em vão te chamo, oppresso o peito,
A alma em prantos! Não vens! Em que paragem
Tens, ó Rainha, o alcaçar ignorado?
O ultimo Sonho meu, na grande viagem
Que emprehendêra por ti, cahiu desfeito,
Sem te haver encontrado.

Cançaram meus Desejos, vendo espaços,
Só espaços e espaços, pelo oceano

Buscando-te, Ilha de rosaes em flores!
Sem norte o lenho vae, rasgado o panno,
E nem, por doídos que já têm os braços,
Remam os remadores.

E a Hora magna da vida, excelsa a fronte
Corôada de diamantes e de raios,
O' meu Ideal longinquo, o facho ardente
Arremessou, nos ultimos desmaios,
Do declive do Céo, por trás do monte,
Aos ermos do Occidente!

Vae vir a noite. E eu a esperar-te ainda,
E em vão! eu a chamar-te, e em vão! Tal chama
Ave erradia pela companheira,
Desfere o canto, vae de rama em rama,
Até que a morte lhe interrompe e finda
A queixa derradeira...

Tal um grito de dòr no mar se escuta:
E' um naufrago. Céo bravo e noite estranha.
O som plangente desappareceu...
Tal sopra o caçador pela montanha
Perdido a trompa, e um echo em chão de gruta
Apenas respondeu...

OS AMORES DA ESTRELLA

Já sob o largo pallio a tenebrosa
Noite as estrellas nitidas e bellas
Prendera ao seio, como mãe piedosa.

De umas as brancas lucidas capellas,
De outras o manto e as chlamydes de linho
Viam-se á luz da lua. Estas e aquellas,

Todas no lacteo sideral caminho
Dormiam, como bando alvinitente
De aves, á sombra, nos frouxeis de um ninho.

Venus, porém, chorava; ella sómente
De pé, scismando, o niveo olhar mais niveo
Que a prata, abria na amplidão dormente.

Olhava ao longo o celico declivio,
Como a buscar alguem que desejava,
Qual se deseja alguem que é doce allivio.

Só, no espaço desperta, como a escrava
Romana ao pé do leito da senhora
Velando á noite, a misera velava.

Um deus de fórmas válidas adora;
São seus cabellos ouro puro, o peito
Veste a armadura de crystal da aurora.

Quando elle sae das purpuras do leito,
O arco na mão, parece de diamantes
E rosados rubins seu rosto feito.

Dera por vêl-o agora as scintillantes
Lagrimas todas, liquido thesouro,
Que lhe tremem ás palpebras brilhantes...

Mas sôa de repente um grande côro
Pelas cavas abobadas... E logo
Assoma ao longe um capacete de ouro.

O deus ouviu-lhe o supplicante rôgo!
Eil-o que vem! seu plaustro os ares corta;
Ouve o relincho aos seus corceis de fogo.

Já do rôxo Levante se abre a porta...
E ao vêr-lhe o vulto e as chammas da armadura,
Fria, tremula, muda e quasi morta,

Venus desmaia na infinita altura.

ESPELHO D'AGUA

Ao pé d'agua nos beijámos:
Por testemunhas, apenas
Essa agua havia, e com as pennas
Brancas um cysne, e alguns ramos.

Mas o cysne um dia foi-se,
Os ramos se desfolharam
E do lenhador á foice
Em achas no chão rolaram.

A agua sómente hoje existe,
Sem o cysne e aquelles ramos,
Do beijo que alli trocámos
Testemunha unica e triste.

Ella, ella só, se o duvidas,
Póde, que a traz de memoria,
De nossas boccas unidas
Num beijo, contar a historia.

Commigo até lá caminha,
E vêr-lhe-ás á face nua
Minha bocca prêsa á tua,
Tua bocca prêsa á minha.

CORAÇAO

Qual succede algum dia a templo abandonado,
Que por bella manhan, saudoso do passado,
Do orgão lembrando o canto e as vozes da oração,
Abre as portas ao sol, abro o meu coração.
Entra. Não te apavore esta visão gemente,
Que te vem receber com uma lagrima ardente.
E' a Saudade. Quem ha que a não sentiu jamais?
De onde ella vem dir-te-ão seus repetidos ais;
Um dia... Mas por que recordar esse instante
Que eu nem sei se existiu, tão breve foi! Adeante.
O que ora se apresenta a fórma singular
Tem das nevoas de inverno, á fria luz do luar;
São (phantasmas agora) as minhas Esperanças,
Virgens que vi morrer, desatadas as tranças,
Assim como á flor d'agua a pobre Ophelia. Além!
Segue-se immenso plano : é o deserto que vem,
E' a infecunda região, monotona, abafada,
Que inda está por viver, que offega sepultada
De um torvelim de poeira espessa sob o véo,
Pedindo alento e seiva aos orvalhos do céo;
E' o Sahara, na sua angustia indefinida,

Na ardente sêde atroz de conhecer a vida,
De se sentir povoado, e em arvores florir,
E em flores desatar-se, e em canticos se abrir;
De estremecer ouvindo — ermo estagnado oceano,
Entre as medas de areia o som de um passo humano,
Um suspiro, uma voz, o sussurro sequer
De uma palavra escapa a uns labios de mulher,
Que, como Atala, venha a peregrina imagem
Candida entremostrar na aridez da paragem,
Ou como ao sol primeiro, em divino esplendor,
Eva, nua, a sorrir, no Paraizo em flor.

Depois disto, não sei que possa mais mostrar-te
No coração que assim me aprouve desvendar-te.
Mas olha: do deserto a safara extensão
Lá vem correndo agora apressada legião.
E a caravana dos meus Sonhos; presentiram
Que aqui estavas, e logo e aligeros partiram:
Suppuzeram-te, crê, da distancia através,
O oasis seductor que lhes sorri, talvez...

Tal é o meu coração. No lembrar o passado,
Na aspiração actual, no soffrer ignorado,
Em tudo quanto encerra, abri-o ao teu olhar,
Como se abrem de um templo as portas par a par.

SOB UM SALGUEIRO

Dorme uma flor aqui, — flor que se abria,
Que mal se abria, candida e medrosa,
Rosa a desabrochar, botão de rosa
Cuja existencia não passou de um dia.

Deixae-a em paz! A vida fugidia
Como uma sombra, a vida procellosa
Como uma vaga, a vida tormentosa,
A nossa vida não a merecia.

Em paz! em paz! A essencia delicada
Do anjo gentil que este sepulcro encerra,
E' hoje orvalho... cantico... alvorada...

Sôpro, aragem do céo, talvez, que o pranto
Anda a enxugar a uns olhos cá na terra,
Doces olhos de mãe, que o amavam tanto.

VIVE-SE...

E assim se vive, assim... de qualquer modo.
Ama-se : vive-se, abre a Vida em flores;
Soffre-se : vive-se, e o universo todo
Traduz-se em dôres.

Mas vive-se. Ao seu peito epico e forte
Nos tome a Gloria ; humilhe-se vencida
A alma sem protestar — de qualquer sorte,
Ama-se a Vida.

E a Vida é sempre grande, illuminada
Do clarão triumphal de um sol aberto,
Ou só da meia luz frouxa filtrada
Na sombra de um deserto.

E é tão boa que até quando morremos,
Na valla infecta em que a immundicie gosas,
O' verme, a cujo toque estremecemos,
Se esfaz em rosas...

A UM POETA

> Je ferai souvenir de Dyonisos, fils de l'illustre Sémélè, quand il apparut au rivage de la mer stérile, sur un promontoire avancé, semblable a un jeune homme dans la première adolescence.
>
> HOMERO. — Trad. de LECONTE DE LISLE.

Conta um hymno pagão que certa vez o errante
Polyonimo deus, o ephebo louro, o amado
Das Evias — Baccho, á extrema
Stando de um promontorio, o manto desdobrado
Ao hombro, o thyrso á mão, e á testa a verdejante
Parra, a modo de estemma :

Foi do thyrrheno mar por uns piratas prompto
Arrebatado. O mar embarcação ligeira
Corta, largada a vela ;
E atrás fica ondulando a luminosa esteira,
A agua fica a espumar, e com os raios sem conto
O sol faiscando nella.

E aos daquella companha, olhando-os, um pirata
Diz: « E' filho de rei por certo este menino:
Eia, ao largo rememos!
Vendido como escravo a um harem levantino,
Diamantes que valer, e perolas e prata
Comnosco partiremos. »

Eis de subito o deus, que os ouve, encantamento
Lança em tudo e os perturba. O mastro grande a prumo
E' tronco: anda enlaçada
A hera nelle. Um dragão lá vôa em cima. O rumo
Perde a náo; freme o panno, emmaranha-se ao vento,
E é vinha empampanada.

São bacellos que em flor ás mãos dos remadores
Rebentam, como ao sol, os remos que a agua fendem
E em compasso se agitam;
Zumbem, como no Hymetto, aureos enxames: pendem
Redondos bagos no ar, de avermelhadas côres,
Que em racimos palpitam.

E da quilha da náo, como em convivio estranho,
Jorra o vinho no mar. São vinho as ondas — morno
Pego purpureo. As vagas
De Kipros o licor fazem lembrar; em tôrno
Vinho espumam, fervendo, e vão de banho em banho
Córar longe outras plagas.

Logo um leão apparece e ruge horrendamente
A' pôpa; e a fauce a abrir voraginosa e ruda,
Um urso; affla a cordoalha,
Collêa, empina, zune e silva, e se transmuda
Em hydras, e ao redor da boqui-aberta gente
Temerosa se espalha.

Depois vegeta o mar e é verde, verde... Immensa
Uniforme planicie estende-se, ondulando...
E de arvores frondosas
A' sombra, ovelhas vêm-se innumeras pastando,
E a espuma, que era vinho, ora se esfaz suspensa
Em petalas de rosas.

Poeta, és tu como o heroe cujo prodigio narra
O hymno homerico! A' voz de tua musa, accorda
Novo sol, amanhece...
Da vida o mar que o leito iracundo transborda,
Como aos olhos do deus que acinge á fronte a parra,
Verde e ameno apparece.

Anjos, sombras, visões sonhadas em tua mente
— Quaes em euges ao divo, em seu rustico idyllio,
As Evias noutra edade, —
Surgem... Nem outro é o dom dos que no baixo exilio
Do mundo, sentem n'alma, a fremir-lhes latente,
A propria divindade.

A CARANGUEIJEIRA

Teceu a carangueijeira
Um fio longo; enlaçou-o
A um ramo, e a rède ligeira
Tramou, suspendeu-a no ar;
Depois, no ruidoso vôo,
Pôz-se um besouro a espreitar.
    — « Vamos ver
Se has de aqui cahir — dizia —
Embora pesado e immundo,
    Como um touro,
Com os meus palpos te has de haver,
    E era um dia
    Um besouro! »

O besouro não n'a ouvia,
Ou se a ouvia, nenhum caso
    Della fazia;
Pousava de flor em flor,
    Com um zumbido

(Mais parecia um gemido
De asthmatico moribundo)
Com um zumbido de amor.
Eis por obra do acaso
    Lhe succede
Que ao dar um vôo maior,
    Esbarra de repente
Atabalhoadamente contra a rêde:
    Espernêa, ronca e brada :
    — « Aqui del-rei! »
Mas não lhe serve de nada,
Porque é tudo indifferente,
    Nada escuta
    O que diz
    O infeliz!

E a carangueijeira astuta :
— « Pilhei-te ou não te pilhei?
    Anda agora
Remeche-te, se és capaz,
Ou se és capaz, vae embora! »
E olhos que nem duas brasas,
Amarra-lhe os pés e as azas.

(Assim tambem, dêste modo,
Houve uma carangueijeira
Que a ella me prendeu todo,
Prendendo-me a vida inteira)

Mas o prisioneiro faz
    Um esforço supremo
Digno de hombros de Briareu,
De Encelado ou Polyphemo;
    A trama estremeceu,

O fio se partiu,
E como alado pelouro,
Zunindo livre, o besouro
Fugiu.

(Eu tambem da teia de ouro
Que me liava a vida inteira,
Formosa carangueijeira,
Sahi, como esse besouro;
Mas chóro o tempo passado
Em que fui teu,
E em que esse fio dourado
Me prendeu.)

A UMA INFELIZ

A um homem, Deus (quem versado
E' nas piedosas leituras
Das Sagradas Escripturas,
Conhece este caso) Deus
Por provar-lhe a fé, coitado!
Tirou-lhe tudo o que havia,
Sua melhor alegria,
Os seus bens, os filhos seus;

Tirou-lhe aos campos o bando
De animaes que lá criara,
O trigo que lá plantara,
Tudo. Mas foi tudo em vão!
Pois Deus tudo lhe tirando,
Viu que era em vão que tentava
Tirar-lhe a fé que o abrasava,
Ardendo em seu coração.

Não de outro modo, alguem houve
Que te arrancou da alma pura
Toda paz, toda ventura,
Os sonhos da vida em flor.

Provar-te o affecto lhe aprouve?
Pois deve estar satisfeito,
Visto nunca de teu peito
Ter arrancado esse amor.

PRIMEIRO AMOR

Quando chegou a quadra dos amores,
Pedi — arvore nova que então era,
Pedi que viesses, como a Primavera
Cheia de flores, me vestir de flores.

Vieste. Mas ah! não excedeu de uma hora
Todo o tempo que ao pé de mim ficaste;
Com duro espinho as letras me gravaste
De teu nome no seio... E foste embora.

A BOTELHA DE GOW

O amante, homem do mar, á terra acaso vindo,
Longas horas se fica estupido dormindo,
Estirado onde afouto a amarra da catraia
Prendêra : é um meio esvão no penhascal da praia,
Baixo, abafado e escuro. Ella, de desabado
Chapéu de couro sêcco, o jaquetão breado,
Nos sapatos brutaes brutalmente marchando,
Sáe, as casas, a rua idiotamente olhando.
Dizem, ao vêl-a assim : — « E' marinheira e pobre! »
E a longe e longe alguem de azinhavrado cobre,
Encontrando-a, lhe atira escassa moeda ao sacco.
A' noite, volta á praia, entra o algoso buraco
Da pedra, o anfracto escuso, a cavidade bronca
Onde, pesado e inerte, o homem prostrado ronca.
O mar de quando em quando incha e o penedo alaga,
Muge quebrando rouca esparcellada a vaga.
Elle dorme. Ella emtanto, ao lado já deposto
O sacco, inclina um pouco o requeimado rosto,
E num gesto, a roçar-lhe em baixa voz o ouvido :
— « Gow, olha, ahi tens! » O braço hirsuto destendido

Elle move na sombra, umas cousas sem nexo
Mastiga, e á meia luz da agua e areia, em reflexo
Frio, no antro soturno onde o marujo dorme,
Reluz com o bojo escuro uma botelha enorme.

PALEMO

Viu nestas aguas morta, o corpo frio
Boiando errante á furia da procella,
Palemo, o pescador, a Ulania bella,
Filha de Alceu, mimosa flor do rio.

Deu-lhe a desesperança de perdêl-a
Ao seu perdido amor tal desvario,
Que em mais não cuida do que em ter o esguio
Canniço na agua, e o pensamento nella.

Acompanha com os olhos na corrente
O anzol e a idéa — ardua, incessante lida!
Nem o estar só, nem o máo tempo o assombra;

Nem horas conta, que o seu mal latente
Alheio a tudo o traz e á propria vida,
Curvo a pescar a sua propria sombra.

INCOHERENCIA

Dá o vento por acaso, e une dois ramos;
Dá outra vez, succede que os separa.
Dest'arte — triste fim que eu mal sonhara!
Nós nos unimos, nós nos separámos.

Separados, eu sei que nada iguala
Ao soffrer teu, se uma outra me sorri,
E nem ao meu soffrer, se alguem te fala,
Se vejo alguem se approximar de ti.

Tu commigo, eu comtigo ambos sonhamos...
Para que, afinal, nos separámos?

O EXAME DE HERCILIA

Em casa da boa Hercilia
Já de ha muito dorme toda
A familia,
Toda, até um ruivo bichano
Que, hirto o pêllo, se accommoda
Sobre o piano.

Onze horas, lentas, onze horas
Em timbre estridente e agudo
Deu sonoras
O relogio. Espêsso e enorme
Silencio amortalha tudo...
Tudo dorme.

Só Hercilia, o olhar esperto,
Febril, nervosa, accordada,
Alli perto

Insomne jaz em seu leito,
Com a coberta repuxada
Sobre o peito.

E' que viva, pobre criança!
Traz dêsse dia tão breve
A lembrança,
E inda uns echos de alegria
Lhe vêm do prazer que teve
Nesse dia.

Fez exame. Foi julgada
Pela commissão de exame
Approvada!
Difficeis provas aquellas,
E nem temor, nem vexame
Deante dellas!

Quando se fez a chamada:
— Dona Hercilia de Azevedo!
Apressada:
— Presente! disse tão calma
Que bem se viu nenhum medo
Lhe ia n'alma.

Não tendo letra bonita,
Só a salteava um receio:
Era a escripta.
Mas — « A letra pouco importa...
Seja clara, embora meio...
Meio torta:

O que se quer é certeza
Nas palavras » — gaguejara

Junto á mesa
Um dos examinadores,
Da jarra em frente, alta eclara,
Vendo as flores.

Na prova oral uma hora
Levaram a interrogal-a;
Sim, senhora!
Agrupavam-se da villa
Muitas pessoas na sala
Para ouvil-a.

Falou forte e firme. Prompta
Ora na pedra fazia
Uma conta,
Ora voltando-se para
O auditorio, discorria
Com voz clara.

Das fracções, as ordinarias
E decimaes, aos complexos,
Questões varias
Resolveu. Movia espanto
Em todos alli perplexos
Saber tanto.

Em geographia a victoria
Foi ruidosa! Tinha a sciencia
De memoria!
Disse toda a Europa, disse
(Que expressão e que eloquencia!
Quem a ouvisse!)

A Asia toda, a Africa em parte,
Que o tempo com as mais alumnas

Se reparte;
Esmiuçou dos continentes
Rios, lagos e lagunas
E torrentes;

Subiu ao Atlas de um salto
E ao Kilimandjaro; logo
De tão alto,
Ao Barh-al-Abiah de agua clara
Baixou e ao saibro de fogo
Do Sahara.

O Klutcheveskoi, flammante
Vulcão, o Koriaskaia
Tonitruante
Fez fumegar igneo e rudo...
Cabos, mares, praia e praia,
Disse tudo.

Só não soube em sciencia tanta
A escapar-lhe como um fio
Da garganta,
No mappa mural fronteiro
Mostrar o Estado do Rio
De Janeiro.

Da grammatica na prova
Revelou, profunda e artistica,
Vista nova;
Bateu o antigo processo,
Fazendo ver da linguistica
O progresso.

Dissertou sobre os oxytonos
(Citando exemplos da pratica)

E os barytonos;
Passou á analyse logica,
Kampenomica, syntactica,
Morphologica.

Em moral, a metaphysica
Discute; com o mundo atomico
Entra em physica;
Historía o fluido electrico,
Vae de um problema economico
A um geometrico.

Já pelo azul super-theorico
Adejava num tresmalho
Metaphorico,
Quando a mestra dessa altura
A puxou para o trabalho
De costura.

A sala que se quedava
Boqui-aberta, como louca
A escutava;
Nem sciencia tanta e tão fina
Sahiu jamais de uma bocca
De menina.

Foi um não findar de abraços,
Quando acabou. Jubilosa
Nos seus braços
A professora tomou-a.
Que mestra que é a Dona Rosa!
Como é boa!

E ante Hercilia, lenta, lenta,
Da mestra a velha figura

Se apresenta;
Dão-lhe graça essa verruga
E esses oculos de escura
Tartaruga.

E por trás da mestra em bando
Vê, com a multidão que chega,
Vir entrando
Arabella, Dulce, Estella...
Foi sua melhor collega
Arabella.

E Hercilia, a pensar na amiga,
Dorme-não-dorme, olha á porta
Uma antiga
Aberta por onde a lua,
Num raio que a sombra corta,
Se insinua.

E — illusão talvez pareça,
Clara corôa aurea e bella
Lhe adereça
A luz. Varias, multicôres,
Grandes gemmas se vêm nella,
Como flores.

— « Ah! que é isto? um mimo regio!
Mandou-m'o talvez a mestra
Do collegio! »
Brada Hercilia; ergue-se, vôa,
E á fronte leva com a dextra
A corôa.

Vae vêr-se ao espelho. Farto,
O luar, de um raio que era,

Enche o quarto;
E o espelho ao luar irradia,
Como em céo de primavera
Claro dia.

Vê-se. E moça, moça vê-se!
Moça! Eis o seio nevado
Lhe apparece!
De moça a fórma alva e lisa
Se entrevê sob o rendado
Da camisa.

Moça! e corôada! e rainha!
Mas, suspensa, e o espelho encara :
« Será minha
Corôa que a todas vence
Em fulgor? cousa tão rara
Me pertence? »

E uma voz — baixa do tecto?
Do chão lhe sobe? produl-a
Cada objecto?
Vem do luar? Não sabe de onde,
Uma voz no ar que se azula,
Lhe responde :

— « Sim, tua é a corôa, tua!
Mas não vem como imaginas,
Nem da lua,
Nem da escola, porque lá
Premio dest'arte a meninas
Não se dá;

Vem da tua mocidade,
Que estás moça, e é esse o estemma

Dessa idade;
A luz em que o vês arder
E' a da graça que diadema
A mulher.

E' a luz da belleza. E és bella!
Cinge a corôa, radiante
Vae com ella!
Sobre teus sonhos em flor
Rutile cada brilhante
Um esplendor.

Cada illusão que alimentes
Expalme iriantes as azas
Refulgentes
De ouro e chrysolitas... Ris?
Cante em teu riso a alma em brasas
Dos rubis!

Exulta, folga, ave agora
Emplumada! Flóreo calix,
Abre á aurora !
Phalena a que o sol seduz,
Sáe a gyrar pelos valles,
Vae com a luz!

Estás moça! Esse pesado
Vão saber que crês houves ,
Põe de lado;
Em nada te ha de valer
Tanta cousa que soubeste...
Sem saber!

Mestra e sábia, a Natureza
Mais te ensina, e com verdade

E clareza,
Que a escola que te approvou
E tanta futilidade
Te ensinou.

As entre-cruzadas teias
Dessa trama em que perdida
Tu te enleias,
Espedaça, ó alma, e a voar,
Vem, mais livre, ao sol, a vida
Ver e amar!

Bella é a vida, e és bella! E oh! quanto
Será mais intenso e vasto
Seu encanto,
Se ao teu dever a razão
Servir sempre e ao Bem teu casto
Coração!

Vem ser boa, e meiga e pura,
Bella não só, mas amada,
Por ventura,
De todos, Hercilia! E mais :
Vem ser o orgulho, a alma, a vida
De teus paes! »

CONFISSÃO DOS OLHOS

Na sala, muita vez, junto aos que estão comtigo,
Nóto entrando que ao vêr-me, entre surpreza e enleio
Ficas, como se acaso um soffrimento antigo
Eu te viesse accordar lá no intimo do seio.

Porque enleio e surpreza? Olham-te, e empallideces:
Pões a vista no chão, fazes que desconheces
Estar ao pé de ti quem te perturba; acaso
Vaes distrahida; aqui tocas a flor de um vaso,
Alli de um velho quadro attentas na gravura;
Achegas-te á janella, olhas a tarde pura,
Voltas. De face então vês-me e estremeces. Quasi
Disseste o que dizer te anceia ha muito; a phrase
Intima, breve e ardente, em teu labio purpureo
Afflou num palpitar, fez ouvir um murmurio,
Mas refluiu... Em tôrno attentos te encararam.
Foi quando para mim teus grandes olhos voaram,
Voaram, vieram, assim como do firmamento
Duas estrellas, e a alma unindo a um pensamento
Unico, em fluido a escoar dos raios de ouro em mólhos,
Somem-se em mudo assombro, abysmam-se em meus olhos.

E em minh'alma, lá dentro, eu sinto então, querida,
Que elles deixam cahir, no ardor em que me inflammo,
Ah! e com que calor, com que sêde de vida!
Letra a letra, a tremer, o teu segredo: Eu te amo!

POR UM SORRISO

Valia a pena só por teu sorriso
Soffrer o que eu soffri? Não era ao certo
Um signal de ventura, meio aberto
Apenas como foi, breve e indeciso.

Não me dizia : — « Se te fôr preciso,
Raio serei de sol no teu deserto. »
Isto, ou então, dando o meu nome : — « Alberto,
Olha, aqui tens a luz do Paraizo. »

Era um sorriso dêsses que sentido
Quasi não têm, talvez... Eu, entretanto,
Por ainda uma vez t'o merecer,

Déra, que louco eu sou! pudesse tanto!
Déra contente os dias que hei vivido
E os dias que me restam por viver.

SONHO

De onde a conheço? De um sonho
Mysterioso e fugitivo.
Vi-a, e loucura supponho,
Mas rematada loucura,
Achar no mundo em que vivo
Tal creatura.

Era tão meiga e tão linda!

Amo-a. Amor assim profundo
Não houve nunca no mundo!
E uma esperança não ponho
Na idéa de vêl-a ainda...
Nem mesmo em sonho.

VERSOS ALHEIOS

São de um poeta sem nome
Os versos desta pagina ;
Guardei-os de memoria, um dia, ouvindo-os,
E ouvindo-lhe enarrar belleza e graças
Daquella a quem sagrara, a mente em fogo,
Golpeado o coração, férvido culto.
Pudesse ella saber como inspirada
Por sua formosura, houve uma lyra
Que desferiu tal canto!

— « Quero, para mais tarde
Ao fim de minha vida
Reler o que escrevi, do fundo d'alma
Ao verso transferir quanto padeço.
E' uma pagina intima. Que importa
Lhe faltem côr de estylo e rima, se ella
Assim me sáe do peito apaixonado,
E em cada phrase o coração lhe sinto
Exulcerado e ancioso?

Pudesses ler um dia
Osversos que te escrevo

E crer no sentimento que os anima!
Ah! verias então que ascuas de incendio
Me ardem nas fibras, como a tua imagem
Passa e repassa ante meus olhos avidos,
Os enche de agua e chammas, e o teu nome
Como o digo cem vezes num minuto
Commigo... no meu sonho!

Quem me deu tão profundo
E intenso o sentimento
Que assim me prende, assim, por todo o sempre
A quem nem sabe que o motiva e ignora
A insensata paixão em que me abraso?
Ah! por que puz meus olhos nos teus olhos?
Ah! por que fui te ouvir com estes ouvidos
A musica da voz — torrente magica
De mel e de harmonias?!

Nem mais um dia agora
Sem que te haja na idéa!
A tua imagem linda em toda parte!
Em toda parte o fremito convulso,
O calafrio de lembrar-te as fórmas,
A sêde incomportavel de beijar-te,
E ao mesmo tempo, ai! doudo! echoante e lugubre
Um grito que me diz no intimo d'alma
Que não pódes ser minha!

Conjunctura terrivel
E' esta em que me encontro!
Quasi, quasi por vezes vou com a idéa
Cabeça tonta! de, calcando altivo
Convenções, preconceitos que me opprimem,
Sahir a bradar alto pelo mundo

Teu nome, — extremo encanto de meus dias
E que a um tempo me faz um desgraçado
E o mais feliz dos homens!

Oh! se tu me quizesses!
Se uma palavra apenas :
Amo-te! ouvisse aos labios teus! nem fôra
Preciso tanto — se por minha causa
Te rolasse uma lagrima dos olhos...
(Meu Deus, por que sonhar este impossivel!)
Se isso se désse, que granito ou bronze
Ha ahi que eu não rompesse no delirio
De me saber amado?

Só o amor nos faz grandes.
Este que em mim referve
E' de tudo capaz; basta me acenes
Com um simples gesto, e azas serão velozes
Estes braços, que irão onde estiveres:
Invoca-me : broquel será meu peito.
E se preciso fôr, minh'alma docil
Verás subitamente transformada
Toda em ousios e impetos.

Mas perdôa-me, e acaso
Lendo estes rudes versos,
Tem dó de quem por ti resvala a doudo!
De ti nada ambiciono, tranquilliza-te!
Deixa-me padecer como padeço,
Apenas, resignado, a só ventura
Não m'a prohibas! (tendo da lembrança
Que de ti guardo e no meu peito, em chammas
Se gravou para sempre.

Olha, por mais que esforce,
Esquecer-te é impossivel!
Crê que o tentei em vão suadas horas,
Em vão! Ha dentro em nós nestes momentos
Um não sei quê mais forte que a vontade,
E é preciso ceder... Cedi cançado,
Cedi, para a certeza inilludivel
Ter de que nunca mais, em toda a vida,
Esquecerei teu nome.

Como em cavado tronco,
Zelando os cereos favos
Que encheu de mel, ferve a abelheira e zumbe,
E o madeiro sussurra de alto abaixo
A' agitação das azas que tem dentro:
Meu coração por ti resôa e vibra,
Tu lá estás — é teu nome que murmura,
Tu lá estás — são meus versos que te exalçam
E — alado enxame — cantam!

Deixa-me este consôlo...
E esta pagina lendo,
— Sombra fugace — não te ennuble a fronte
A dôr de sêres causa do tormento
Do sem ventura que a escreveu chorando;
Quiz apenas assim lembrar-te ainda,
Para mais tarde os versos que aqui deixo
Reler com a minha dôr e as minhas lagrimas,
Ao fim de minha vida. »

PRAIA LONGINQUA

— « Ao mar! ao mar! — Em vagalhões na praia
Arrebentando em flor, ah! tão distante,
Na azul distancia, se revolve o mar!
Ella, anhelante e pallida, desmaia,
E lança em tôrno, exhausta e delirante,
Allucinado olhar.

Com verdes ramos que á brauna cortam
Armam-lhe á pressa palanquim ligeiro;
Hombros para tomal-o ha vinte ou mais,
Tão cara é a doce vida que transportam,
A quem sorri num sonho passageiro
A praia... os areiaes.

Levam-n'a. Sem medir passos embora,
Que urge avançar, com que cuidado a levam!
Brota, como uma flor, nos céos o luar.
Sobre as collinas do Occidente agora
Lembram prateadas nuvens que se elevam,
As areias do mar.

A misera viajante os olhos fita
Nas brancas nuvens, e em delirio exclama :
— « Vêdes, amigos? já não tarda o fim...
Eil-a a praia do mar, curva e infinita,
E ah ! tão linda! tão linda! E ella me chama
E sorri para mim ! »

— « Socegae! diz-lhe a comitiva. E' cedo,
Cedo ainda, senhora. » E a marcha apressam,
E entre si trocam expressivo olhar.
Entram o bosque. Sôam no arvoredo
Os ventos que no seu vozear não cessam,
Como um rumor de mar.

— « Ouvis? prosegue a enferma, e o ouvido attento
Os ares sorve — E' sua voz! » Replica
Por acalmal-a a comitiva em vão :
— « Senhora, é o vento no arvoredo. » — « O vento!
Ai! não, é o mar! » E um riso aos labios, fica
Prêsa á mesma visão.

Na sombra espessa, entre pendões de flores,
Pullula e entre cipós e penedias,
Da lua á luz, tremeluzindo no ar,
Basta nuvem de insectos multicôres,
Lembrando o lucilar das ardentias
Pelas noites do mar.

— « Olhae! diz ella, as ondas são raiando
Phosphoro vivo e prata! » E os que a rodeam
E o instante vêm que se approxima atroz :
— «São vagalumes ao luar dansando, »
Respondem-lhe; e os soluços mal refream,
Estrangulada a voz.

Desalento ou fadiga que os prostrasse,
Breve atendaram. Ao luzir da lua,
Vêm-n'a no palanquim, como a sonhar...
Oh ! mas tão pallida ! a friez da face
E' como a da alva areia em praia nua,
Onde espreguiça o mar.

Sôa convulso e afflicto em roda o chôro
Dos que a amaram na vida. Qual se presta
De fumeo archote a improvisar-lhe luz,
Qual a trazer-lhe flores para o manto,
Qual a cortar um ramo da floresta
Em que lhe talhe a cruz.

Sorri, no emtanto, e a estremecer de leve
Abre a viajante as palpebras, e sente
Por sobre si num vagalhão rolar,
Vindo de praias de um alvor de neve,
O céo azul, nitido e transparente,
Como se fôra o mar.

— « Salva ! estou salva ! » exclama, — qual sentindo
Celeste aljofar, suspirar pudera,
Rehavendo alento machucada flor.
— « Salva ! » E illusoria a vida lhe fugindo
Aos membros vae. E é um marmore, uma cêra
Na desmaiada côr.

E morre, crendo ver, azul e prata,
Mar e praia sorrir-lhe ; uma por uma
Saudando as ondas quando a vêm buscar ;
Morre, como uma flor que a agua arrebata,
Como a luz da ardentia, como a espuma,
E o naufrago, no mar...

. . .

Vem! Inda em mim amor com que eu te queira,
Versos em que celébre e em que resuma
As tuas perfeições uma por uma,
Têm ésto e assomos da paixão primeira.

Salta-me o sangue, como ao vento a espuma,
De indomitos desejos á cegueira.
Ardeu durante o dia a selva inteira,
E' quasi pôr de sol — inda arde e fuma.

Vem! Dá-me ouvir-te em meu deserto os passos!
Vem, desejada ha tanto! e est' alma louca
Unindo á tua, morta de anciedade,

Deixa crucificar-me nos teus braços,
Lavra com um beijo teu na minha bocca
O epitaphio da minha mocidade!

MAGDALA

Passa por ti e : — O' formosa!
Diz este, e ao seio te enlaça:
Dá-te um sorriso, uma rosa,
Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e : — O' rainha!
Aquelle diz, e te abraça;
Dá-te um brilhante, uma perola,
Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e : — O' thesouro
— Diz outro — de encanto e graça!
Dá-te ouro, punhados de ouro,
Um beijo depois. E passa.

Passa por ti e : — O' mesquinha!
— Diz o poeta — a sorte escassa
Quanto me deu foram lagrimas...
Dá-te uma lagrima... E passa.

LONGE... MAIS LONGE AINDA!

> N'importe où! n'importe où pourvu que ce soit hors de ce monde!
>
> C. Baudelaire. — *Petits poëmes en prose.*

Eis-nos longe de tudo, em pleno Oceano. Ao Poente
E ao Levante o que vês são agua e céos sómente,
Oh! céos e agua! e ao Norte, e ao Sul, por toda parte!
Aqui pódes falar, pódes desabafar-te,
Alma, alma soffredora, eternamente inquieta!

— Leva-me inda mais longe, além, mais longe, poeta!

Neve. Perpetua neve. Alvas serras de neve.
Neve o mar. Neve o céo. Certo aprazer-te deve
Esta horrivel região! pisas da terra o termo.

— Oh! mais longe! mais longe!
— Onde, espirito enfermo?

— Onde nem possa eu mesma ouvir-me ou ver-me! ao fund
Do Cahos, por trás do Céo, da outra banda do mundo,
Lá no sem côr, no sem nome, no sem baptismo,
Onde acaba o Universo e onde começa o Abysmo!

TEMPESTADE

I

Apraz-me em hora assim como esta, entristecida
De pensamentos máos, de um mal-estar da vida,
Ver que além, desde o azul do pincaro do monte,
Cerrado e ameaçador, escurece o horizonte.
Ah! participe és tu, talvez, neste momento,
Do mal que abafo em mim, fundo de firmamento,
Ponto extremo do céo, onde tremenda avulta,
O' Natureza oppressa, a tua dôr occulta,
Teu soffrer ignorado e vasto, como és vasta!

II

Eis já da ventania o estalar da vergasta.
Rude sôpro que vens de um morno céo de trevas,

Leva-me este pesar, como estas folhas levas!
Oh! que sublime accento este que aos meus ouvidos
Chega do re-ranger dos troncos sacudidos,
Das arvores com os seus ramos para os espaços
A gritarem, torcendo em supplicas os braços,
Da ave aos pios fugindo espavorida e errante,
E de todo animal que inda lá vem distante
A tormenta, a sentiu já e a transir medroso
Se encolhe, o ar farejando!

III

Aspecto procelloso
Assume o céo. Baixou, de Aquilo ao têso açoite,
Antes da noite vir, da tempestade a noite.
Grosso rumor confuso, imitando o que espalha
O tambor a rufar, annunciando a batalha,
Se ouve. Clarão sulfureo abre. Por céo de chumbo
Sôa e retreme horrendo um concavo retumbo.

IV

Começou a tormenta. O' negra maravilha
De uma dôr que talvez me é dado imaginar,
Grato me é teu rugir, quando em solta matilha
Os ventos, como cães, ladram furiosos no ar:

Quando, assim como agora, indomita te pulsa
Desconhecida raiva em rudes paroxismos,
E relampadejante, ao meneares convulsa
Teu archote incendiario, azulas os abysmos:

Quando de teus trovões no inchado bôjo estrondas,
E pallida e espectral, dos raios á explosão,
Appareces lá em cima, onde teus paços rondas,
Como Lady Macbeth, ensanguentada a mão!

V

Náos de fumo a expedir da prôa em fogo a morte,
No improviso clarão que a tudo espanta e céga,
Eis as nuvens do Sul investem com as do Norte,
Em tremenda refrega.

Roda-as cerrado e informe e a Natureza aterra
Bulcão negro. Trovões consecutivos troam.
Fumeas faixas no céo, como pendões de guerra,
Esfarrapadas voam.

Fuzis sobre fuzis subitos palpitando,
— Vivo e monstruoso incendio, enchem a immensidade;
Passa em titaneo côro, uiva, ulula, reboando,
O hymno da tempestade.

VI

Amo-te assim, no horror com que o universo assombrbras
Deusa irada do raio, ó tempestade invicta!
Quando fazes rolar teu plaustro de ouro e sombras,
Abalando ao passar a abobada infinita,
Não encolhido e vil, mas com heroismo rudo
— Energica expressão de uma dôr immortal,
De pé, sorvendo no ar teu bafo, eu te saúdo
A marcha triumphal.

Amo-te o rebramar do cavernoso e grosso
Côro de teus trovões, ao carro teu jungidos;
Qualquer cousa de mim que eu exprimir não posso,
Geme no teu gemer, ruge nos teus rugidos!
Amo-te, ebria e possessa, a deflagrar purpurea,
A quanto se te oppõe, no embate formidando,
Com Aquilão e granizo, em desatada furia,
Varrendo, espedaçando.

E invejo-te! Não ter para expandir-me o espaço,
Onde de pólo a pólo o teu soffrer derramas!
Não ter para raivar a tua gorja de aço,
Nem para blasphemar tua bocca de chammas!
Na soidão de meu ser pésa-me o pensamento,
Como parado ha pouco asphyxiava este ar;
Oh! tua dôr, tormenta, esvae-se em agua e vento,
E eu... nem posso chorar!

NAUFRAGIO

Só, no alto oceano horrendo, um navio se afunda.
Salteou-o a cerração, e o temporal em viagem.
A um bordo e a outro a uivar, como lobo selvagem,
Cospe-lhe amargo insulto a vaga furibunda.

Só, emmeio da vida, ó soffredora imagem,
A quem não mais o Amor, não mais o Ideal fecunda,
Naufragas tu tambem em solidão profunda.
Torpor, nausea e cançaço impellem-te á voragem.

O' navio! no mar, por horas taes da noite,
Quem ha que por valer-te á escuridão se afoite?
Ninguem! E em teu sinistro, á onda maior que vem.

Alma — panno de náo largado aos quatro ventos
Das grandes provações e grandes desalentos,
Quem te ha de o extremo grito acaso ouvir? Ninguem!

TERRA NATAL

(1900-1901)

O PARAHYBA

A CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

Notavel rio .. Tão abundante de aguas, como prolongado em curso.

JABOATAM. — *Novo orbe serafico*

E aquillo vinha surdamente troando, troando.
E uivavam alto a tempestade e as ondas em tôrno da casa.

BURGER.

I

Da serra da Bocaina até São João da Barra,
Onde o Atlantico o sorve, onde o rumor bravio
Se lhe abafa da voz — monstro a levar na garra
Troncos, pedras, o que acha em seu percurso — o rio,

Margens de argila ou gneiss ás suas aguas dando,
Em chão de grés ou saibro, em plano, almarge ou gruta,

Longo se estende, ao sol, com cem vagas cantando
O hymno que o céo azul, sobre elle arqueado, escuta.

Traz dos sertões que andou, canticos e perfumes,
Um ninho, um fructo, um ramo, um leque de palmeira.
E a alma errante e immortal das cousas, em queixumes,
Debruçada a chorar-lhe em cada ribanceira ;

Traz dos rotos grotões, cuja abobada agita,
Retumbando-lhe dentro em impetos violentos,
A revoada ululante, a successiva grita
Dos echos que lá sopra a buzina dos ventos.

No amplo manto talar que undivago sofralda
E que descose e rasga entre os penhascos duros,
Traz das serras do Sul, tão verdes! a esmeralda,
E o ouro dos milheiraes a apendoar maduros ;

Traz o limo e agua-pés em balsas que suspende,
E os nelumbos a abrir as corolas redondas,
Das terras baixas, onde em plano igual se estende
E onde põe a pastar o seu rebanho de ondas.

Ahi lhe accorrem, voando, a vêl-o, das charnecas,
E em confuso alarido, ás azas dando, gritam
A garça, o frango d'agua e a alluvião de marrecas,
Mergulhões e irerês que o chão palustre habitam.

Ahi, talvez, a sanha e o irado aspecto esconde
E é todo amor. Ahi crês ouvir-lhe á superficie
Flebil chôro, a que á tarde, ao pôr do sol, responde
O longinquo mugir dos touros na planicie.

Mas aos cedros da serra a massiça columna
Basta lascal-a venha o raio de repente,
Basta nuvem de bronze o espaço coalhe, e zuna,
Lampeje o céo boreal, ruja a trovoada ardente,

E elle, alteando feroz, a tudo investe, ao pêso
Das ondas, bólha e espuma em férvida cascata;
A' cauda triumphal — como um vencido prêso
A' cauda de um cavallo — as suas prêas ata;

Leva-as; minaz estronda, e o socavão dos montes,
Com o inaudito fragor, longo reboa e geme;
Engenhos, construcções que ao pé lhe vêdes, pontes
Que a atravessal-o estão, tudo vacilla e treme.

E ao encontro lhe vêm seus grandes tributarios:
Vem o Piratininga, o Turvo, que em caminho
Toma o das Pedras; vem (tantos são e tão varios!)
Agora liso e manso, agora em redomoinho,

Gorgolhando, a bufar, o Mundeos, o Vermelho,
Lage, que o nome tem da pedra em que descança,
Cachoeira, a reflectir o azul em seu espelho,
Taquaral, São José, Formoso e Barra-Mansa;

Vem Barroso, e Quatys; vem e dos cêrros tomba
Piabanha, e Paquequer; vem Dois Rios, formado
De dois rios: o Grande e o Negro; vem o Pomba,
Vem o Muriahé; vêm de um lado e outro lado

Todos, de uma e outra borda. E em movediço bando,
Ante o Rei do deserto, as urnas de agua cheias,
Cantam, ora do chão nas lapas ajoelhando,
Ora, como a chorar, debruços nas areias:

— « Ave, ó Rio gigante! ave! (E aos pés delle, em terra,
Vão depôr-lhe, jurando eterna vassallagem,
As pareas; de um ás mãos o minerio da serra
Reluz; outro sopesa estipite selvagem;

Este de seus sertões, na costumada faina,
Lhe traz dos gequirís as contas côr de rosa;
Qual as plumas do ubá, qual os floccos da paina,
Qual a flor da canella e a madeira cheirosa)

« Ave, ó Rio gigante! A ti viemos das trevas
E do sol da soidão; e a ti, que undoso e forte
Vaes, e — novo Tritão — comtigo as chaves levas
Com que as portas abrir soes do Atlantico, ao Norte,

Rio, viemos pedir: os teus vassallos guia!
Faltam-nos força e alento em jornada tamanha!
Tu, só tu, bello e audaz, á praia fugidia
Que em sonhos vemos nós, como uma patria estranha.

A' alva praia, onde á noite, em seu clamor obscuro,
A chamar-nos está, quebrando, o Oceano, em cheio:
— Rios, meu seio é bom, não pedregoso e duro,
Agua eu sou como vós; rios, vinde a meu seio!

Tu, só tu, magno Rio, é que levar-nos pódes!
Arrebata-nos, pois. E a correnteza tensa
Suma em ti, como a flor da espuma que sacodes,
Nosso immenso cançaço e nossa magua immensa. »

Então, sustando um pouco a marcha e um murmurio
Arrancando maior do peito cavernoso:
— Vinde! ás aguas que vê diz conturbado o rio,
Grande, affectivo e bom, como um Titão piedoso;

Depois, varzeas e céos atroando com o alarido,
Troncos, pedras, o que acha enfeixa a uivar na garra,
E divino e feroz, num cantico ou rugido
De colera ou de amor, entra em São João da Barra.

II

Darda esbraseado o sol as flechas deouro a prumo,
Cresta as folhas e sorve a agua aos ribeiros; arde
A espalda da montanha, e o carro em fogo a Tarde
Apresta com que aos céos demande em breve o rumo.

Curva por sobre o rio a matta informe estende
Quieta os ramos. Rutila o ar, fagulhando em brasas;
Abate, arfando á luz, o corvo negro as azas;
Ascuas na lisa escama o talco vitreo accende.

Ignea, escalvada rocha, o dorso nu, lampeja,
Onde, ó bromelia agreste, em leito ardente abrolhas;
Cáem, volteando no ar, amarelladas folhas;
Gretado, e como um forno, o chão fumega e arqueja.

E' ahora emque a beber desce por invio atalho
Onça a que audaz moscardo ataca, apua e zanga;
Move a cobra coral as pedras da missanga;
Soa da cascavel o estridulo chocalho

Fecha, offuscado, ao sol, a palpebra dorida
O passaro, e a palmeira as folhas. Anciedade
Ou torpor, um cançaço a todo ser invade,
E irreprimivel somno a repousar convida.

III

Mas de improviso, como enraivada serpente
Que ao corpo as voltas mil subito desenrosque
E se erga, avulta e estrala ignea espiral ardente.
E' o fogo ateado em tôrno ao resequido bosque.

Formidavel clamor, como o de mar e ventos,
Resfolgar de trovões, cantico indefinivel,
Choros e confusão de guinchos e lamentos :
Tal é o côro infernal que elle rouqueja horrivel.

Já nas malhas da rêde ignivoma a floresta
Apresou, e um por um os vegetaes enlaça,
E onde ha pouco ainda a Vida em afflatos de festa
Passava, agora a morte, o estrago, a ruina passa.

Oh! quem pudera ter ouvido naquella hora
Proprio a ouvir o que diz a floresta abrasada,
E como o seu supplicio, ao fogo que a devora,
Nas aguas se reflecte e nos seus roncos brada!

Erriçados de horror, do rio amado ás ribas
Mal vos podeis firmar nas soberbas columnas,

O' jacarandatans! ó maracanahybas!
Cangeranas e ipês, ubatans e braúnas!

Não ha sofrear a furia ao vortice de chammas!
Ai! de teus filhos, ai! convulsionada matta,
Lá se vão! lá se vão fructos, latadas, ramas!
Tudo o incendio voraz te sorve e te arrebata!

E' ao tempo em que um listão de sangue se desenha
Nas aguas (darda o sol as flechas de ouro a prumo)
E em breve é tudo aquillo, o rio, o valle, a brenha
Um oceano de fogo, um oceano de fumo.

IV

Um mez. Dois. Arde o sol. Nem gotta de agua escassa
Chora impiedoso o céo. Exhaurem-se as correntes.
Apertado o horizonte, abafado em fumaça,
Mal deixa ver á noite as estrellas luzentes.

Descobre o Parahyba os arenosos flancos
E mingua e é como extanque. Oh! não é mais o rio
De inda ha pouco, a passar indomito aos arrancos,
Desbridado e brutal como um corcel bravio!

Nunhum entono mais no majestoso porte,
Na crista a espumejar das enraivadas vagas!
Viajante, com teu pé o leão que foi tão forte
E cançado abateu, facil agora esmagas.

Podeis sobre elle agora, entre seus membros lassos,
A canôa impellir, pescadores, ao porto:
A corrente caudal — musculo de seus braços,
Jaz sem força e vigor. O Parahyba é morto!

V

E' morto o rio. O valle ensombram-lhe os destroços
Que o bosque lhe atirou, pelo incendio desfeito.
Estas pedras que vês ao longo de seu leito,
Negras, faiscando á luz, são os seus grandes ossos.

Phantasticos e em fila, á sua margem, torvos,
Como espectros de cinza, olham-no os troncos brutos:
A explorar-lhe com o bico os detritos corruptos,
Em revolto esquadrão saltam, grasnando, os corvos.

Boia-lhe á tona podre e desafia a gula
A' ave ichthyophaga o peixe; a lesma, a preguiçosa
E bicephala cobra, a molle ran nojosa,
A antanha, o sapo vil, tudo ao pé lhe pullula.

E' morto o grande rio! O viajor que sem treguas
Desde São Paulo vinha a caminhar ovante,
Cançou, queda a dormir, o seu corpo gigante
Estendendo através de cento e tantas leguas.

Por incenso, aos seus pés, mãos de invisiveis numes
Trazem do alecrim secco e sassafraz o cheiro:

Cirios a alumiar-lhe o somno derradeiro,
Luzi-luzindo estão pallidos vagalumes.

Murmuram-lhe um adeus aragens e arvoredos
E as palmeiras em pé nos vastos horizontes;
Sobe por elle ao Céo, do cabeço dos montes,
Aos sons do orgão da Tarde, a prece dos rochedos.

Como extremosa mãe, pela vez derradeira
Beija-o chorando a Noite; aos mortos membros talha
No proprio manto augusto a lutuosa mortalha,
E o Cruzeiro do Sul planta-lhe á cabeceira.

VI

Mas um dia, do azul, ao derramar o calix
Do orvalho celestial, uma nuvem errante
Olha abaixo, e descobre o cadaver gigante
Do gigante estendido entre grotões e valles.

E essa nuvem, então, num vasto desconforto,
No ether voando, onde em luz seus vapores se enrolam,
Chama pelas irmans que em céos longinquos rolam :
— « Irmans! minhas irmans! o Parahyba é morto!

E' morto o grande rio! aguas que ao mar tamanhas
Mandava, eil-as volvendo em leito exile e raso!
Ah! choremol-o, irmans! » E ás montanhas do Occaso,
E ás montanhas do Sul, e a todas as montanhas

Chegam em sobresalto as nuvens; em tristeza
Cada qual se debruça a ver morto o seu rio;
Logo, feitas num grupo, em trovejar sombrio,
Prorompem a bramir por toda a natureza.

Sobe um tufão de dôr do alto daquelles montes,
Varre os céos. A um retumbo estupendo estremecem

Mar e terra. Fuzis rapidos resplandecem,
Como o relampejar de uma forja de Brontes.

Estala o raio. Estronda espedaçada a fragua
Dos trovões. O Universo é mudo espanto e assombro.
E as nuvens a chorar, erea chlamyde ao hombro,
— Tanto póde uma dôr! soltam-se em quedas d'agua.

Como que a estranho impulso, então, em cada serra
A enxurrada brutal vê se (ou chorado pranto)
Sahir de cada fenda, irromper por encanto
De cada esvão de gruta, e empapaçando a terra,

Arrastando-a na queda, em surdo baque ao fundo
Tombar do abysmo, e ahi se encaminhar ao plano,
Onde de um rio extincto agora exsurge o Oceano.
Como exsurgiu do nada a apparição do mundo.

VII

Resurgiu o gigante! Aves, um hymno á vida
Que com elle renasce! um ramalhar, florestas!
Um sorriso, aldeões! Terra, outra vez florida,
Valle, verde outra vez, campo, outra vez em festas,

Saudae-o! Abram-se á luz palhoças e arribanas!
Da alma do camponez cuidados vãos se soltem!
Eia, arado que o chão regôas ferreo e aplanas,
Vem! comtigo ao trabalho enxada e fouce voltem!

Mas que desmesurado o rio cresce! A enchente!
Horror! a enchente ahi vem! piam-lhe á frente, em bando,
Codornas e irerês; um fragor, um frequente
Estrépito infernal pelos campos reboando,

Se ouve. E' a agua a vingar os conhos broncos e altos,
A estender-se em lençóes, e qual de rotas urnas,
Das pedras a bolhar e indo eversora, aos saltos.
O concavo a entupir das fragas e das furnas.

Parahyba, o que és tu na inundação tremenda,
Quando infrene te vaes, a voz do povo o conte,
Digam-no as vidas mil que tens tragado, e a lenda
De Cecilia e Pery sumidos no horizonte...

VIII

Um dia, não ha muito (e o espectaculo horrendo
Offerto aos olhos teus, tu que no seio o trazes,
Memoras com pavor, Terra dos Goytacazes !)
Um dia, o cabedal das aguas recolhendo

De vertente em vertente, o echo ás fazendas mortas
Accordando ao passar, elle desborda opimo,
E conturbado o aspecto, a urna de pedra e limo
Vasa indignado do hombro, e te arremessa ás portas.

O rudo embate então, nuncio da enchente, ouviste;
E em breve, a pouco e pouco, afundando afogadas
Viste em seu grosso curso as varzeas e as estradas,
E as tuas plantações e os teus engenhos viste.

Como em novo diluvio ou novo cataclismo,
A agua tudo cobriu; só, mais alta, a cidade,
Na parte a que não chega o fluxo iroso e a invade,
Paira, como uma ilha, a fluctuar no abysmo.

Entra, acobarda o medo a quantos dalli medem
A cheia, e orando e ao céo levando as mãos erguidas

Ao céo, por que na terra os bens lhes poupe e as vidas
(Maior bem no perigo) e as aguas baixem, pedem.

Mas não os ouve o céo, antes armado entôa
Hymno de guerra, solta o raio, expede as settas,
Faz rolar dos trovões as sonoras carretas;
Em continuo rebombo o monte e o valle atrôa.

Ai! dos campos em flor, das aves e dos ninhos!
Que lamento lá vae! que voz de dôr levantam!
Ai! dos carros de bois que nas estradas cantam,
E o eixo partido vêm, fundeados nos caminhos!

Ai! das fazendas onde a mesta voz plangente
Se ouve a todo animal nos charcos das campinas!
Ai! dos torreões de pedra a assignalar usinas,
Os quaes tudo em redor vêm afundar na enchente!

Ai! dos cannaviaes! lá vão com aquellas flores,
Com aquellas balsas vão na corrente levados!
Lá vão os milheraes com os seus pendões dourados!
Ai! das lavouras! ai! dos pobres lavradores!

Ai! Guarulhos, de ti, que tão vizinho trazes
O monstro de aguas! Ponte, onde elle esbarra e fuma,
E sob a qual rasgado estronda o pégo e espuma,
Ai! de ti! Ai! de ti, Terra dos Goytacazes!

IX

Uma noite (dos céos completamente escuros
Trovoava ininterrupta a enorme profundeza)
Num rancho de sapé, dêsses que mal seguros
Com uns páos e barro e palha edifica a pobreza,

Um pequenino esquife, entre fitas e flores,
Mostrava amortalhado um anjinho. Dois velhos
Rodeam-n'o. E' um casal de rudes lavradores;
Elle, mudo, a scimar; ella, a rezar de joelhos.

Subito, um som medonho! uma parede abate,
E logo um tropel vasto e grosso a echoar lá fora...
E' o rio, é o Parahyba! áquella porta bate,
Bate, e entra onde a mãe ao pé do filho chora.

Mulher, marido, os dois olham-se então. Horrivel!
Olham-se e olham lá fóra a noite, em que se expraia
Branca, sob um céo negro, a enchente toda um nivel,
Toda um nivel como o céo, sem horizonte ou raia!

— « Eia! — o homem exclama — é já fugir! é o rio! »
— « Mas como? e este anjo ?! » a mãe, joelhos em terra, fala,

E estorce as magras mãos hirtas, em desvario.
Abate outra parede. O tecto arqueja e estala.

— « Ouves ? — e elle a impelliu — Ergue-te ! » Ella resiste
— « Meu filho! » é quanto diz. Elle se cala, absorto,
Mas logo : « Vem ! » implora. E ella a teimar, a triste,
Em morta alli ficar com o seu filhinho morto.

Já o rio molha aos dois os pés, e a casa inunda ;
Já se vêm na agua andar os moveis aboiando ;
Vae ruir o frechal ; o chão se cava e afunda,
Rasga-se um boqueirão de hiantes fauces ! quando,

Só então, a mãe se ergue ; ao leve esquife estreito,
Ao morto filho, alli, pallido, inanimado,
Pela ultima vez aperta contra o peito...
Duas vélas lhe accende, uma de cada lado ;

Rosas brancas aos pés e á cabeceira espalha ;
Dá-lhe um beijo, outro beijo, o ultimo beijo ardente ;
Olha-o ainda, ao corpo ageita-lhe a mortalha,
Depois, como um baixel, sólta o esquife na enchente.

E num grito de dôr e de todas as maguas,
Alçando as mãos, o olhar faiscando ignoto brilho,
Brada, olhando a extensão intermina das aguas :
— « Minha Nossa Senhora, entrego-te o meu filho ! »

X

Voga o esquife na enchente. Ao largo avança. Voga.
Duas luzes o vão nas aguas alumiando;
Córta, como uma quilha, a fluctuante gigoga,
Cruza os lódãos em flor. Vae boiando, boiando...

E emquanto elle assim vae, o rancho extincto esquecem
Os dois; e agua até ao peito, encanecida a fronte,
Curvos, sob um céo máo, longe desapparecem,
Ao clarão de um fuzil, na extrema do horizonte.

Mas um grito de dôr e de todas as maguas,
O esquife a acompanhar no aventuroso trilho,
Inda se ouve á distancia e vem morrer nas aguas:
— « Minha Nossa Senhora, entrego-te o meu filho! »

XI

Decorreram tres sóes. O rio baixa. Um dia
— Encalhado batel — do cemiterio á porta
Alguem o esquife encontra; inda uma véla ardia,
E entre rosas sonhava a creancinha morta.

XII

Foi milagre? Talvez... Indifferente, emtanto,
Passa o rio a espumar sob a mão que o governa,
Saudando os céos azues num formidavel canto,
Na divina embriaguez de sua força eterna.

SOBRALIA

A grande flor abriu na matta escura e enorme.
Veio a abelha e lhe disse :
— « Oh! quem te visse
Tão casta e tão vermelha!
Mas não! dorme ignorada, entre altos troncos dorme! »

A grande flor sorri ao que lhe diz a abelha.

A borboleta veio :
— Oh! se em teu seio
Que é sangue e aroma, e offega,
Eu pudesse dormir, eu descançar pudesse! »

A grande flor o seio á borboleta entrega.

E ao colibri que desce
Do ar luminoso,
Num deliquio amoroso
A grande flor o mel de seu nectario offerta.

Veio o sol : — « Serás minha! » Apaixonado corre,
Entra por uma aberta,
Baixa num raio...
Subito num desmaio

A grande flor se fecha, a fronte inclina, e morre...

COPA VERDE

Deixa-te sacudir do temporal violento,
Copa verde! E' tortura e é beneficio o vento;
Faz-te gemer, mas leva a poeira que se afoita,
Vinda do immundo chão, a te manchar; açoita,
Torce-te os ramos, mas as folhas sans te deixa
E as mortas te despega: á alma sentida queixa
Te arranca, mas vê bem : na furia em que te assalta,
Agua que aqui não tens, róscio que aqui te falta,
Frescura, vida, emfim, traz-te de longe. Chora,
Grita, raiva, esconjura, uiva e soluça, embora!
O despeado tufão em que vês um castigo,
Um flagello do céo, é o teu melhor amigo!
Se te fizer lascar com um impeto mais forte,
da assim, copa verde, inda a baquear na morte,
Em teu ultimo arranco uma benção lhe envia,
Pois de teu tronco viuvo has de mais bella um dia
Renascer... como a nós, quando tambem nos passa
Pela vida um tufão, um sopro de desgraça,
Se fortes somos, póde o ramo mais viçoso
Da illusão abater : em seu lugar, glorioso

Outro rebentará mais florido e mais lindo,
Onde virão cantar, e acazalar-se, unindo
Azas e azas, a um sol claro, a campear na esphera,
Novas aves de amor a nova primavera.

AZAS DE NEVE

A' esbelta garça branca apraz, possuindo,
Como possue, azas que os ares fendem,
Deixar de erguêl-as pelo espaço infindo
Onde tantas se estendem.

Sedul-a em baixo o lamaçal dos charcos,
O pantano miasmatico deserto,
De sujo limo á flux, e ao alto de arcos
E laçarias de cipós coberto;

E grato lhe é vagar, franzina e branca,
Dos annuns torpes com a enojosa tribu
No ceno infecto, de onde ao bico arranca
O desejado cibo.

Farta, do lôdo á flor, vidrento e immundo,
Espalma as azas candidas, serenas,
Evae com a vasa (como pelo mundo
A alma do poeta) sem manchar as pennas.

A FESTA DAS AZAS

Vindo do baile, Thereza,
Como era tarde, deitou-se,
E nem uma abelha viu
Que no quarto ficou prêsa,
E alli, tão bem qual se fôsse
Numa colméa, dormiu.

Pobre abelha! o dia nasce,
E á Thereza as fórmas véla
Inda o seu alvo lençol...
Ah! se ella se levantasse
E fôsse abrir a janella
Banhada da luz do sol!

Do sol que bem se adivinha
Já bate no parapeito,
Já quente se faz sentir.
Misera, triste abelhinha,
Tanta impaciencia! E em seu leito
Thereza sempre a dormir!

E é neste dia que á festa
Nos botões da alva grinalda
Que acinge a amendoeira em flor..
Virão do prado e floresta
Azas de ouro e de esmeralda,
De prata e de toda côr.

Virão as outras abelhas
Em fulvo enxame, bronzeados
Besouros a resmungar,
E em nuvens zangãos, vermelhas
Vespas e tavões dourados,
— Os hospedes todos do ar!

Oh! como ao bailar de leve
Da ramagem da amendoeira,
Vae ser brilhante a funcção !
Como entre as flores de neve,
Em chusma aerea e ligeira
Os insectos dansarão!

Que rebolir, que vertigem
De azas e antennas, em meio
De uma nevoa de ouro em pó
Mas logo todos se affligem,
Porque uma abelha não veio,
Porque ella falta, ella só!

Não vae! Lucta em vão, e chora:
Dá nas vidraças, voltêa,
De desanimada cáe...
O' companheiras, lá fóra
Folgae em festa, e esquecei-a!
A pobresinha o vae !

Não vae! E já se adivinha
Bate o sol no parapeito
E quente se faz sentir.
Misera, triste abelhinha,
Tanta impaciencia! E em seu leito
Thereza sempre a dormir!

Não vae, porque ficou prêsa;
Vêl-a entre as outras não contem,
Pois que Thereza a retem,
Thereza, a cruel, Thereza
Que já não se lembra de hontem
Ter ido á festa tambem!

O NINHO

O musgo mais sedoso, a usnea mais leve
Trouxe de longe o alegrepassarinho,
E um dia inteiro ao sol paciente esteve
Com o destro bico a architectar o ninho.

Da paina os vagos floccos côr de neve
Colhe, e por dentro o alfombra com carinho;
E armado, prompto, emfim, suspenso, em breve,
Eil-o balouça á beira do caminho.

E a ave sobre elle as azas multicôres
Estende, e sonha. Sonha que o aureo pollen
E o nectar suga ás mais brilhantes flores;

Sonha... Porém de subito a violento
Abalo accorda. Em tôrno as folhas bólem...
E' o vento! E o ninho lhe arrebata o vento.

COPO D'AGUA

Ia eu já cançado, o meu cavallo a passo,
Lentamente, a passo, Ponta-Negra fóra.
Nunca sol de Outubro avermelhou no espaço
Com calor tão grande como o daquell' hora.

Deu-me sêde, quando, só, no areial sem termos
Da restinga brava que me apparecia,
Se me depararam os poeirentos ermos,
Que só tedio inspiram e melancholia.

Ao cavallo as rédeas largo e sigo absorto.
Darda o sol mais rijo, como accesa fragua ;
Vão-me os olhos vendo tudo em roda morto,
Tudo chão de areias, sem um pingo d'agua.

Por vegetação, lichens aos arabescos
Numa ou noutra pedra, ou destacando a espaços
Sob o céo cruel, cardos que gigantescos
Bronzeos candelabros lembram com seus braços.

A caieira em breve, fornos fumegando,
Já na praia, avisto, longe á orla da areia,
Longe onde tambem avultam, branquejando,
No arcabouço enorme, uns ossos de baleia.

Oh! que sons terriveis longamente ouvidos,
Tu naquella costa, bruto mar, propagas,
Côro de orações mesclado de alaridos,
Concavo a reboar nos esquadrões de vagas!

Quatro passos mais, vejo de uns pescadores
Pobre habitação de alvas paredes nuas,
Rêdes estendidas, horta ao pé sem flores,
Rôlos de cordoalha, pannos de faluas.

Janellinha tosca abre-se de repente.
Que visão divina! Com um sorriso afago-a;
Sobre a sella inclino, falo reverente :
— « Por quem é, senhora, dê-me um copo d'agua. »

E em crystal brilhante mão encantadora,
Mão de claros dedos agua me servia;
Sederento bebo, mas da pescadora
Com a agua fresca e pura o olhar tambem bebia.

E uma nova sêde, mas que não se estanca,
Me resécca o peito, me esbrasêa agora...
Pescadora, adeus! adeus, casinha branca!
Ólho atrás saudoso. Lá me vou embora.

Da restinga tua, quando eu lá sósinho,
Ponta-Negra, estive, inda a lembrança guardo
Dessa linda moça, flor de teu caminho,
Flor do teu areial, onde viceja o cardo.

Já se vão vinte annos; tudo passa e finda!
Mas, pesar do tempo, da saudade á magua,
Seu olhar tão doce vejo a olhar-me ainda.
Bem me sabe ainda aquelle copo d'agua.

A MORTE DO FEITOR

I

Ventania horrivel. Noite de invernada.
Pelo rancho antigo, sob a ramalhada
Das mangueiras negras — tragico tropel,
As lufadas zunem, folhas sêccas voam,
Passos ora lentos arrastados soam,
Ora accelerados como os de um corcel.

No telhado, tetro, exagitado corre
Bando de phantasmas. Agoniza e morre
O feitor, o monstro. Flebil, aos seus ais
Em concerto o vento entremistura as vozes,
Ambos, elle e o vento, roucos e ferozes,
Resmungando a um tempo cousas infernaes.

Agoniza e morre. Não vão muitos annos,
Relho em punho alçado, braços africanos
Seu furor provaram. Cafesaes em flor,
Chapadões de morros, fossos e vallados,

Vós que ao eito vistes tantos desgraçados.
Vós sabeis a historia do cruel feitor.

Vós, talvez, ainda, rios transparentes,
Essa bocca escura, num ringir de dentes,
Mastigando pragas, n'agua reflectis.
Era um'alma como, na paixão odienta,
No rancor acerbo tão sanguisedenta
Não a têmas feras pelos seus covís.

Tinto em sangue ainda, sem que o tempo o apague,
Sangue que corria, aos silvos do azorrague,
Dos da gente escrava peitos e hombros nus,
Tinto em sangue ainda, no terreiro erguido
Jaz o pelourinho onde o final gemido
Tantos exhalaram, como numa cruz.

E ao soprar das mattas, inda acaso o vento
Dos que lá, fugindo ao seu senhor violento,
De uma corda ao alto — lugubre ascenção!
Foram pendurar-se — traz do extremo arranco
A expressão convulsa, traz seu odio ao branco
Os gemidos traz e traz a maldicção.

Agoniza o monstro. Negra, extincta raça,
Raça de captivos, tua imagem passa,
E insistente avulta ao seu olhar feroz;
Sonha vêr-te ainda em afflicções eternas,
Do brutal vergalho sob as sete pernas
Ou do cepo e machos no supplicio atroz.

Não lhe corre n'alma (como sobre a face
De atasqueiro infecto aza que ahi passasse)
O arrependimento; nem de tanto horror

Lhe vem dar rebate na consciencia morta
Remordaz angustia. Mas quem bate á porta,
Quem chamando está pelo cruel feitor?

II

Passa um pé de vento, passa um redomoinho.

III

— « Não é nada, pae! » fala-lhe de mansinho
Moça cujos olhos têm a côr do mar;
Mais seguras fecha portas e janellas,
Espevita as chammas do oratorio ás vélas,
E a Nossa Senhora vae alli rezar:

— « Virgem-Mãe piedosa que nos alumias,
Vinte padre-nossos, vinte ave-marias,
Ajoelhada em terra desde o escurecer,
Eu te rezarei dêste oratorio deante,
Se a salvar-me corres este agonizante,
Se a meu pae que morre vens aqui valer. »

Agoniza o monstro. Horrivel agonia.
No delirio e febre, uivos da ventania

Soam-lhe aos ouvidos, como em confusão
Crebros choros surdos dos captivos, quando
Peito, espaduas, hombros ia-os retalhando,
Vendo o sangue em jorros a empoçar no chão.

Reza a filha, reza. Elle estrebucha e pena;
Vê na sombra espectro que com a mão lhe acena,
Fogaréos ardendo; o suffocante odor
Sente ao pez e enxofre. Novamente corta
Voz sinistra a noite; bate alguem á porta,
Grita alguem de fóra : — « Vens ou não, feitor?

IV

Novo pé de vento, novo redomoinho.

V

No telhado estriges que lá têm o ninho,
Gargalhando, voam — « Não é nada, pae!
Torna a filha — Nada! ninguem 'stá lá fóra!
E' o tufão que passa, rodopia e chora...
Oh! maldicto vento! Mas lá vae, lá vae... »

Oh! de que disvelos e ternura infinda
Se alumia o rosto á lacrimosa e linda

Moça cujos olhos têm a côr do mar!
Corre a ver de novo portas e janellas,
Espevita as chammas do oratorio ás vélas
E de novo á Santa vae alli rezar :

— « Virgem-Mãe piedosa dos desamparados,
Sobre os erros delle, sobre os seus peccados
Esses doces olhos digna-te volver!
Vinte padre-nossos, vinte ave-marias
Eu te rezarei, se as penas lhe allivías,
Se a meu pae que morre tu me vens valer! »

A Hora Negra, emtanto, já no ethereo rumo
O pennacho agita de neblina e fumo;
Em seu plaustro escuro, em marcha triumphal,
— Torva divindade, baixa a Meia-noite;
Nos frisões de sombras silva e estala o açoite,
Como outrora o açoite do feitor brutal.

VI

Novo pé de vento, novo redomoinho.

VII

Pelo rancho abrupto rompe um torvelinho,
Cambetéa e róda solto e ameaçador;

Vêm de prompto abaixo portas e janellas,
Sopro irado apaga no oratorio as vélas,
Reina em tudo espanto, confusão, horror!

Morre o monstro, e a alma, sem que lhe valesses,
Moça de olhos verdes, tu com as tuas preces,
Em fumaça e poeira pelos ares sáe,
De blasphemias e uivos fórma o seu lamento,
Em blasphemias e uivos vae com o pé de vento,
Vae com o redomoinho que lá vae... Lá vae!

HYMNO Á LUA

Lá vem nascendo a lua cheia;
Vem tão redonda, tão redonda...
Lua, no mar,
Ouço dizer que de onda em onda,
A' tua luz, se ouve a sereia
A soluçar.

Ouço dizer que quando a pino
Te libras no ether transparente,
Clara, sem véo,
A Yara chora na corrente,
Penteando as tranças de ouro fino
E olhando o céo.

Ouço tambem dizer que a brava
Onça malhada, se te avista,
Da matta em flor
Sáe, e agachada sobre a crista
Das pedras onde as unhas crava,
Uiva de amor.

Certo, assombrosa é a força tua,
O' astro pallido que ascendes...
Tambem a mim
Com o olhar magnetico a alma me prendes.
E eu fico a vêr-te absorto, ó lua,
No espaço assim.

Um sentimento indefinivel,
Intima angustia, uma anciedade,
Um — não sei bem —
Como sonhar de eternidade,
Ou como sêde de impossivel,
Me arrasta além.

Lua, tu sabes por ventura
Que significa em seu cerrado
Mysterio atroz,
O enigma que, torvo e estrellado,
Traçou a Esphinge dessa altura
Por sobre nós?

Que significam, sempre em fogo
A arder — fogueiras cujo fumo
Num turbilhão
Róla, talvez, sem lei nem rumo —
Essas estrellas que interrogo
E sempre em vão

Qual o seu fim no sorvedouro
Dos céos immensos? Até onde
Vês mergulhar
A arvore astral a excelsa fronde,
Com os seus billiões de pomos de ouro
Que pendem no ar?

E que ha no além do além sem nome,
Lá nesse fim do fim, que nada
Póde attingir,
— Bocca de sombra escancarada
No vacuo, e o vacuo, a uivar de fome,
Sempre a engulir?

Ah! sobre a fronte nestas horas,
Mal desvendado o umbral do Sonho,
O Ignoto ver,
Monstruoso, tragico, medonho,
No grotão de astros e de auroras
Resplandecer;

E não poder daquelle oceano
Lugubre, azul e negro, em plagas
Descommunaes
Rolando, a profundez das vagas,
Em sua noite, o olhar humano
Sondar jamais!

. . . .

Lua, tu passas do Mysterio
Mais proxima, e desde que ao mundo
Sorriu a luz,
Ouves dos orbes o profundo
Cantico em rhythmo eterno e aereo
Reboar á flux:

E, pois, me ensina a alta verdade,
O' lua!... Mas indifferente
Vaes a rolar,
E se respondes é sómente

Com a fria impassibilidade
Do teu olhar.

E nem tu sabes que te fala
Por minha voz de homem a informe
Aspiração
De tudo quanto ao seio enorme,
Meiga ou feroz, aquece e embala
A Creação.

Porque sou eu neste momento
(Detem-te, ó lua, no teu gyro,
Ouve-me bem)
Gemido, queixa, ancia, suspiro
O interprete do sentimento
Que tudo tem;

Que em tudo, ao vêr-te e ao vêr corrido
O véo que encobre a profundeza
Dos céos sem fim,
Ha a mesma duvida, incerteza
E febre do Desconhecido,
Que existe em mim.

Dize-me, pois, a alta verdade,
O' lua!... Mas indifferente
Vaes a rolar,
E se respondes é sómente
Com a fria impassibilidade
Do teu olhar.

VOLUPIA

Não amo, eu só! meu Deus, em noite assim tão linda!
Ha pouco, antes da lua apparecer (e ainda
Os vejo ao pé da serra, afastados dos campos,
Phosphoreando a bailar) eram os pyrilampos,
Gemmas sôltas do seu collar faiscante. E voavam,
Voavam. Seu facho errante era mais vivo. Amavam.
Agora que este luar, como a alva flor do cacto,
Desabrochou no céo, a espessura do matto,
As arvores, o chão, os sitios mais secretos
E ermos, vallos, grotões, é tudo um chiar de insectos;
Chiar? gemer, suspirar, amoroso reclamo,
Gritos, lucta, prazer... Tudo ama. Eu só não amo!
Exhalam murta e esponja o penetrante cheiro;
Como um sonho nupcial, branca a flor do espinheiro
Cáe, entregando ao vento o delicado pollen;
Bolem as aguas, rindo á lua; as folhas bolem.
Amam. Tudo ama. Eu só, com o meu desejo ardente,
Soffro, não sei que espero. Eu não amo, eu sómente!
Approxima-se alguem. Ouço... Serão a espaços
Vãos rumores da noite? Ouço á distancia uns passos.

E' um homem. Vem cantando. Ou sua dôr espanta
Com o canto, ou de ventura (o que eu não tenho) canta.
Passou. Adeante logo, abre-se uma janella.
Elle pára. Alva fórma esculptural e bella
Debruça-se a falar-lhe : — « E's tu? Que linda a lua!
Que noite, meu amor! Entra, sou toda tua! »
Reina em tôrno o silencio. A porta solitaria
Range. E o homem feliz entra, trauteando uma aria.
Depois... Noite cruel! Claro céo transparente!
Fico a vêr que tudo ama. E eu não amo, eu sómente!
Ama este chão que piso, a arvore a que me encosto,
Esta aragem subtil que vem roçar-me o rosto,
Estas azas que no ar zumbem, esta folhagem,
As feras que no cio o seu antro selvagem
Deixam por vêr a luz que as magnetisa, os broncos
Penhascaes do deserto, o rio, a selva, os troncos,
E os ninhos, e a ave, e a folha, e a flor, e o fructo, e o ramo...

E eu só não amo! eu só não amo! eu só não amo!

NO RIBEIRAO

Eis como, sem que me prenda
Nada do que vejo aqui,
Vivo hoje nesta fazenda,
Longe de ti :

Manhan. Pensa que a hora chega
De ir para a roça o colono;
Ergue-se, os olhos esfrega,
Inda com somno.

Pensa em voar a ave desperta;
Pensa a aranha no aranhol;
Pensa esta janella aberta
Na luz do sol.

Aquella arvore, coitada!
Se inda ha de ter folhas; esta,
Com folhas, verde e copada,
No campo em festa.

O campo no orvalho; e fino
O orvalho á luz a escorrer,
Na luz. A luz no destino
Que elle irá ter.

Pensa o engenho, e tumultua,
Que em tanta faina se gasta ;
O boi pensa na charrua
Que tardo arrasta .

Pensa na aragem que o beija
O rio, e treme, e sorri ;
No céo pensa aquella igreja...
Eu penso em ti.

II

Meio dia. Pensa a terra :
— Que sol! O homem : que calor!
— Que azul! a agulha da serra ;
— Que céo! a flor.

A serpe : arde o chão em brasas!
O passaro : é fogo a altura!
Buscae-me, anhelantes azas,
Sombra e frescura!

Pensa o lavrador : que duro
E' o suado trabalho meu!
A arvore : um fructo maduro!
Bem haja o céo!

A vespa : é ascua viva que arde
E irrita, este ar! zumbo e rezumbo...
A nuvem : ahi vem a tarde
Côr de ouro e chumbo!

Toda alimaria : que sêde!
Toda planta : não florí
Nada, meu Deus! — Só, na rêde,
Eu penso em ti.

III

Noite. A sós pensa uma estrella :
Tão tarde! — Uma estrada : alguem?
Fechando a estrada, a cancella :
Ninguem! ninguem!

O moinho : ora graças, páro!
O engenho : graças! um pouco
Repouso, sob o céo claro,
Lidado e rouco!

Pensa, o horizonte espreitando,
A varanda : tarda em vir
O luar! — Pensa a ave, sonhando :
Que bom, dormir!

Pensa esta sala : êrma! — E cala.
Com o seu pendulo de bronze
Pensa o relogio na sala :
Onze horas... onze...

Pensa este movel : que calma!
Aquelle : mudez immensa!
O corredor, como um'alma
Que pensa, pensa :

— Que escuridão! que abandono!
Eu (já cem vezes me ergui
E cem me deitei sem somno!)
Eu penso em ti.

Eis como, sem que me prenda
Nada do que vejo aqui,
Vivo hoje nesta fazenda,
Longe de ti.

DIA DE VIAGEM

Para ir onde ella mora
São caminhos e caminhos
E um dia inteiro a viajar!
A estrada ora é toda espinhos,
Barrancos, pedrouços, ora
Areiaes, como ao pé do mar.

Passa-se a verde charneca
De agua venenosa e escura;
Ao resfolgar do animal,
Foge assustada a marreca,
A codorna, a saracura
E a grande garça real.

Depois, adeante — imprevista
Perspectiva! ampla explanada,
Horizonte amplo e sem véo!
E o morro da Boa-Vista
Com a igreja no alto, banhada
De sol e apontando o céo!

Depois, campinas fechadas
Por gemedoras cancellas,
E em caminho, a mil e mil,
Campanulas encarnadas,
Ou rôxas, ou amarellas,
Ou brancas, ou côr de anil.

Depois, farfalhar de cannas;
A vista espraiada perdes
Pelas lavouras; depois,
Ranchos de palha, cabanas,
Engenhos, e campos verdes,
E bois, e carros de bois.

E ha serras por onde a custo
Sobe o viajante, invias mattas;
De atros covões o aranhol
Enliça-se a cada arbusto;
Sobre o lapedo cascatas
Espumam, fervendo ao sol.

Já o dia pelo Occidente
Em mudo adeus vae embora...
Oh! scismas do escurecer!
Que tristeza! Mas a gente
Mata a tristeza dess'hora
Com a alegria que vae ter.

Inda uma volta, outra volta,
E eis a casa, entre a folhagem
Da cerca que em roda tem!
Relincho estridente solta
O animal, que o fim da viagem
Como comprehende tambem.

A casa! Sáe do telhado
Tenue fumo e se ennovela,
Suspenso voluvel no ar;
A horta a um lado; do outro lado
Um viveiro de aves. E ella
Sentada á porta, a bordar.

Que bem paga num abraço
Fica então melancolia,
Pena de ausencia e de amor!
E que bem pago o cançaço
De viajar todo esse dia
Sob um sol abrasador!

Ella sorri, olha, fala...
Começa, emtanto, o sereno
A cahir. Anoiteceu.
Accende-se luz na sala
E no oratorio — pequeno
Céo dentro daquelle céo.

E então: — Que viver errado
Tem sido o meu e enfadonho!
— A gente comsigo diz —
Tanta ventura hei sonhado,
Sem me lembrar em meu sonho
Que aqui posso ser feliz!

E o desejo acode immenso
De um adeus mandar da vida
A tudo o que nos tentou,
— Como de bordo, num lenço
Vae o adeus de despedida
A quem em terra ficou;

E de escrever : — « Outro agora,
Ao mundo e a tudo me esquivo ;
Não sahirei jamais daqui ;
Dizei a amigos de outrora
Que eu vivo para quem vivo,
E para todos morri. »

CAÇADOR

Para me distrahir, tomo a espingarda, e saio.
Se alguma vez em ti, exulcerante, a dôr
Mal contida explodir, estalar como o raio
E ameaçar abater-te, homem, sê caçador.

Sê caçador, mas não como o que em teu caminho,
Trauteando uma canção, vês ás vezes passar,
A arma deitada ao hombro, á cinta o polvarinho,
O olhar agudo e máo, se não feroz o olhar.

Este, que já tão cedo, antes que o dia nasça,
A intempestivo tiro a serrania atrôa,
E com a nevoa que lá nos pincaros revôa
Mistura o fumo azul da polvora de caça,

Este entranhas não tem: sahiu porque preciso
Ao seu máo coração era matar, e mata.
Ao vêl-o apparecer, treme assustada a matta,
Todo passaro cessa o canto, de improviso,

Foge todo animal, porque á sua passagem
Fica por terra um corpo a estrebuchar exangue,
Fica um pouco de sangue, um rastilho de sangue,
Um reflexo de sangue em meio da folhagem.

Não o imites jamais! Para o festivo canto
Transmudares da selva em gemido de dôr,
Para levar a tudo a morte, o assombro, o espanto,
Por um prazer só teu, não sejas caçador.

Mas se secreto mal á solidão te arrasta,
Porque a dor muita vez para espraiar-se a exige;
Se — não em corações, mas numa sombra vasta
Sonhas vasar teu pranto e o pesar que te afflige,

Sae, rompendo a manhan, quando para o trabalho
Vae o camponio; ao sol a tua fronte mesta
Entrega; molha os pés nas perolas do orvalho,
Toma o rude caminho e procura a floresta.

Exclame quem te vir com a carabina ao hombro,
Não vendo o coração a estalar-te de dôr,
Exclame, do arvoredo a procurar o ensombro,
A ave, exclame o reptil: ahi vem o caçador!

Justo é que a arma estouraz empunhes e a dispares,
Em soído horrendo e atroz, pobre espirito enfermo!
Oh! mas melhor farás, deixando os quietos ares
Quietos, quieto o mysterio e a scena augusta do ermo.

Diversão ao teu mal melhor do que esta, e encanto
Seja dos olhos teus a soidão que interrogas,
E onde uma a uma (tanto é o seu poder e tanto
Seu milagroso amor!) tuas penas afogas.

Entra, assim como entrei, pelo arvoredo enorme,
Ouve-o, assim como o ouvi, quando o sacode o vento:
Senta-te onde se senta o granito que dorme,
Pensa onde erra da selva o grande pensamento;

Baste-te ouvil-o e amal-o. As aves não persigas,
Deixa as feras em paz no seio das cavernas;
Volve os olhos acima ás arvores amigas,
Volve-os da Creação ás bellezas eternas.

Somno e scisma da gruta onde o cipoal se estende,
Silencio e solidão que a meditar convida,
Vae, alma soffredora, interrogar, e aprende
Em tudo o que alli vês a respeitar a Vida.

Doe-te do que se arrasta e a vêr o sol se lança,
Do que raiva ou soluça, e a que ninguem soccorre,
Do que em folhas, do chão, verdes como a esperança,
(Bem como um sonho teu) mal desabrocha, morre.

Doe-te de toda a dòr, dos homens ignorada,
E que em tudo latente e a tudo unida existe,
E em seu modo de ser, tanto é mais abafada
E mysteriosa, quanto é mais profunda e triste.

Ouve do coração com o delicado ouvido
Irromper dêsse chão onde teus olhos pousas,
Numa larga espiral, gemido por gemido,
A queixa universal dos seres e das cousas.

Se crês e a saber vaes ante essa queixa estranha
O que te diz o céo, acompanhando o incenso
Das florinhas do valle, homem, sobe á montanha!
Lá, mais perto de ti, se estende o céo immenso!

Lá, mais longe de ti, vê que se apaga e some
A cidade e o tropel de humanas creaturas...
Já não tens que recear a dôr que te consome,
Varreu-a de teu peito o ar livre das alturas.

Desce agora que o sol, deixando o firmamento,
Vae nas aguas do Oceano o disco mergulhar.
A caminho do lar, ó caçador incruento!
Hora é de recolher, a caminho do lar!

Que importa ermas as mãos leves de qualquer caça?
Vasio o coração levas de tua dôr!
Não ennodoaste o céo com um pouco de fumaça...
Foste máo caçador? Inda bem, caçador!

PEDRA-ASSU

Subi da Pedra-assú ao cimo, e de lá pude
Vêr toda a Natureza.
Quanta belleza !
Desde Itaborahy com o seu pequeno outeiro
Vi até longe, ao mar, essa planicie rude,
Onde nos capinzaes
Vôa o *bico-rasteiro*
E a garça espalma e agita as azas triumphaes.

Vi fazendas com os seus torreões de pedra erguidos,
E casas de vivenda ;
Cada fazenda
As estradas e o campo atroando com os gemidos
De seus carros de bois carregados de cannas.
Sob um leve vapor,
Senzalas e choupanas
Vi... e as roças de milho, e os laranjaes em flor.

E as cêrcas onde pia o annú do brejo, e a matta
Onde a inambú se espanta,
Se esvoaça e canta,

Vi. E os olhos baixando á casa que Elza habita,
Vi a pedra da grota, ouvi mesmo a cascata
Que ha naquelle lugar,
E a musica infinita
Das aguas e do vento e das abelhas no ar.

Vi tudo, tudo ouvi. E que desejo immenso
De tudo vendo, vêl-a
Tambem a ella,
Lá em baixo na varanda a me acenar com o lenço!
E tão só para isso, a esbaforir-me de ancia,
Eu ao cimo subi
Da Assú, de onde á distancia
Tanta cousa formosa extasiado vi!

CHUVA DE POLLEN

Sol de Primavera. Céo lavado e claro.
Entretanto, pasma tu que a vida observas
Das pequenas cousas — entretanto, amigo,
Chove no bosque.

Teu olhar relança áquellas folhas tenras,
E has de vêr cahindo, como ás voltas, livres,
Gottas mil de chuva — gottas mil de prata,
De prata e de ouro.

E has de ouvir dispersos, rúmuros, confusos,
Rouquejar em côro, ou trebelhar zunintes,
Mangangás retintos, fulvos maribondos,
Aureas abelhas.

E' que já Setembro vae de ramo em ramo,
Desenlaça os brotos, desabrocha as flores,
Abre com um sorriso espatulas, corymbos,
Cachos, umbellas;

Feito aragem, sopra — nas folhagens brinca,
Feito insecto, vôa — nas corollas zumbe;
Feito chuva, desce, cae, disperso e leve
Delgado pollen.

São de borco ao vento a vaporar essencias
Jarras de alabastro; são suspensas urnas
De variadas còres, de variadas côres
Variados calices.

São, amigo, as flores, corações á mostra,
São as flores — almas neste que respiras
Polvilhar cheiroso volitando esparsas,
Que ahi está Setembro.

Chega-te. Este chão é como ao pé de altares
Destendida alfombra. Vem mais perto. Ajoelha.
Sacerdote excelso aqui de excelso culto
Celebra o officio.

Quando após rezares, tu lá fóra sáias,
Valerá por benção qualquer grão de pollen
Que, entre as flóreas naves, te haja aqui cahido
Sobre a cabeça.

SAUDADE DE PETROPOLIS

E' quando aqui, como em região maldicta,
E' fogo este ar, e o sol candente fragua,
Que a saudade de vós, tensa e infinita,
Cimos dos Orgãos, me enche os olhos d'agua.

Chóro por vós, serras de anil, onde a alma
Livre expandi e o coração de poeta,
Afastando-o daqui da intensa calma
E poeira vil desta cidade infecta.

Chóro por vós, arvores seculares,
Que ás trepadeiras suspendendo o véo,
Ides, os braços a alongar nos ares,
Meneando as grimpas, dialogar com o céo.

Plumbeos penhascos sobrecarregados
De limo e avencas, barrocaes floridos,
Estradas mortas, brenhas e vallados,
Do azul na extrema capoeirões perdidos,

Chóro por vós! Vendo-vos, eu dizia :
— « Davisão vossa vinde encher-me o olhar!
Que alevantados surtos de poesia
Eu aqui sinto com vos contemplar ! »

Chóro... Não por teu luxo e pompas fatuas,
Bella cidade, cortezan da serra,
Não por teus parques e jardins e estatuas,
Pelos palacios que teu seio encerra ;

Chóro por vós, céos grandes e profundos,
Onde cem noites me travei, perdido
O olhar na marcha dos accêsos mundos,
Arca por arca com o Desconhecido.

Chóro por vós, nevoeiros das montanhas,
Neblina esparsa na manhan que ri,
Frigidas aguas em que ao sol te banhas,
Grotão ruidoso do Itamaraty !

Por vós... Não por teus bailes sumptuosos,
Pelo esplendor das opulentas salas,
Cidade cheia no verão de gosos,
De poeira e luzes, de miseria e galas.

Por vós, luares de marmore, serenos,
Noites sem par de penetrante frio,
Que Junho assopra e assopra Julho, a plenos
Pulmões, a face a arripiardo rio ;

Por vós, camelias brancas, e encarnadas,
Dahlias, por vós, rôxas ou de outra côr,
Azaleas mil e orchideas variegadas,
Plantas a rir, perpetuamente em flor;

Céo azul! claro sol! virente serra!
Por vós, que amei e em minha dôr memóro;
O' pedaço melhor de minha Terra!
Por vós, por vós... por nada mais eu chóro!

ALMA EM FLOR

(1900)

Primœvo flore juventæ

VIRGILIO.

PRIMEIRO CANTO

I

Foi... Não me lembra bem que idade eu tinha,
Se quinze annos ou mais;
Creio que só quinze annos... Foi ahi fóra
Numa fazenda antiga,
Com o seu engenho e as alas
De rusticas senzalas,
Seu extenso terreiro,
Seu campo verde e verdes cannaviaes.
Era... Tambem o mez esquece agora
A' infiel memoria minha!
Maio... Junho... não sei se Julho diga,
Julho ou Agosto. Sei que havia o cheiro
Do sassafraz em flor;
Sei que era o céo azul, e a mesma côr
Sorria num gradil de trepadeiras;
Sei que era ao tempo em que na serra, além,
Côr de rosa se tornam as paineiras
De tanta flor que côr de rosa têm.

II

Sei que um perfume intenso em tudo havia.
Era, enfeitada e nova, a laranjeira,
E o pomar verde pela vez primeira
Florido ; era na agreste serrania,

Com os botões de ouro e a espatha luzidia
Rachando ao sol, a tropical palmeira ;
Era o sertão, era a floresta inteira
Que em corymbos, festões e luz se abria.

Sei que um fremito de azas multicôres
Se ouvia. Eram insectos aos cardumes
A rebolir, phosphorecendo no ar.

Era a Creação toda, aves e flores,
Flores e sol, e astros e vagalumes
A amar... a amar... E que ancia em mim de amar

III

Que ancia de amar! E tudo a amar me ensina;
A fecunda lição decóro attento.
Já com liames de fogo ao pensamento
Incoercivel desejo ata e domina.

Em vão procuro espairecer ao vento,
Olhando o céo, os morros, a campina.
Escalda-me a cabeça e desatina,
Bate-me o coração como em tormento.

E á noite, ai! como em mal sofreado anceio,
Por ella, a ainda velada, a mysteriosa
Mulher, que nem conheço, afflicto chamo!

E sorrindo-me, ardente e vaporosa,
Sinto-a vir (vemem sonho) une-me ao seio,
Junta o rosto aomeu rosto e diz-me: — Eu te amo!

IV

Vem ! — Se ao meu peito alguem collasse o ouvido,
Isto ouviria então como uma prece
Lá sussurrando : — Sonho meu querido,
Vem ! abre as azas ! mostra-te ! apparece !

Queima-me a fronte, a vista se amortece,
Afflue-me o sangue ao cerebro incendido.
Oh ! vem ! não tardes, que me desfallece
O coração gemido por gemido.

Vem, que eu não posso mais. Olha, o que vejo
Em derredor de mim, é tudo affecto,
Amor, nupcias, caricia, enlace, beijo...

Paira por tudo uma volupia infinda,
Une-se flor a flor, insecto a insecto...
E eu até quando hei de esperar ainda ?

V

Por esse tempo sabedor um dia
Sou (conversava-se ao jantar) que entrando
O mez proximo, e acaso melhorando
O estado do caminho, *ella* viria.

Ella! ia vêl-a, emfim! vêl-a! mas quando,
Se a estrada um pantanal me parecia,
E inexgotaveis os beiraes chorando
'Stavam! E se chovia! se chovia!

Nunca aos pés de um altar, de Deus á face,
Eu rezei como então para que aquella
Chuva continua, e temporal passasse,

E para que outro céo, manhan mais bella
Viesse, e eupudesse ver quando apontasse
Na estrada, ao fim do campo, o vulto della.

VI

Mas continuava ininterruptamente
A chuva. Em lamaçaes com as enxurradas
E em peraos fundos mudam-se as estradas.
Fala-se de barreiras e de enchente.

Pelas vidraças largas e molhadas
Eu, prêso em casa, ólho estupidamente.
Raros viajantes na campinaem frente
Passam com as botas altas enlameadas.

Quando o lampeão se accende e em tôrno á mesa
Ficamos todos, que aborrecimento !
Bocejo, prostra-me uma inercia infinda...

E aos que entendem de tempo, chuva e vento,
Ouço, esmagado de mortal tristeza,
Que a lua é nova, e vae chover ainda.

VII

Que noite! O coração mal o contenho,
Salta, pula-me, pulsa e o peito abala.
Só, com os meus planos vãos que no ar desenho,
Passeio ao longo da comprida sala.

Dorme a fazenda. Nem uma senzala
Vozêa aberta. Emmudeceu o engenho,
E no roer surdo com que o milho rala,
O moinho monotono e roufenho.

Ah! dorme tudo, e eu vélo e soffro! E louca,
O' alma apaixonada, este impassivel
Céo, por que o tempo aclare, afflicta imprecas;

E a responder-te ouves apenas, rouca,
Crebra, arrastada, em seu ran-ran horrivel,
A algazarra dos sapos nas charnecas.

VIII

Effeito foi, talvez, da prece ardente
Que de meus labios para o espaço voava :
Na luz do sol o claro azul se lava,
Traja-se de ouro a serrania em frente.

Mas se inda chove ! mas se de repente
Se torna o tempo como ha pouco estava !
Não o permittireis, não (murmurava,
Olhando o céo) ó Deus omnipotente !

Deixae a vir ! mandae que estes caminhos
Depressa enxuguem. Para recebêl-a
Floreae os campos, rumorae os ninhos !

Entre aromas e luz e entre harmonia,
Deus de bondade, é que eu desejo vêl-a,
Como vejo este sol que me alumia.

IX

Graças ! podia, emfim, sahir lá fóra
A vêr quando ella vinha,
Quando, no fim da linha
Do campo e a limital-o,
A cancella sonora
Batesse, dando entrada ao seu cavallo.

Imaginava como montaria,
O seu porte real
Na sella, o farfalhar de seu roupão ;
Brincando á ventania
O véo, e no estalido com que instiga
A marcha do animal,
O chicotinho a lhe tremer na mão.

Imaginava-a muito minha amiga,
Muito achegada a mim, quando o momento
Viesse de maior intimidade,
E se nos fôsse todo o acanhamento
Proprio de sua idade e minha idade.

Imaginava-a...

X

Foi, talvez, nessa hora
— Como em chão virgem nascem num só dia
Duas flores irmans, que, flor e flor,
Ao tempo em que accordava para o Amor,
Eu accordei tambem para a Poesia.

XI

Chegou, mas tarde. Eu despertei, sentindo
Aos animaes o tropear lá fóra,
E os passos apressados áquella hora
De pessoas de casa a porta abrindo.

Soergui-me na cama... O' sonho lindo,
Tardavas tanto! — E allucinado, agora
Que ella até á sala vem, fico a sonora
Triumphal entrada ao seu roupão ouvindo.

Della essa noite apenas pude ancioso
A voz lhe conhecer que sorvo attento,
E o rugir do arrastar de seus vestidos;

E dessa musica ao divino accento
Readormeço, tremulo de gôso,
Ebrios de ouvil-a e cheios os ouvidos.

SEGUNDO CANTO

I

Com as toscas rodas brutas e puxados
Por bois que a espaços a aguilhada instiga,
Chiam, de longas cannas carregados,
Os tardos carros pela estrada antiga.

Mas não é para ouvir que já da moagem
E' o tempo e o engenho a trabalhar começa,
Que accordo. Accorda-me o contentamento
De que a vou vêr, emfim. A sua imagem
Qual seja me idealiza o pensamento.
Eis-me inda cedo ao longo da varanda
Impaciente a esperar que ella appareça.
Suspensas do alto, de uma e de outra banda,
Pendem gaiolas, chilra a passarada,
Entre esguios ponteiros prisioneira.
Braceja ao sol nascente alta mangueira,
No outão da casa ha seculo plantada.

Mas não é para ouvir como em teu seio,
Mangueira amiga, vêm, setteando a altura,
Atitar azulões e gaturamos,

Sahys e encontros, que eu alli passeio;
Nem para vêr, pendulo de teus ramos,
Oscillar o balanço em que me embalo;

Não é. Se alguma cousa me tortura
E delicia, é estar pensando nella...

II

Appareceu. Que sobresalto ao vêl-a!
Leve saia de cassa, á trança escura
Uma flor. Mal contendo intimo abalo,
Ouço a apresentação :
— A prima Laura...
Ella me encara, fita
No meu o olhar, e a mão, suprema dita!
Me estende. Aperto-lhe a tremer a mão.

III

Não direi mostre ao sol o cardo agreste
Fructo menos corado
Que o seu labio; que a estrella vespertina,
No paramo azulado,
Confrontada com o olhar que me domina,
De menos vida e menos luz se veste;
Não direi ainda está para que nasça
Lirio de neve igual á dêsse collo,
Ou entre as neves de longinquo pólo
Neve que escura fique ante essa alvura;
Não direi do coqueiro que sem graça
E' o porte airoso, a se aprumar na altura,
Se eu ao della o comparo;
Que a pluma leve e aerea em flecha esguia
E' menos que o seu corpo aerea e leve;
Não direi tenha a lua
Pelo céo alto e claro
Mais divina poesia,
Mais suave languidez que essa tristeza
(Amorosa, não sei)
Que essa tristeza que se lhe insinua
No olhar... Nada direi,

Porque ninguem se atreve
A descrever a maxima belleza,
Porque a belleza sua
Não se descreve.

IV

Quiz vêr, depois de rapido passeio,
Moer o engenho. Segui-a.
Pesada porta para o campo abria.
Verde, a perder de vista, em varzea expanso,
Verde, a ondular á viração de manso,
E' um mar o cannavial.

Da estrada entre os recortes dos barrancos
Rôxos ou rubros, restrugia em cheio
Dos carros, a cambar aos solavancos,
O hymno triumphal.

Ao pé das tachas, de onde a quando e quando,
No fervor forte, desflorando a espuma,
Brota um bafo enjoativo, ella curiosa
Detem-se, e do trabalho a scena bruta,
O estrepito da lucta,
Vida do engenho e movimento gosa.
Fulva flammeja férvida fornalha
Que as caldeiras de cobre aquece e afuma;
Acceleradamente trabalhando,
A machina farfalha.

Eu ólho apenas Laura, o olhar lhe espreito,
E quem meu rosto observe,
Ha de vêr, como vejo,
Que me enche o fogo vivo de um desejo,
E a tumultuar-me, a resaltar no peito,
Meu coração, como essas tachas, ferve.

V

A matta virgem, desgrenhada aos ventos,
Eleva á noite a alma complexa e vária;
Do musgo humilde ás grimpas da araucaria
Ha, talvez, gritos, ha, talvez, lamentos.

Olhos prêsos na sombra, a passos lentos
Passeiando na varanda solitaria,
Apraz-me áquella orchestra tumultuaria
A sós ouvir os rudes sons violentos.

O' Noite, como que raivando, levas
Com o teu meu coração por essas trevas!
O teu — colera, o meu — doce reclamo;

Ambos, ao fogo atroz que têm no seio,
O teu bramindo : — O Odio eu sou, e odeio!
O meu chorando : — Eu sou o Amor, eu amo!

VI

Em tôrno á mesa que ante nós se estende,
Reunimo-nos todos, conversando,
Quando escurece, em vindo a noite, quando
O lampeão grande, como um sol, se accende.

Nada, porém, alli me encanta e prende,
A não ser, bem que o sinto! o humido e brando
Volver dos olhos della, onde, brincando,
Amor que os fez, mostra que a amar se aprende.

Mas os olhos não só, que os meus, de cégo,
Baixo ás vezes, vencido de cançaço,
De tanto fluido e tal clarão ferido,

E longamente e extatico os emprego
Em vêr-lhe o claro marmore do braço
Nú destacar na manga do vestido.

VII

Aquelle braço nú e aquella espuma
Da fôfa manga atêm-me em mudo exame,
E sinto — não sei bem como lhe chame
Ao que em mim sinto... enlêvo, amor, em summa.

Dão-me a idéa (esta imagem, como um liame,
Inda me enlaça o espirito e o perfuma)
Aquella fôfa manga e braço de uma
Flor grande aberta, de alongado estame.

Flor, como acaso uma avistara um dia
Pendendo da ramagem sobre a estrada,
(O nome não lhe sei, não lh'o sabia)

No rebordo das petalas franjada,
E com um filete que lhe apparecia
Ao fundo da campanula voltada.

VIII

Contae, arcos da ponte, ondas do rio,
Balsas em flor, lirios das ribanceiras,
O enlêvo meu... Das curvas ingázeiras
Cerrado arquêa-se o docel sombrio.

Arde o sol pelo campo, onde o bravio
Gado se dessedenta nas ribeiras;
A' beira d'agua, como em desafio,
Cantam, batendo roupa, as lavadeiras.

Eu... Ponte, rio, flores, balsas, tudo,
Eu, junto a vós, embevecido e mudo...
(Aquellas horas de extasi contae-as!)

Eu, como que num fluido estranho immerso,
Faço, talvez, o meu primeiro verso,
Vendo córar ao sol as suas saias.

IX

Divina febre, cedo o ardor divino,
O fogo teu o sangue me escaldava;
Cedo as settas provei de tua aljava,
Menino ainda, alado deus menino.

Para estar junto della, aos mais deixava,
Aos mais e a tudo, misero e sem tino.
O' delicioso influxo feminino,
Que bem gosava, quando te gosava!

Quanta vez, prêso o olhar á fechadura
De seu quarto, horas mortas, com receio,
Eu na ponta dos pés me puz a espial-a!

E quanta vez sonhei, forte loucura!
Vêl-a vir, ao meu seio unir o seio,
E ao labio o labio, na deserta sala!

X

Uma noite (Até alli nunca o proveito
Alcançara de a vêr : a alcova escura
Mostravas sempre, bronca fechadura !)
Pé ante pé, á porta chego. Espreito.

Havia luz. O olhar melhor ageito.
Tenda pyramidal, em toda a altura
Flaccido escorre o cortinado. A alvura
Eis de seu leito. Mas vasio o leito !

Subito um rugir sêcco a alcova corta
Subito e quasi nua ella apparece...
Mal pude vêr-lhe a saia em desalinho!

A luz se apaga. E o ouvido agora á porta,
Em vez dos olhos, farta-se e estremece
De a ouvir mexer-se entre os lençóes de linho.

XI

Ouvi-lhe um dia (Acode-me á lembrança
O quadro : ella se achava a sós commigo
Olhando a tarde do mirante antigo,
De onde o extremo horizonte a vista alcança.

Eu ora uma ave no ar com os olhos sigo,
Ora lhe sigo o voar da leve trança)
Ouvi-lhe : — « Se não fôsses tão criança,
Era capaz de me casar comtigo! »

Phrase cruel! Ah! como a repisava
Dia por dia o coração ancioso!
E a sós no quarto, que impaciencia a minha,

Quando, no espelho os olhos, eu notava
Como inda longe, incerto, vagaroso
Meu buço de homem despontando vinha!

XII

Flores azues, e tão azues! aquellas
Que numa volta do caminho havia,
Lá para o fim do campo, onde em singelas
Brancas boninas o sertão se abria.

A' ramagem viçosa, alta e sombria,
Prêsas, que azues e vividas e bellas!
Um côro surdo e múrmuro zumbia
De azas de toda especie em tôrno dellas.

Nesses dias azues alli vividos,
Ellas, azues, azues sempre lá estavam,
Azues do azul dos céos de azul vestidos;

Tão azues, que essa idade ha muito é finda,
Como findos os sonhos que a encantavam,
E eu do tempo através vejo-as ainda!

XIII

De uma feita era em rancho estreito e pobre :
Fala-nos rindo uma velhinha rude.
Sobrevem forte chuva, o sol se encobre,
Trovôa o céo, transborda cheio o açude.

Quiz sa hir. Laura acode e ouvir-lhe pude :
— « Não vá! (e a mão ergueu num gesto nobre)
Talvez que a chuva passe e o tempo mude,
E que não mude, um tecto aqui nos cobre! »

No quarto do oratorio, á accesa vela,
A' boa santa Barbara rezavam.
Ficaramos na sala os dois sósinhos...

E eu, sem nada temer, ao lado della,
Ouvia as ventanias que passavam
E os raios a cahir pelos caminhos.

XIV

Mas se eu era criança! Ella o dissera!
Oh! céos! então outrem, de mais idade,
Hombro a hombro com a sua mocidade,
Sob um mesmo esplendor de primavera,

Outrem é que devia ser o eleito,
Não eu, eu que a adorava antes de vêl-a,
Eu que a chamei chorando de meu leito
E os meus sonhos enchi da imagem della!

Eu, só porque nasci, talvez, um dia,
Um anno ou mais depois da flor que amava,
Eu, só por ser mais moço, oh! Deus — pensava —
Eu só por isso não a merecia!

Um dia, um anno ou mais conta-os acaso
Amor que nada vê e ao peito a chamma
Sabe apenas soprar em que me abraso?
Não se confrontam datas quando se ama.

Amor só quer saber se em quem palpita
Ha um coração. Eu tenho-o e em fogo me arde.

Ama-se ou muito cedo ou muito tarde.
Fóra do tempo, Amor se move e agita.

Ella o disse, porém... No ouvido encérro
A phrase que lhe ouvi... Pobre criança,
De tua dôr no circulo de ferro,
Morre agarrado á ultima esperança.

TERCEIRO CANTO

I

Embala-me, balanço da mangueira,
Embala-me, que emquanto vou comtigo,
Comtigo venho, o meu pesar esqueço.
Rompe a luz da manhan rosada e linda,
Tudo desperta. E essa por quem padeço,
Languida e preguiçosa,
Entre brancos lençóes repousa ainda.
Embala-me, pendente da mangueira,
Na tensa corda, meu balanço amigo!
Em claro a noite inteira
Passei, pensando nella. Ah! que formosa
Estava hontem á tarde no mirante,
Um livro ao cóllo, ás tranças uma rosa,
E o olhar perdido na amplidão distante!
Pensava... Em quem pensava?
Se fôsse em mim... Como formosa estava!
Oh! não pausado e manso,
Mas aos arrancos, estirado vôa,
Leva-me, meu balanço!

II

Assim scismando, á tôa,
Olhos voltados já para a querida
Visão de Laura, já para o céo claro,
Para o campo e arredores,
A manhan passo. Sobre a serra erguida
Em frente nasce e, corôando-a, brilha
O sol. Loureja o ipê com as aureas flores.
Late nos grotões fundos, indo ao faro
Da caça, ao businar dos caçadores,
Da fazenda a matilha.
E no ar que sopra dos capões escuros,
Sente-se, de mistura a essencias finas
E ao cheiro das resinas,
Um sabor acre de cajás maduros.

III

Cajás! Não é que lembra á Laura um dia
(Que dia claro! esplende o matto e cheira!)
Chamar-me para em sua companhia
Saboreal-os sob a cajázeira!

— Vamos sós? perguntei-lhe. E a feiticeira :
— Então! tens medo de ir commigo? — E ria.
Compôe as tranças, salta-me ligeira
Ao braço, o braço no meu braço enfia.

— Uma carreira! — Uma carreira! — Apósto!
A um signal breve dado de partida,
Corremos. Zune o vento em nosso rosto.

Mas eu me deixo atrás ficar, correndo,
Pois mais vale que a aposta da corrida
Vêr-lhe as saias a voar, como vou vendo.

IV

Um chão de folhas sob um céo de flores.
Eis a matta. Recebe-nos á porta
Do templo de verdura
Azul, trefega, leve borboleta :
Vae volateando inquieta,
Recruza o atalho, o espaço corta,
E nos guia na selva espessa e escura.
Outras, alada chusma de mil côres,
Vêm-lhe ao encontro, farfalhando. Agora
Vê onde mais surprêso
O olhar se te demora :
Olha estes ramos a vergar com o pêso
Das bignonias em flor; olha o disforme
Entrelaçado de cipós que os fios
Lembram suspensos de uma aranha enorme;
Olha estes hartos troncos, luzidios
Uns, rofos outros, uns desempenados,
Outros recurvos, tortos, semelhando
Em contorsões vultos de condemnados;
Olha... Este grito? este tinir que escutas
De martello em bigorna? estes gemidos?
Estes soluços e risadas longas,

Ais, assobios, e de quando em quando
Silvos, cochichos, guinchos e estalidos?
São aves, são gaviões, são arapongas,
São guaches e tucanos, são nas grutas
Insectos e reptis... Canto assombroso!
Simphonia phantastica!

Ella ouvia.

— Que é isso? E eu lhe explicava
O hymno da selva.

V

Perto demorava
O lugar, onde o escuro tronco annoso
E os grossos braços curvos, carregados
De trepadeiras, válidos erguia
A cajázeira de cajás dourados.

VI

— Estou cançada.
— Senta-te.
Sentou-se.
Dos fructos que então vejo, — e o chão coberto
Delles estava, escôlho o que mais dôce
Me pareceu e dou-lh'o. Rejeitou-o.
— E' acido! diz, mal o provara, e fóra
Num gesto o lança. Era á hora
Em que sobre o deserto
Ensoado o gavião negro abate o vôo;
Em que alto o sol sentindo,
A cigarra sonora
Zine, e no ar morto, onde não corre o vento,
Parece estarem — tão sem movimento
Seus ramos vês — as arvores dormindo.

VII

Trouxe-lhe eu outros fructos, e melhores,
Que á arvore os fui colher e — aureo punhado,
Aos seus pés os espalho. Ella, entretanto,
Fôsse fadiga ou somno que a prostrasse,
Como em macia rêde,
Reclina o corpo sobre o emmaranhado
Das trepadeiras a sorrir-se em flores,
E olhando-me de face :
— Vae-me vêr agua, disse, estou com sêde.

VIII

Sahi. Da gruta proxima o recanto
Debalde exploro : areia e folhas acho,
Folhas e areia só ! agua não vejo.
Agua não vejo, nem sumido fio
Entreluz sob as pedras fugidio,
Nem gotta brilha ao sol ! E esforço e arquejo,
Em vão ; entre as raizes ólho e espreito,
Nas furnas entro em vão, me acurvo e agacho,
Em vão ! E a voz de Laura, a quando e quando,
Ouço-a, já longe, aos gritos me chamando :
— Vem ! — Lacerado o peito,
Laceradas as roupas dos espinhos,
Voltar procuro, mas na selva grossa
Tudo são descaminhos ;
Voltar procuro sem que, oh ! dura magua !
Numa folha sequer levar-lhe possa,
Como um pingo de pranto, um pingo d'agua !

IX

Perco-me entre os cipós longos, tecidos.
Uns balouçam das arvores pendentes,
Outros no chão rojam, e retorcidos
Se enlaçam como innumeras serpentes.

Roçam-me os pés, fogem espavoridos,
Sinto-os! verdes lagartos, repellentes
Cobras, e um ruido assombra-me os ouvidos,
Um ruido sêcco de ranger de dentes.

Logo abala a floresta estrondo horrendo.
Que foi? Passou. Restruge ainda da serra
O concavo ferido... Deus me guarde!

Rezo, mal balbucio... E afflicto, e vendo
Maior a solidão, cáio por terra
E desato a chorar como um cobarde.

Do cipoal torso, emfim, desato os laços,
E a lugar chego tão deserto e bruto,
Tão silencioso que dos proprios passos,
Dos passos meus é todo o som que escuto.

Grandes, soberbas arvores se alteiam,
E a prumo os troncos, a ramada informe
Lá em cima arqueada em cupula, vozeam
Com um som de rezas por igreja enorme.

— Estou perdido! estou perdido! exclamo.
Nisto estremeço com ligeiro assombro:
Ao pé de mim ouço o estalar de um ramo
E um homem surge de espingarda ao hombro.

Fita de couro o peito lhe traspassa
E um polvarinho e saquitel supporta:
E' um caçador, — traz por trophéo de caça,
Pendente á cinta uma araponga morta.

Peço-lhe supplicante da floresta
Me ensine o rumo á cajázeira amiga;

— E agua ? — Agua, aqui ! Olhe, a que bebo é desta !
Uns gravatás numa pedreira antiga

Mostra. Abre as folhas : a agua rebrilhando
Lá está ; mais pura não na chove o Estio.
— Agua de caçador que em tôrno olhando
O chão do bosque, não na vê de rio.

XI

Agua ! levo-lh'a, emfim, levo-a nos braços
Numa bromelia em flor á flor que a espera,
Levo-a correndo, como a largos passos
Levam as nuvens a da Primavera.

Levo-a, e sobeja e tanta que, contadas
As suas gottas, davam a medida
De meu pranto, das lagrimas choradas
Pela que a vae beber... e é minha vida.

XII

Chego. Ella estava meio reclinada
Das trepadeiras sobre a laçaria,
Olhos cerrados, bocca entre cerrada,
Parecia dormir. Talvez dormia.

Pousa-lhe ao pé, na desatada trança
Pousa-lhe e brinca buliçosa e bella
Tremula borboleta, e assim tão mansa,
Guardar parece o leve somno della.

Oh ! não me ha de esquecer nunca esta imagem
Que adormecida via alli tão perto,
Destacando na sombra da folhagem,
Na rustica moldura do deserto !

Approximei-me. O chão que piso estala
Sob os meus pés ; os labios resequidos
Sinto. Páro um momento a contemplal-a.
Queima-me a fronte, zunem-me os ouvidos.

Ato as mãos ao receio que, desperta
E zangada por vêr tanta ousadia,

Não vá ficar com um beijo quem dormia...
E um beijo dou-lhe na boquinha aberta.

Ah! foi um beijo apenas! mas um beijo
Em que sequiosa se me extravasava
A alma toda, a alma toda e o meu desejo,
Com o calor forte em que a floresta estuava.

Foi apenas um beijo. Ella estremece,
Accorda e diz-me : (arde-lhe a face em brasa
E a expressão indignada me parece)
— Deixa-te estar que hei-de contar em casa!

Cáio-lhe aos pés, tomo-lhe as pequeninas
Mãos que com a chuva de meus prantos róro:
Não houve nunca um chôro de resinas
Tão grande como as lagrimas que chóro.

— Ficas ahi? disse-me ainda. — Vamos!
E eil-a deita a correr. Sigo após ella.
Desvia os ramos. Eu desvio os ramos.
A' cancella chegou. Chego á cancella.

No campo entrámos, ella á minha frente
Sempre a correr. Ao pé do rio a valla
Salta. A valla saltei. Quasi alçançal-a
Então consigo. Alcanço-a, finalmente.

Já na varanda. — Escuta — supplicante
Falo-lhe á meia voz — não digas nada!
Ella faz um muxôxo, passa adeante,
E desappareceu subindo a escada.

XIII

Depois... nada depois, nada! senão
Que de querer-lhe o coração não cança,
(Tão cheio della está meu coração!)
E eu sou feliz... mesmo sem esperança.

XIV

Depois... Um dia, chòros na varanda.
Chego e a vejo a cavallo, o véo descido,
Um chicotinho á mão, e o seu comprido
Roupão que ageita no selim de banda.

— Adeus! dizem-lhe adeus. Ella com o lenço
Acena, e parte.
Oh! desespero immenso!

Parte, lá vae! E quando ao fim da estrada
Longe, a chorosa e tremula cancella
Bate, bate-me n'alma essa pancada,
E alto me ponho a soluçar por Ella!

XV

Depois... Horas da tarde, ha quem vos diga,
Ha quem vos pinte a singular tristeza,
Com que passaveis, dando á Natureza
A impressão funda de uma dôr antiga?

De vós me veio em tão distante idade
Esta contemplação do espaço triste
Do pôr do sol! De vós me veio e existe
Perpétuo n'alma o culto da saudade!

Como *doieis* sob o pó dourado
Que o Occaso peneirava! nos sombrios
Céos! no brilho metallico dos rios,
E em fumo e sombras pelo descampado!

Dizei a angustia em que eu me debatia
Quando, de uma janella ao canto pôsto,
Só com o meu sonho, em lagrimas o rosto,
Eu vos falava ao desmaiar do dia

Ai! coitado de mim nesses momentos,
Tendo a aggravar-me a dôr que tinha n'alma,

O vosso pêso, Horas da tarde calma!
O soffrer vosso, Horas de soffrimentos!

Dizei porque meu longo olhar se perde,
Menos nas nuvens, menos no alto monte,
Do que na linha extrema do horizonte,
Que limita a extensão do campo verde...

XVI

Depois... Não a vi mais. Existe ainda?
Exista ou não, a nossa historia é finda

XVII

Parado o engenho, extinctas as senzalas,
Sem mais senhor, existe inda a fazenda,
A envidraçada casa de vivenda
Entregue ao tempo com as desertas salas.

Se alli penetras, vês em cada fenda
Verdear o musgo e ouves, se acaso falas,
Soturnos echos e o roçar das alas
De atros morcegos em revoada horrenda.

Ama o luar, entretanto, essas ruinas.
Uma noite, horas mortas, de passagem
Eu a varanda olhava, quando vejo

A' janella da frente, entre cortinas
De prata e luz, chegar saudosa imagem
E, unindo os dedos, atirar-me um beijo...

FLORES DA SERRA

PAGINAS DE OUTREM

(1901-1902)

> Se ha ahi desamparado que nenhum allivio experimentou orando, antes de negar a existencia de Deus, procure-o. Vá sósinho. Suba aos espigões das montanhas, ou desça aos reconcavos dos despenhadeiros. Isole-se; procure-o ahi, e espere-o. O mais efficaz narcotico para um cerebro convulsionado é a solidão.
>
> CAMILLO CASTELLO BRANCO. — *Volcões de lama.*

SOLIDÃO

I

Ha um anno quasi esta montanha habito.
Busquei-a, não por distracção fugace,
Mas por que, só, neste ermo, face a face
Com o céo, de pé, num cimo de granito,

— Degráo de altar donde com a manhã pura
Se evola o incenso — á Solidão pedisse
Que entre penhascos asperos me abrisse
Tumulo immenso ao meu soffrer sem cura.

Pesar, porém, do tempo que decorre
E de tudo o que fiz para esquecêl-a,
Ah! bem que o sinto em mim! a imagem della,
Sua lembrança não morreu, nem morre!

Como quem sae daqui l va comsigo
Vivo e constante o cheiro destas flores,
De lá, sobrenadando ás minhas dôres,
A idéa da que amei trouxe commigo.

Como arrancal-a d'alma? Inuteis sinto
Serem razão e esforço da vontade.
Triumpha o sentimento da saudade
E refaz a visão do Eden extincto.

Em vão me falas tu, serra onde móro,
Com sol, com flores, com poesia infinda;
A alma não me distraes. Eu amo ainda,
Amo, bebendo as lagrimas que chóro.

II

— « Tudo se acaba! » exclama
O fatuo coração;
Mas ai! o que ama, o que ama
    Responde : — « Não!

Em ruina, em pó desaba
Tudo! Prazer e dôr,
Tudo se acaba, acaba,
    Excepto o amor! »

III

NOITE DE MAIO

Que triste a noite vem, com o lume baço
De seus pisados olhos, pela altura!
Viuva chorosa, acaso andas no espaço
Buscando ao morto amado a sepultura?

Sóbe, galgando os morros, no horizonte,
Em vapores envolta, enorme a lua.
Cala teu choro, lastimosa fonte!
Ha na terra uma dòr maior que a tua.

Ha na terra uma dòr... Mas teus ouvidos
Não me podem ouvir no que a alma encerra;
Indifferentes sois aos meus gemidos,
Diverso é o nosso ser, cousas da serra!

Assim eu falo. Eis que um soluço amigo
Subterreo ao meu responde — cousa estranha!
Pulsava em ancias, a chorar commigo,
O coração de pedra da montanha.

IV

VOX POPULI

Diz-se della (Que não diz
A maledicencia humana!)
Diz-se que ao marido engana,
E assim outras cousas vis...
        Infeliz!

E do marido se diz
(Que se não diz!) descançado,
Qual se não fôra enganado,
Vive, e seu fado bemdiz...
        Infeliz!

V

LOS SUENOS SUENOS SON

Sonhei-a : nuvem de nitente arminho,
Nuvem branca descida á terra escura
Para levar-me ao céo pelo caminho
Bordado de astros da serena altura.

Sonhei-a : fonte de corrente fria,
Limpida como o sitibundo a pede,
A que eu tivesse de ir matar um dia
Com a bocca em fogo minha ardente sêde.

Sonhei-a : altar florido onde eu rezasse,
Correr deixando, na oração sincera,
Uma por uma as lagrimas á face,
Como aos cirios as lagrimas de cêra.

Sonhei-a : em meu deserto, em chão de areia,
Palmeira verde, sob um céo risonho...
Palmeira, nuvem, fonte, altar, sonhei-a...
Sonhei-a... O sonho não passou de sonho.

VI

Nascêra em mim este amor,
Mas tão occulto vivia,
Qual nasce e em gruta sombria
Viveuma flor ;

Ou como oppresso, a pulsar
Das grandes aguas ao pêso,
Um ramo de coral prêso
Ao fundo mar.

Seu alimento era a dôr
No carcere em que jazia...
E dêste modo vivia
Meu pobre amor!

VII

ARMINHO E NODOA

Desbrocha o lirio ao sol a nivea flor sem macula,
E em tão nitente alvura
Logo uma nodoa escura,
Ascoso, abjecto e vil, sordido caracol!
Retraem-se ao sentil-o estames de ouro e petalas
Nauseados... Entretanto,
Não perde a flor o encanto,
Não deixa de ser lirio e de sorrir ao sol.

VIII

UMA CARTA

Uma carta. E' um amigo quem me escreve :
« A... (vem o nome della) hoje é sabido,
E o... (vem o nome delle) amam-se. Escandalo!
Amam-se. E o seu amor ella se atreve
A confessal-o ás barbas do marido!

Ha dias houve alguem que em certa rua
Lhes ouviu isto que ora aqui repito :
Elle : sabes? adoro-te! Ella : adoro-te!
Elle: és minha? Ella : sim, sou toda tua!
E o mais num beijo rapido foi dito. »

Porque, lendo esta carta, em mim renasce
Meu mal-estar antigo de repente?
Pois eu não fiz o salutar proposito
De esquecer tudo o que me incommodasse,
De ser a tudo frio e indifferente?...

IX

Aguias dêstes espaços livres, sois
O que já fui. Meu genio independente
Era de impetos feito, e altivo e ardente
Como este sol dos tropicos. Depois,
Ah depois... Aguias que vos ides no ar,
Attrahidas da luz do firmamento,
Com as cem arrobas do meu soffrimento,
Aguias soberbas, poderieis voar?

X

Ardente amor era o seu!
Não fôsse elle tão ardente,
    Não arderia
Como por todo um dia
(Ai! um dia sómente!)
Ardeu, ardeu, ardeu...
    E morreu!

XI

VISÃO DE MORTE

Diz-se dêste que enfermo agora ascende
Ao teu fastigio, serra azul do Norte,
E o teu ar fino bebe e ao céo estende
Os olhos baços da visão da morte,

Diz-se que a consciencia em sangue lava,
Que uma vez... Mas ouvi: fala, estremece,
Delira. E o olhar allucinado crava
Numa sombra que a espaços lhe apparece.

Amigos, que inda os tem, e ao pé lhe velam,
Calmam-n'o; e em baixa voz, adormecido
O vendo, emfim, a historia atroz revelam,
O crime atroz contam de ouvido a ouvido.

Diz-se... No escuro viso inaccessivel,
Escuro-azul da serra azul do Norte,
A lua aponta, e aos raios seus que horrivel
Se estorce o enfermo com a visão da morte!

Agitam as palmeiras no ar ambiente
Os grandes leques que encontrados soam,
Como a enxotar no pesadelo ao doente
Os remorsos que a mente lhe povoam.

De cada arbusto a trepadeira em roda,
Margeando a estrada, em flores se desata;
Clarêa o luar, e a basta selva é toda
Como formada de arvores de prata.

E no seu leito o moribundo abrindo
Em sobresalto os olhos assustado,
Exclama, acima vendo o céo tão lindo,
E vendo o bosque, luz e flor, ao lado:

— « Approxima-te, vem, visão da morte!
Os meus dias de horror corre a extinguil-os!
De nada vales, serra azul do Norte,
Pois nem meus sonhos pódem ser tranquillos! »

XII

Morreu. Lá vae o esquife. A serra desce. O prestito
Longo desfila. Pela escarpada
Rola o comboio funebre.
Montanha azul, montanha amada
Do céo claro, das claras nevoas,
Deus te fez para o sol, para as aves e as flores,
Não para estancia e homizio
De crimes e de horrores.
— Pesadelo de assombros,
O cadaver que ahi vae, sacode-o de teus hombros!

XIII

Nem breve somno tu dormir podias
Tranquillo. A Hora tremenda que apavora
Chegou. Cerraste as palpebras sombrias...

Tranquillo somno dormirás agora?

XIV

MODOS DE VER

Fronte ao sol, emergindo allucinado
De sua noite lugubre e comprida,
Tropego, aos tombos, um desesperado,
Um doudo assim pergunta : « E' isto a vida? »

Folhas ao sol, sacodem-se cantando
Ao vento, verdes arvores cheirosas,
E ao vento as frescas petalas vibrando,
Abrem-se lirios, e jasmins, e rosas.

E azas ao sol, chilreando pelos ares,
Passam, repassam na manhan florida
As tagarelas aves aos milhares,
E parecem dizer : « E' isto a vida ! »

XV

NUVEM

Veio de Agulhas-negras
Toando esta nuvem de serra em serra,
Como a exercito em marcha acompanhando
Caixa de guerra;
— Mole de fumo e cinza,
Ergue-se torva, relampejando,
Vae desabar...

Eia, na terra virgem
Em barro e pedras cravae seguras
Vossas raizes, arvores, que o vento
Já nas alturas
Ruge, e o raio num golpe,
Talhando rapido o firmamento,
Rutila no ar!

XVI

DEPOIS DO AGUACEIRO

Passou a nuvem, desfez-se em lagrimas,
— Soltos diamantes, perolas soltas
Que o sol agora
Faz scintillar.

Umas das folhas rebrilham no apice,
Outras, esparsas, lá vêm ás voltas,
(Alguem as chora?)
No chão rolar.

Assim num rosto por onde rapida
Passou a sombra que exulcerantes
Maguas e o afôgo
Trae de um pesar,

Brinca um sorriso por entre lagrimas,
— Perolas soltas, soltos diamantes
Liquidos, logo
Desfeitos no ar.

XVII

NOVA CARTA

« Entra-lhe em casa quando quer,
E é uma flor sempre, um mimo novo
Para a mulher;
Sácca do bolso uns versos, lê
Para ella ouvir. Murmura o povo,
E elle não vê...

A' mesa ageita-se a ficar
Juntinho della. E é todo dia
O mesmo olhar...
Olham-se apenas? ninguem crê,
Que os viram já (e elle não via,
Pois nada vê)

Boccas unidas, no jardim,
Em beijo que os desvaira e inflamma...
Só falta, emfim,
Um bello dia surprehender
Juntos os tres na mesma cama...
E elle sem vêr.

XVIII

Ah! morra em mim este amor,
Occulto, como vivia,
Qual nasce e em gruta sombria
        Morre uma flor;

Ou como, sem mais pulsar
Das grandes aguas ao pêso,
O ramo de coral prêso
        Ao fundo mar.

Seu alimento era a dôr
No carcere em que jazia;
Fique a dôr de que vivia,
        Morra este amor!

XIX

FONTE OCCULTA

Entre umas pedras mettida,
Rolando clara e modesta,
No coração da floresta
Vive uma fonte escondida.

Receosa de ser ouvida,
Talvez abafando um ai,
Quasi sem queixa ou murmurio
Fluindo vae;

E de ser vista receosa,
O vivo fio adelgaça;
E assim ignorada passa,
Passa ligeira e medrosa.

Tal em alma desditosa
Que já não ama nem crê,
Se escôa um fio de lagrimas
Que ninguem vê...

XX

CREPUSCULO DE AGOSTO

Que tem hoje a Natureza?
Um passaro, um só, não canta!
Do céo á terra, da planta
A' nuvem, tudo é tristeza!

Ao longe, nos pastos, quedos
Scismam os bois. Surdo e lento
Dos rios morre o lamento.
Não bólem os arvoredos.

Sem ninguem que as atravesse,
— Longas serpentes deitadas,
Vê-se dormir as estradas,
E tudo dormir parece.

Dormem as varzeas tranquillas,
E — batalhões alinhados,
Dormem nos morros plantados
Os cafézeiros em filas.

Dorme sobre o Parahyba
A gamelleira; na serra
Dorme — atalaia de guerra,
A solitaria imbaiba.

E nem uma aragem passa!
No ar quasi immovel sustida,
De uma choça desprendida,
Ficou dormindo a fumaça.

E este silencio e tristeza!
E este céo! e o sol que esfria
Sem raios, com o fim do dia!
Que tem hoje a Natureza?

Ah! Mãe das cousas, não fales,
Não digas que dôr é a tua!
Deixa apparecer a lua,
E pratear estes valles;

E quando nem um zumbido
Se ouça aos insectos nas furnas,
Ou, sôlta ás auras nocturnas,
De cahida folha o ruido;

E se arqueie o céo enorme,
Cavando-se em sorvedouro,
Com a chuva dos astros de ouro,
Por sobre a terra que dorme;

Mãe, o seio vasto e afflicto
Abre, e teu soffrer mistura
Lá no sem fim desta altura
Com a solidão do infinito.

XXI

DENTRO DA NOITE

Levae-me, ó nuvens de azas rapidas
Que no alto vemos,
Nuvens desenfreadas, nuvens
Tempestuosas!
— Não te levaremos.

Levae-me, ó ventos que aos longinquos
Pontos extremos
Ides do céo, ventos horrisonos,
Ventos da noite!
— Não te levaremos.

Levae-me, ó corvos de azas lugubres,
Sinistros remos
Com que sulcaes o oceano intermino
De ondas aereas!
— Não te levaremos.

Deixae-me, ó dor, mortaes angustias,
Males supremos,
Visões de horror, phantasmas tetricos,
Sombras, espectros !
— Não te deixaremos !

XXII

A VOZ DAS ARVORES

Accórdo á noite assustado.
Ouço lá fóra um lamento...
Quem geme tão tarde? O vento?
Não. E' um canto prolongado,
— Hymno immenso a envolver toda a montanha:
São em musica estranha
Jamais ouvida,
As arvores ao luar que nasce e as beija,
Em surdina cantando,
Como um bando
De vozes numa igreja :
Margarida ! Margarida !

XXIII

O NINHO E A COBRA

O ninho armou e suspenso,
A ave respirando o incenso
Das flores, comsigo diz :
— Sou feliz !

Sae. Sem tregua em sua lida,
Erra na veiga florida,
Cata na seara luzente
A semente.

Volta quando o sol declina,
Vem de collina em collina
E o ninho lembrando, diz :
— Sou feliz !

Chega. No berço macio
Que ergueu, sente um luzidio
Repellente corpo, a um lado
Enroscado.

Grita. O' Natureza, em lucta,
Ave, homem ou féra bruta,
Tudo tem, triste ou feroz
Essa voz!

Grita, inutilmente grita!
Vôa, inutilmente afflicta!
Entrou a cobra em teu ninho,
Passarinho!

E no que é teu repousando,
No leito afofado e brando,
Ella a seu turno ora diz:
— Sou feliz!

XXIV

ARVORE SECCA

Sobre o despenhadeiro debruçada,
    Retorcida, convulsa, immensa,
Com as raizes já frouxas, e mirrada,
    Está uma arvore annosa, e pensa.
Passou a vida com os botões que abriram
    E murcharam de tantas flores,
Com as galas que os seus ramos revestiram,
    Com o sol, com a luz e com os amores.
O que ora vês e para o chão se inclina,
    Como um velho atontado e absorto,
E' a sombra do que foi, espectro, ruina,
    Rude tronco infecundo e morto.

Porque não caes, arvore inutil? Olhas
    Receosa para o precipicio,
Onde o tempo uma a uma as tuas folhas
    Arrojou, no continuo exicio.
Irresoluta, como a idéa escura
    Que impelliu a mão do suicida,

Tens-te, attentando em baixo a atra espessura
    Do abysmo, e acima o sol, e a vida.

Cae! sem folhagem mais, cujas estomas
    O ar da serra, em dias felizes,
Te respiraram, ar que em seiva e aromas
    Percorria caule e raizes;
Sem joias mais — chuveiros de brilhantes
    Do almo orvalho que a noite chora,
A rutilar nas festas deslumbrantes
    E alleluias de ouro da aurora;
Só e espectral, os ramos desornados
    — Longos braços mortos, abrindo,
Que esperas mais? Teus dias são passados!
    Que mais fazes? Cae! Tudo é findo!

Parece-me, encarando a arvore annosa,
    Que ella fala, ella assim me diz:
— « Homem, por tua vez, viste a formosa
    Quadra passar, flórea e feliz.
As folhas minhas que no chão rolaram
    E onde os olhos scismando pões,
Deixaram-me, homem, como te deixaram
    Uma por uma as illusões.
A cada flor que vi cahir e a rara
    Fina essencia, murcha, perdeu,
Corresponde em teu intimo, compara,
    Uma esperança, um sonho teu.
Carregada de passaros, da esphera
    Clara arraiada com o esplendor,
— Ode esmeralda e luz, a primavera
    Celebrei, celebrei o amor.
Tu, primavera e amor, alma vestida
    De um clarão de poesia e ideal,

Cantaste, e em cantos se te foi a vida
A escoar sonora e triumphal.

Envelheci. Ambos envelhecemos.
Adeus, nitido azul dos céos!
Caricias do ar, e sol, e amor, e extremos!
Rumorejos, versos, adeus!
Envelhecidos, a hesitar, emtanto,
E pavido cada um de nós,
Sobresaltado de terror e espanto,
Olha aos pés seu abysmo atroz.
Qual sombras, incertezas que o consomem
Ha de ir lá primeiro extinguir?
Devo cahir... Mas porque o lembras, homem,
Se tambem terás de cahir? »

XXV

DESENLACE

Este amor que, emfim, se acaba,
Acaba, não com o fragor
De uma torre que desaba...
Pobre amor!

Acaba como uma penna
Que do espaço onde subiu,
Baixou em queda serena,
E cahiu!

Acaba insensivel quasi,
Como a doçura e calor
Que havias em cada phrase...
Pobre amor!

Como os beijos que trocámos,
Como da aranha no véo
O fio que entre dois ramos
Se estendeu.

Como a flor que deitas fóra,
Vendo-a sem viço e sem côr;
Pobre flor, viveu uma hora!
Pobre amor!

Pobre! falta-lhe vehemencia,
Quanto o fazia um vulcão
E alma lhe era e a propria essencia:
A paixão!

Acaba, sem um protesto,
Sem um grito, um ai de dôr,
Sem uma lagrima, um gesto...
Pobre amor!

Acaba, porque devia,
Cançada de simular
E mentir, tanta hypocrisia
Acabar!

Mas como acaba mofino
Quem ainda hontem foi senhor
Do meu e do teu destino!
Pobre amor!

Acaba, como na vida
Tudo acaba, oh! dura lei!
Como o nome de querida
Que te dei;

Como os echos de teus passos,
De teu vestido o rumor,
Quando vinhas aos meus braços...
Pobre amor!

Acaba, como em sagrada
Lampada a chamma esfriou
Sem oleo, é fumaça, é nada,
Acabou!

Como a espiral de perfume
Que sae de um seio de flor;
Como ao sol um vagalume...
Pobre amor!

Como a folha que um momento
De um ramo á extrema se abriu,
Seccou depois, veio o vento,
E cahiu!

XXVI

Neste cimo de serra, entre as arestas
Dos penhascos — como a pennugem
Que das azas largou, deixando o ninho
A aguia ao subir aos ares,
Ficae, meus versos! Quando horrendas rugem
Sob um céo trevoso as florestas,
Quando se estorcem num redomoinho
Os cedros seculares;

Misturae vós o doloroso accento
Da miseria humana a essas vozes,
E desapparecei entre os gemidos
Que a noite immensa escuta.
Uivam na sombra os animaes ferozes,
Delirando soluça o vento,
E ha um retumbar de gritos nunca ouvidos
Em cada esvão de gruta.

Ficae, meus versos, como em brando orvalho
Aqui fica a aurora desfeita,
Como aqui fica, sem que mão humana
Jamais logre attingil-a,

Usnea que de alto abeto o caule estreita,
Ou á extrema prêsa de um galho,
Embalando-se á luz do céo, a liana
Que aos pincaros oscilla.

Flores da serra simplices e puras,
Não vos quero, não, transplantadas
Aos jardins da cidade : a poeira abjecta
Vossa tez mancharia.
Ficae aqui na solidão guardadas,
Como a nevoa destas alturas,
Que de tão casta, ao proprio sol inquieta
Foge, ao nascer o dia.

Ficae aqui, meus versos, com o segredo
Que vos confiei, como, ferida,
Vinda de longe, uma ave, o peito em sangue,
A' paz dêste ermo corre,
Aqui fica, aqui sente ir-se-lhe a vida,
Procura a sombra do arvoredo,
Inda um lamento solta, anceia exangue,
Cae desmaiada, e morre.

VERSOS DE SAUDADE

(1903)

POSTUMA

Quando noite alta seja, e a Natureza durma,
E erre apenas cá em baixo a luminosa turma
Dos lampyros, e além — attentas sentinellas
Vigiando a immensidade, as eternas estrellas :
Tu, da margem do Céo, onde tu' alma esvoaça,
Se da noite através vires minha vidraça
Longe no escuro a arder, como a luzinha de Hero,
Não te demores, vem! impaciente eu te espero.

Não receies que alguem tua visão surprehenda :
Tud orep ousa aqui, como na antiga lenda,
Sob as folhas do bosque o palacio encantado ;
Eu sómente de pé, o olhar illuminado
Pela febre da insomnia e dôr que me consome,
Eu vélo, eu soffro, eu penso, eu murmuro teu nome.
Entra. Não temas, não, me sobresalte o assombro
De vêr-te ; pousa a mão radiante no meu hombro,
E ouve aqui, já que lá, no Ether em que sacodes
Azas de cherubim, ouvir-me a voz não pódes,
Ouve, e leva comtigo através do infinito,

Como o da aguia ferida em plena altura, o grito
Da saudade sem nome e do amor que não finda !
Ouve o que diz minh'alma :

— Amo-te ainda! ainda!

Não se apagaram, não, aos olhos meus que os viam,
Teus olhos : como outrora, ainda me alumiam,
Vejo-os quaes sempre os vi, brilham da mesma sorte,
— Sempiternos phanaes na escuridão da morte!
E's como ha tanto fôste em vida, o meu alento,
Força e estimulo, o meu unico pensamento,
A minha aspiração unica e meu enlevo,
E's o constante ideal a que na Terra devo
Ver um jôrro de luz misturar-se aos meus dias,
Alfombradas de musgo urzes e penedias,
E que quando aos meus pés se rasga e se escancara
O precipicio, ou corre e me sustem e ampara,
Ou varre ao chão do abysmo os assombros e horrores,
Revestindo-o de sol ou cobrindo-o de flores.
Oh! eu amo-te ainda, ainda e sempre! escuta
O que te diz minh'alma; e, ó Visão impolluta,
Se te reclama o Céo, se apenas um momento
Te é dado aqui ficar, tornando ao firmamento,
Leva desta saudade e dêste amor o grito,
Como o da aguia ferida através do infinito!

COUSAS PASSADAS

Cousas que lá vão! Maria...
(Que seio! o olhar, que lampejo!)
— Amas-me? — Adoro-te! — E um dia
Estala o primeiro beijo.

Aurea... (Se nos seus cabellos
O sol ardia, não menos
Lhe ardia o peito de zelos)
Olhos grandes, pés pequenos...

Aurea uma vez olha acima,
E a um gesto, invocando o céo,
Jura que é minha, e me intima:
— Vá, jure tambem que é meu!

Esther... Ambos nós na sala;
Muda a sala, e ella, e eu mudo;
Sua bocca não me fala,
Mas seu olhar me diz tudo.

Ao retinir dos talheres,
A' ceia, em redor da mesa,
A mais bella das mulheres
Era por certo Thereza;

Emquanto um vozear se espalha,
E um brinde, e um urrah! se ergueu,
Ella o meu nome na toalha
Escreve enlaçado ao seu.

Ida... Mas esta é já morta.
Minha pobre alcova escura,
Em ella assomando á porta,
Se enchia da luz mais pura.

Em que leito ora repousas,
Meu sol! minha tentação!
. . . .
Tão bom pensar nestas cousas!
Mas são cousas que lá vão!

O PORTAO DA CHACARA

Noite. Luar de verão. Conheces a mangueira
Corpulenta, rotunda, enorme,
Que ora alli se espaneja á viração ligeira,
Ora se fecha e ou pensa ou dorme?

Para mais de onze e meia, e quando refrescava
A cidade, e o seu arredor,
Ouviu ella uma voz que a lamentar-se estava,
Um gemido, talvez de dôr.

Tirou o olhar do céo vasto, estrellado e mudo,
Onde o houvera então mergulhado,
A um lado e outro olhou. Somno, socêgo em tudo,
Quer de um lado, quer de outro lado.

Erma, calada a rua, o arvoredo silente.
Nem um cão vagabundo a uivar!
De onde podia vir aquella voz plangente
De continuo a se lastimar?

Vinha mesmo de sob a ramagem sombria
Da mangueira, distante um passo;
Era o velho portão da chacara. Gemia,
Re-rangendo roufenho e lasso.

— « Que tens tu? » Condoído o vegetal gigante
Perguntou. Não quiz responder
O portão; lerdo e bambo, entreabriu-se arquejante,
E fechou-se, sempre a gemer.

Respondeu afinal, como quem não se illude
Sobre o mal que o corroe e invade,
Respondeu com voz propria a trabalhado e rude
Portão de ferro : — « Ai! que saudade! »

Que saudade! Era estranho! E o tom com que o dissera
Trahia tanta commoção,
Como se por acaso o duro ferro houvera
No oxydo negro um coração;

Como se esses varões rigidos, encruzados
Na alta grade delles tecida,
Fossem feixes iguaes de nervos retesados,
Palpitantes de dôr e vida.

Mais não disse. A mentar a phrase triste e escassa,
A mangueira se recolheu,
Sentindo sobre si baixar com o orvalho a graça
Das estrellas mudas do céo.

Mas nascendo a manhan, o que não conseguira
Decifrar, noit · velha, attenta,
O velado queixume, a palavra que ouvira
Claro o sentido lhe apresenta.

Viu num relance ao pé a chacara deserta:
A casa de vivenda além
Muda e deserta viu; larga varanda aberta,
E escada e pateo sem ninguem!

Sem ninguem! E á vidraça, ao alto, como uma aza
Esvoaçando-se á claridade,
Um papel com o letreiro: *Aluga-se esta casa...*
Portão de ferro, ai! que saudade!

INDOLENCIA

Fumo, pensando em ti, querida.
Hora por hora assim me passa
A vida, assim me foge a vida
Num pensamento, uma fumaça.

O pensamento a ti, querida,
Vae, a fumaça vae ao vento.
Cifra-se nisto a minha vida:
Uma fumaça, um pensamento.

O ULTIMO OLHAR

O seu ultimo olhar! eis em que penso,
Caminhando da noite no negrume.
A estrada é solitaria, o matto é denso.
Acompanha-me inquieto vagalume.

De moita em moita ora fugaz revôa,
Ora perto de mim cruza erradio;
Sob os pés do animal que monto, echôa
A ponte negra a escurecer o rio.

A ponte negra lá ficou com os arcos
Reflexa na agua, ouvindo-lhe o queixume.
Margeando agora vou putridos charcos.
Vae ao meu lado o mesmo vagalume.

Ao seu luzir errante, como um facho
A guiar-me, ora distingo a fórma escura
Do arvoredo, ora a longe e longe, embaixo
O olhar immovel da charneca impura.

Alli, ao cheiro da agua podre a aragem
Entremistura aos lodãos o perfume.
Que aspecto baço e máo nesta paragem
Alumiada por um vagalume!

O seu ultimo olhar! A immensidade
Se aclara, emtanto: é o rosicler da aurora.
E eu d'alma todo o pêso da saudade
Arreando, emfim, por breve espaço agora,

Esqueço, á vista do clarão do dia,
Do ultimo olhar de minha amada o lume.
Era tambem ao tempo em que morria,
Com a luz do sol, a luz do vagalume.

A MÃO

Se a mão falasse, a minha mão diria :
— « Pude apertar a sua mão tão leve!
Ah! que perfume o que essa flor trazia
Em suas cinco petalas de neve! »

E se escrevesse a mão, como isto escreve,
Mas por si, sem lhe ser preciso guia,
Vontade, impulso, inspiração que a leve,
Talvez a minha mão escreveria :

— « Versos, ide-me assim, sem lei nem arte,
Pois não por vós, mas por mais pura e linda
Fórma fugaz eu me debato em vão!

Nem sei pegar-te, penna, e ás musas dar-te,
Que ébria me arrasto, respirando ainda
O aroma virginal de sua mão! »

LUVA ABANDONADA

« Uma só vez calçar-vos me foi dado,
Dedos claros! A escura sorte minha,
O meu destino, como um vento irado,
Levou-vos longe e me deixou sósinha!

Sobre este cófre, desta cama ao lado,
Murcho, como uma flor, triste e mesquinha,
Bebendo avida o cheiro delicado
Que aquella mão de dedos claros tinha.

Calix que a alma de um lirio teve um dia
Em si guardada, antes que ao chão pendesse,
Breve me hei de esfazer em poeira, em nada...

Oh! em que chaga viva tocaria
Quem nesta vida comprehender pudesse
A saudade da luva abandonada! »

. . .

E' impossivel dizer como te adoro,
Impossivel com a penna idéa exacta
Dar da apertada angustia que me mata
Neste ermo abrigo, onde penando moro.

Da sala ao corredor tórno o sonoro
Passo a te ouvir e a voz tão doce e grata;
A saudade nas azas me arrebata,
Tenho vontade de chorar... e chóro.

Chóro. Ao meu rosto o travesseiro apérto.
E em pensamento a apparição revendo
Vou que em meus braços vi jazer... tão perto!

Dolorosa saudade, ausencia crua
Que me faz morto crêr-me aqui, vivendo
Como hoje ahi vivo, na existencia tua.

A RESPOSTA DA LUA

Ambos para a Lua que no azul serena
Sobre nós passeia, longe um do outro, assim,
Dizes tu e eu digo nesta noite amena:
— Elle pensa em mim?
— Ella pensa em mim?

E a formosa Lua, de saudades plena,
A ambos nós cá em baixo do alto céo sorri,
E com o mesmo raio nos responde e acena:
— Elle pensa em ti!
— Ella pensa em ti!

HORAS DE OURO

Era, lembra-me ainda! á beira-mar (Desperta,
Fala, minha saudade!) Uma janella aberta
Do lado occidental, ao rez d'agua; e a ventura
Dentro, lá dentro, aos pés de estranha formosura
Que foi minha sómente e a quem na terra apenas
Eu amei...
Quando o sol, pelas tardes serenas,
Da paleta espectral, em tudo em que se espelha,
As tintas verde, azul, amarella, vermelha
E roxa derramava, e de rumores cheia
A curva e extensa praia em cada grão de areia
Uma joia accendia, era de vêr a casa
Rente ás ondas! A luz em seu tear de brasa,
Com os seus raios subtis finissimos, tecia,
Pondo-as aqui, alli, sedas, tapeçaria
Do salão ermo. O chão riscava-se dos passos
Das sombras em tropel, em tremitos e abraços,
Lentas, a espreguiçar-se. E em cada porta, á entrada,
Punha o fulgor do céo longinquo auri-lavrada
Corôa, a scintillar num mixto de esplendores
De topazios, rubins e pedras de mil côres.

E através da vidraça incessante filtrava
Fundido o ouro do sol e uma torrente, flava
Como o ambar, alourava o ambiente. Um grande espelho
No aço frio estampava o mudo céo vermelho
De lá fóra ; ao crystal de sua face, estranho
Vinha mirar-se o Occaso, e as nuvens côr de estanho
Vinham, ou côr de sangue, as tunicas revoltas
Dilacerando no ar, em exercito, soltas,
Multiformes em seus aspectos, imitando
Já um templo, uma cidade, um mar de fogo, um bando
De aguias monstruosas, já de um deus a estatua e os vultos
De enormes animaes ha seculos sepultos.

Era naquelle espelho, á irradiação extrema
Da tarde, que ambos nós, de rutilante estemma
Cingida a fronte, a mão ella tendo ao meu hombro,
Nos olhavamos sempre, a estremecer do assombro,
Que infundia o Mysterio, áquellas horas. Ella,
Como ao fundo de um rio a imagem de uma estrella,
Aos meus olhos, lá dentro, apparecia ao fundo
Do vidro, em meio á luz do movediço mundo
De nuvens. A amplidão cercava-nos; a fronte
Nos errava no céo. E a linha do horizonte
Prolongava-se além, indefinida. E em tudo
O ouro sempre do sol naquelle espelho mudo
A cahir, a cahir... E sobre a fulva poeira
Do ouro que alli cahia, a minha vida inteira
Ajoelhava, um por um, meus dias; e era tanto
O esplendor que os vestia e tão intenso o encanto
De tal vida, que a tudo inteiramente alheio,
Um som qualquer que ouvisse, ou fôsse o mar em cheio
Quebrando perto, ou fôsse o vento pela praia
Remexendo-lhe a areia, ou vaga que desmaia,
Ou de tardo barqueiro o canto mesto e rudo,

Voz de outrem, voz do mar ou voz da terra, tudo
Soava aos ouvidos meus, no ar perfumado e louro,
Qual se fôsse o rumor daquellas horas de ouro.

Viamos uma vez do espelho no aço liso
Um castello feudal, erguido de improviso
Por uma nuvem do alto; ás auras vespertinas
Ardia-lhe um clarão nas pendulas ruinas;
D'estas, parte avultava, assoberbada e clara;
A um jôrro o sol occiduo em cheio a illuminara;
Listava-a rubro sangue, a luz lambia-a em roda;
E era toda despenho e labaredas toda.
No ar circumstante havia um reverbero vivo,
Como o de ignea fornalha. Instante e convulsivo
Ruía o castello, ao rosto uns reflexos ardentes
Mandando-nos na queda. Os restos inda quentes
Vi da mole fumante. Horrenda e ás voltas veio
Do alto a nuvem rolando; a luz varava-a; o seio
Se lhe abria combusto, e espadanando lava
E espesso cruor e sanie, esgarçava, esgarçava...
E quando sobre aquillo o ultimo olhar e vago
Dardou o sol, e como ao fim de um prelio, o estrago
Clareou vivo do incendio, ólho e estremeço: havia
Tão sómente no espelho a minha sombra fria!
Eu sómente alli estava, olhava eu tão sómente
O vacuo! E estando a olhar, o espelho de repente
Empannou-se, e cresceu por elle a noite escura...
Apagara-se o sol de sua face pura!
Uma estrella, entretanto, apenas uma, acaso
Nelle incerta resplende, em direcção do Occaso,
Mas tão triste de luz, que duvidando ao vêl a
Fico se é por ventura aquillo mesmo estrella...

Pensava em ti. Ante meus olhos avidos
Tua imagem sorria.
Beijava-a estuante e afflicto (eras tão pallida!)
Nella me embevecia;
Pois que és tu no areial dos dias aridos
De minha vida a flor,
A sombra em que descanço, o oasis magico,
O meu unico amor.

Pensava em ti. Mas a razão de subito :
— « Em que pégo te abysmas? »
Perguntou-me severa, e com voz lugubre :
— « Que outros enganos scismas?
Dos sonhos teus nem resta a poeira lucida!
E, ó poeta, por teu mal,
Inda te embala em mysticos murmurios
Desvairado ideal! »

Que importava a razão? Soffri-a impavido,
E surdo ao que falava,
Pensava em ti, do todo teu serafico
A minha mente escrava.

E a amigo somno os olhos cerro extatico,
E logo adormeci,
E inda em sonhos te via a imagem candida,
Inda pensava em ti.

ALCOVA DESERTA

O POETA

Templo esquecido, altar sem deus, leito vasio,
Leito onde ella dormiu, que esperas entre-aberto?
Nunca mais de seu corpo ao contacto macio,
Como sob uma flor a corrente de um rio,
Palpitarás de amor, pobre leito deserto!

Ella não virá mais! Teu niveo cortinado
Cáia imprestavel no ar, murcho perpetuamente!
Foi-se a formosa mão de marmor delicado
Que o fazia, assim como um calice nevado,
Ao seu toque amoroso abrir-se de repente.

Foi-se o alabastro nu, sem mancha, que de leve
Elle roçou naquella espadua de rainha;
Dos contornos a curva esculptural e breve,
O seio cuja alvura escurecêra a neve,
Em jaspe e rosa a altear os dois botões que tinha.

Ella não virá mais na pompa luminosa
Dos seus vinte annos, sobre os teus lençóes de linho
Esfolhar alta noite, ao vir do baile anciosa,
As roupas virginaes, como uma grande rosa
Folha a folha a despir-se em fresco redomoinho.

Ella não virá mais, da basta cabelleira
Os raios no candor das fronhas desparzindo,
O romance tomar á tua cabeceira,
E suspensa a leitura, em volupia ligeira,
Um phantasma de amor interrogar sorrindo.

Dando entrada a um esquife, abriu-se aquella porta;
Dos tocheiros este ar dourou-se á claridade;
As ruas alto e escuro um coche agora corta;
Alveja o cemiterio ao longe... Ella está morta,
Morta em pleno esplendor de sua mocidade!

AS CORTINAS

Porque não vens?

UM LEQUE

Porque não vens?

O ESPELHO

Porque teu rosto
Me esqueceu, e esse olhar e esse sorrir que tens?

O DIVAN

Ha tanto que te aguarda o meu macio encôsto!

A VIDRAÇA

Que tarde! expira o sol! ultimo sol de Agosto!

UM LIVRO

Porque não vens?

UM QUADRO

Porque não vens?

UMA ESTATUETA

Porque não vens?

O POETA

Ella não virá mais! Cysne que a correnteza
Desceu, deixando atrás as pennas que despira,
Su' alma a cada cousa uma saudade prêsa
Aqui deixou ficar; chora aqui de tristeza,
Por mãos de anjos tangida, uma invisivel lyra.

Lembra a face do espelho a sua imagem linda;
Lembram-n'a o toucador, o seu diadema, os pentes,
Os grampos de coral; lembra-a a janella ainda
E crê sentir-lhe, quando esmaia a tarde e finda,
Ao leve peitoril seus cotovelos rentes.

Suppõe vêl-a passar aqui cada figura,
Cada quadro suspenso; os echos de seus passos
— Notas de um hymno extincto, o corredor murmura;
E no seu lavatorio a agua brilhante e pura
Chora em clara bacia a ausencia de seus braços.

Emma, na alcova azul de teus sonhos de moça
Tudo é saudade! Como, ascendendo á collina
Que mais proxima vê, do tecto de uma choça
O fumo que se escapa ora uma arvore roça,
Ora em faixas caminha através da campina:

Teu espirito assim por tudo se derrama,
Tua imagem assim paira em todas as cousas!
De que accêsa saudade este ambiente se inflamma!
Com que sêde de vêr-te esta alcova te chama!
Emma! e tu não virás do leito em que repousas!

A HARPA

Deu-me a tarde que morre, espaços e arvoredos,
Raios do occiduo sol, côres do Poente, além,
Um sentir novo. Vem com a ponta de teus dêdos
Fazer-me soluçar canticos e segredos!

A JANELLA

Vem! Já brilha uma estrella!

O CORTINADO

E' quasi noite. Vem!

O POETA

Como em frente de um campo, a um céo de primavera,
Vae a próvida abelha o alveario trabalhando,
Aqui depõe dos pés o póllen que colhêra,
Alli, viva, a zumbir, as cellulas de cêra
Retesa, tenue mel nellas encelleirando:

Assim, vendo-te, o meu futuro eu preparava,
Sem jamais descançar, que o coração não cança;
E pedra a pedra, sonho a sonho, edificava
O sanctuario de amor, conforme o imaginava,
Cantando o hymno da Fé e a canção da Esperança.

Eis de improviso o céo de sombras negrejantes
Se coalha; á tempestade ouço o estridor que aterra;
E toda a architectura ideal, torres brilhantes,
Columnas de marfim, porticos de diamantes,
Tudo desaba e cae com surdo som por terra.

Cae, e sobre o montão de ruinas que contemplo
Pousa a Saudade, o olhar lançando merencoria
Aos destroços que vê, triste, a imitar o exemplo
Da ave que errante vae de derrocado templo
Nos rotos paredões interrogar a historia.

Emma, que sorte adversa é a minha, que me leva
Tudo o que amo, e inda n'alma a estuar a mocidade,
Me fecha o coração num carcere de treva,
De onde, queixoso, como um rouxinol, se eleva
Pelo meio da noite o canto da saudade!?

O CINTO

Vem! O céo se estrellou. As minhas pedras finas
Começam de luzir, são estrellas tambem...

OS ANNEIS

Vem! Toma-nos a rir nessas mãos pequeninas.

UM RAMILHETE

E o baile que te espera! Afastae-vos, cortinas!
Horas são della entrar! Não tarda o baile!

O RELOGIO

Vem!

O POETA

Ella não virá mais! Ah! mas que fórma estranha
Volve piedoso ouvido á minha queixa extrema?
Quem és tu? De onde vens com pallidez tamanha,
Sob o nimbo de luz que te circumda e banha?
Fala, visão do céo: és o phantasma de Emma?

A VISÃO

Poeta! aos raios do sol que lá rolou no Poente,
Gerou-me a tua dôr e a das cousas que vês;
Como a divina Eloah de uma lagrima ardente,
Exsurge de teu pranto a tua amada ausente!
Objectos meus que amei, vejo-vos outra vez!

Que importa não ha muito um coche negro houvesse
O meu cadaver frio arrancado daqui?
Fardo mortal, o corpo á sepultura desce,
Mas a alma azas desprende, em visão reapparece,
Torna ao bem que deixou, ama e canta e sorri.

Não creias para nós tudo acabou no instante
Em que sentiu teu beijo a friez de minha mão;
Para os que amam, a morte é porta de diamante:
Vêm-se della através, falam-se amante e amante...
Oh! a saudade, poeta, é uma resurreição!

INDICE

Paris — Imp. Paul Dupont (Cl.). Thouzellier, Dr. 1912